

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

José Alberto Batista Filho

A escola do bairro que samba: a cátedra do samba na cidade de Guaratinguetá

Juiz de Fora

2025

José Alberto Batista Filho

A escola do bairro que samba: a cátedra do samba na cidade de Guaratinguetá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/a em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Orientadora: Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias

Juiz de Fora
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Batista Filho, José Alberto.

A escola do bairro que samba: a cátedra do samba na cidade de Guaratinguetá / José Alberto Batista Filho. -- 2025.
126 p.

Orientadora: Juliana Maddalena Trifilio Dias

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. escolas de samba. 2. saberes populares. 3. lugar geopsíquico. 4. experiência urbana. I. Trifilio Dias, Juliana Maddalena, orient. II. Título.

José Alberto Batista Filho**A escola do bairro que samba: a cátedra do samba na cidade de Guaratinguetá**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre(a) em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 15 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Dr(a). Juliana Maddalena Trifilio Dias - Orientador(a) e Presidente da Banca

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr(a). Guilherme Augusto Pereira Malta

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr(a). Julia Santos Cossermelli de Andrade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Juiz de Fora, 21/07/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Maddalena Trifilio Dias, Professor(a)**, em 15/08/2025, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Julia Santos Cossermelli de Andrade, Usuário Externo**, em 15/08/2025, às 19:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Augusto Pereira Malta, Professor(a)**, em 15/08/2025, às 21:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2509036** e o código CRC **6D74AE93**.

Dedico este trabalho àqueles que *para sempre*
serão lembrados.

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos relembando a figura que personificou a ancestralidade em minha vida: minha avó Maria Cléia. Ao longo dos vinte e três anos que convivi com ela, ouvi relatos e pude participar de momentos que compuseram a vida de uma senhora batalhadora, corajosa e que desafiou a própria vida para cumprir com seu desejo: viver. Entre esses relatos, a ouvi contar que seu sonho, quando criança, era ser professora, e sempre exibia com orgulho a caligrafia caprichosa que também desafiava a saúde debilitada pelo reumatismo. Esse sonho não se concretizou para ela, mas se realizou nos filhos e netos, que hoje seguem com orgulho a carreira docente — entre eles, eu.

Minha avó partiu no dia 21 de agosto de 2023, no mesmo dia em que se iniciaram as atividades deste mestrado, marcando uma fase conflituosa, cheia de perspectivas, sonhos, decepções e esperança — mas, principalmente, movida por uma fé desassociada de religião, que me permitiu acreditar em momentos melhores. Esta dissertação é a materialização de dois anos de trabalho, dois anos de dúvidas, dois anos de esperança. Ela encerra uma etapa de transformações que sempre foram acompanhadas pela imaterialidade da Dona Cléia, que sobreviveu em minha memória. Em um trabalho onde as pessoas são como pilares, aquele que alicerça a arquitetura deste texto não pode mais ser referenciado no mundo material, mas existe na realidade psíquica daqueles que recordam, na religiosidade daqueles que rezam para Santa Rita e Nossa Senhora Aparecida, e nos lugares por onde ela deixou sua marca.

Por isso — e por muito mais — meus agradecimentos são para minha avó, que, apesar de ter o coração colorido de vermelho e branco pela Embaixada do Morro, dizia torcer para o Bonecos Cobiçados, em verde e rosa, por causa da minha mãe e de mim. Se um dia ela quis ir ao carnaval ver as escolas se apresentarem na praça e não pôde, hoje seu neto registra parte da história desse carnaval. Muito obrigado, vó.

Nessa esteira, não poderia deixar de agradecer à minha mãe, que me acompanhou desde sempre nos carnavais de Guará — quando eu ainda não tinha idade para ir sozinho — e agora que sou eu quem pede companhia para brincar o carnaval. Os lugares são feitos por pessoas, e meus lugares de carnaval têm você como principal figura. Muito obrigado.

Na sequência, agradeço à minha irmã, Ana Cecília. Nada do que faço surge sem ter você como inspiração, e nada do que entrego escapa da reflexão sobre se aquilo estaria adequado para você. Se tento me aprimorar, me qualificar e me desenvolver, é porque tenho você como irmã. Obrigado. No âmbito familiar, agradeço ainda pela existência do Aquiles — sua companhia é insubstituível e faz parte deste mestrado. Obrigado.

Aproveito para agradecer carinhosamente ao Denis e à Ana Júlia. Nada pode ser bem-feito sem a companhia de amigos e de pessoas que te admiram, te prezam e te estimam. Assim, agradeço todos os dias pela presença de vocês, vocês foram fundamentais para mim ao longo desse percurso. Muito obrigado!

Ainda, agradecer à pessoa que te guia mesmo nas turbulências se faz necessário quando se trata da escrita de uma dissertação. Essa pessoa recebe o título de orientadora, mas assume uma posição de admiração e respeito para além da vida acadêmica. Ela se torna modelo e referência a ser seguida, me formando diariamente enquanto professor de Geografia e enquanto pesquisador. Por isso, meus agradecimentos à professora Juliana Dias, que, desde a graduação, me orienta com paciência, respeito e acolhe aquilo que é falado — escutando atentamente palavras que sequer percebo que digo. Esta dissertação surge a partir dessas palavras soltas, ditas sem atenção, mas que se tornam pesquisa e dizem sobre mim, sobre minha história e sobre o que gostaria de seguir fazendo: falando sobre carnaval. Obrigado, professora!

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de estudos, fundamental para a realização desta pesquisa. O investimento público em educação e ciência transforma vidas, amplia horizontes e fortalece o compromisso com uma sociedade mais justa e democrática.

Ser bamba é ter fé na vida
No despertar de um novo dia
O Morro canta a sua raiz
Justiça, paz, prosperidade
Sem preconceito vou ser feliz
Me educar na força da comunidade

(Embaixada do Morro, 2002)

RESUMO

Esta dissertação investiga as escolas de samba da cidade de Guaratinguetá-SP, com ênfase na Escola de Samba Bonecos Cobiçados, enquanto espaços educativos e de produção de saberes populares. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na escuta sensível, foram analisados sambas de enredo, registros históricos, observações de campo e entrevistas com membros da agremiação. O trabalho parte do pressuposto de que o samba, enquanto manifestação cultural popular, possui potência pedagógica e articula memórias, identidades e territorialidades. A cidade de Guaratinguetá é apresentada como território de tensões simbólicas entre o sagrado institucionalizado e a religiosidade popular, onde o carnaval emerge como forma potente de expressão e resistência. A Escola de Samba Bonecos Cobiçados é compreendida como cátedra popular, espaço de formação coletiva, fortalecimento comunitário e construção de subjetividades. A dissertação articula conceitos como lugar geopsíquico, comunidade e saber popular para valorizar os saberes que emergem da cultura carnavalesca. Ao final, o estudo reafirma a importância do reconhecimento institucional das escolas de samba como lugares de saber aponta para os desafios encontrados no contexto de Guaratinguetá.

Palavras-chave: escolas de samba; saberes populares; lugar geopsíquico; experiência urbana.

ABSTRACT

This dissertation investigates the samba schools of Guaratinguetá-SP, with emphasis on the Bonecos Cobiçados Samba School, as educational spaces and producers of popular knowledge. Based on a qualitative approach grounded in sensitive listening, the research analyzes samba-enredos (theme songs), historical records, field observations, and interviews with members of the school. The study starts from the premise that samba, as a popular cultural manifestation, holds pedagogical potential and articulates memory, identity, and territoriality. The city of Guaratinguetá is presented as a territory of symbolic tensions between institutionalized sacredness and popular religiosity, where carnival emerges as a powerful form of expression and resistance. The Bonecos Cobiçados Samba School is understood as a popular cátedra (chair), a space for collective formation, community strengthening, and the construction of subjectivities. The dissertation articulates concepts such as geopsychic place, community, and popular knowledge to highlight the value of knowledge emerging from carnival culture. Finally, the study reaffirms the importance of institutional recognition of samba schools as places of knowledge and points to the challenges encountered in the context of Guaratinguetá.

Keywords: samba schools; popular knowledge; geopsychic place; urban experience.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
1 INTRODUÇÃO	8
2 GUARATINGUETÁ – UMA VISITA CANTADA À TERRA DE SANTOS E SAMBAS	13
2.1 UM RETORNO ÀS PALAVRAS JÁ DITAS	18
2.2 OUTROS VERSOS QUE NOS CANTAM HISTÓRIAS:	25
2.3 UMA CIDADE ERGUIDA NO SAMBA.....	37
3 UNIVERSIDADE DO SAMBA BONECOS COBIÇADOS: A ESCOLA <i>QUE</i> SAMBA E O SAMBA QUE EDUCA.....	48
3.1 VOU DE BECA PARA A FOLIA COM CULTURA E ALEGRIA, E DIPLOMA NA MÃO. 50	
3.2 NO CAMPINHO TEM, TEM, TEM, TEM... ..	63
3.3 SE OS BONECOS NÃO DESCER NÃO HÁ SAMBA NO ASFALTO	73
4 DE VERDE E ROSA EU VOU: AQUI EU ME SINTO BEM.	85
4.1. GENTE BAMBA, INSPIRAÇÃO DA NOSSA ARTE: O QUE APRENDEM E O QUE ENSINAM?	94
4.1 SANTO DE CASA FAZ MILAGRE: DESAFIOS DO CARNAVAL GUARATINGUETAENSE	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	117

1 INTRODUÇÃO

Guaratinguetá, localizada a aproximadamente 160 km de São Paulo (capital do Estado homônimo), é cidade de fé e batuque, de procissão e cortejo, de silêncio e explosão. Com quase quatro séculos de história, a cidade, fundada em 1630 às margens do Rio Paraíba do Sul, inscreve-se nas narrativas oficiais como lugar pulsante do catolicismo brasileiro. Dela saíram dois dos personagens mais simbólicos da fé católica nacional: Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro, e Nossa Senhora Aparecida, a imagem negra que emergiu das águas e conquistou a devoção de milhões. Porém, além do reconhecimento institucional, Guaratinguetá guarda em suas ruas, vielas e ladeiras uma religiosidade que pulsa nos corpos, nas festas, nas danças e, sobretudo, nos sambas.

O que se propõe nesta dissertação é mergulhar nos lugares onde o samba se entrelaça com a educação, investigando como as escolas de samba – em especial a Escola Bonecos Cobiçados – se constituem como espaços de saber, memória e resistência. A cidade que samba não é apenas cenário: é sujeito ativo, agente educativo e campo de disputas culturais e políticas.

A pesquisa nasce do desejo de escutar aquilo que muitas vezes é silenciado: o saber-fazer das comunidades que sustentam com o corpo, a voz e o suor a festa mais popular do país. Nas escolas de samba, os saberes não seguem a lógica disciplinar da escola formal, mas se constroem nas vivências, nas práticas coletivas e nos ritos compartilhados. Desse modo, o enredo que guia esta investigação é o da valorização dos saberes populares que brotam do chão, do morro, do Campinho, da Pedreira, e que, ainda que não certificados por diplomas, têm validade existencial e potência formativa.

Ao escolher olhar para o samba como cátedra, assumimos uma postura metodológica e epistemológica que desloca o saber da academia para os territórios do cotidiano. Trata-se de uma escuta comprometida com a oralidade, com os afetos, com as memórias e com as experiências daqueles que constroem, ano após ano, a narrativa carnavalesca da cidade. Como nos ensina Paulo Freire, "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1981, p. 79). E o mundo que media essa educação, neste caso, é o mundo do samba. Este "mundo" não se restringe apenas ao estilo musical ou ao período do carnaval, mas se manifesta em uma complexa teia de práticas socioespaciais e estilos de vida que coexistem ao longo do ano, conforme nos aponta Dozena (2009).

A escolha da Escola de Samba Bonecos Cobiçados como foco deste trabalho não se deu por acaso. Fundada em 1957, no bairro do Campinho, é a mais antiga escola de samba da cidade,

trazendo nas cores verde e rosa a filiação com a Estação Primeira de Mangueira. A sua história está profundamente entrelaçada com a história do bairro e da cidade, refletindo as transformações sociais, políticas e culturais que marcaram Guaratinguetá ao longo das décadas. Sua trajetória é feita de glórias e desafios, de troféus e de resistências, de encontros e de despedidas. É, em si, um microcosmo das lutas populares por reconhecimento, espaço e voz dentro de Guaratinguetá. Além disso, trazer o Bonecos Cobiçados como objeto deste trabalho significa dar continuidade ao que foi iniciado no Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2022, com o título “De verde e rosa, eu vou: Lugar Geopsíquico e a Escola de Samba Bonecos Cobiçados”. Portanto, representa a continuidade de um trabalho afetivo, de reconhecimento e de devolução do autor para sua comunidade. É importante destacar que foi nessa *Escola* que o autor dessa dissertação se formou.

A partir da análise de sambas de enredo, entrevistas com integrantes da escola, observações de campo e estudos históricos, buscamos compreender como o Bonecos Cobiçados se constitui como espaço de saber. As perguntas que nos orientam são: quais saberes circulam e são produzidos no interior das escolas de samba? Como esses saberes dialogam com as experiências de vida de seus integrantes e com o lugar que habitam?

É importante destacar que esta dissertação pretende ir além de “provar” que o samba educa – como se isso precisasse ser provado –, mas busca evidenciar as formas pelas quais esse processo acontece, mesmo que de forma não institucionalizada. Trata-se, portanto, de legitimar o que já existe, mas que muitas vezes é desvalorizado pela lógica eurocentrada e colonial que rege o que é reconhecido como conhecimento válido.

A escolha de trabalhar com uma perspectiva que valoriza os saberes populares e a educação não formal insere esta pesquisa no campo da educação não-escolar. A escola de samba, nesse contexto, é tomada como território educativo, espaço onde se aprende com o corpo, com a coletividade, com os desafios do cotidiano e com a ancestralidade.

A fé popular é outro elemento fundamental para a compreensão do universo simbólico das escolas de samba em Guaratinguetá. Como apontado ao longo do trabalho, há uma relação íntima entre o sagrado e o profano, entre a devoção e a festa, entre a religião e a resistência. Essa religiosidade sincrética – que combina elementos do catolicismo, das religiões afro-brasileiras e das práticas populares – se manifesta nos sambas, nos desfiles e nos gestos cotidianos dos moradores da cidade. É a fé que sustenta, alimenta e transforma, mas pode ameaçar e abalar o que se constrói na luta.

A metodologia adotada neste trabalho parte da escuta como princípio. Inspirada na Geografia da Escuta, conforme proposta por Juliana Dias (2024), a pesquisa privilegia as vozes

dos sujeitos envolvidos com o mundo do samba em Guaratinguetá. São essas vozes que orientam o percurso da análise, definem os rumos do texto e tornam possível uma escrita que não se pretende neutra, mas comprometida com a valorização dos territórios, saberes e geografias populares.

Cabe pontuar que algumas liberdades foram tomadas na escrita desta dissertação. As letras dos sambas de enredo que foram escolhidas para serem trabalhadas ganharam destaque e ocuparam o centro das páginas, respeitando a forma como são compostas. Assim como a ordem das seções flui conforme as reflexões se encaminham, sendo fiel a forma como progrediu a escrita, os pensamentos, as evoluções, as questões, os abandonos e as escolhas, o leitor acompanhará o fluxo de pensamento do autor em grande parte do texto. Portanto, o texto foi organizado em três capítulos que se entrelaçam na costura do enredo que propomos.

O Capítulo 1 – Guaratinguetá: uma visita cantada à terra de santos e sambas – apresenta a cidade como personagem central. Por meio de uma narrativa que combina história, geografia, música e afetos, esse capítulo resgata a formação territorial, cultural e simbólica de Guaratinguetá. Os sambas de enredo são utilizados como fontes históricas e pedagógicas, permitindo uma leitura da cidade a partir das suas festas, resistências e contradições. Aqui, a cidade é apresentada não pelos monumentos oficiais, mas pelas batidas do surdo, cores das fantasias e palavras cantadas na avenida.

O capítulo também se debruça sobre a forte presença da religiosidade católica institucionalizada na cidade e, simultaneamente, revela a potência da religiosidade popular que atravessa festividades como a Festa de São Benedito. É nesse ponto que o sagrado e o profano se tocam, onde o santo cozinheiro dança com o rei do Congo, onde a missa se desdobra em congada e a romaria termina em desfile. O carnaval, longe de ser apenas entretenimento, se mostra como expressão de uma fé encarnada no corpo do povo.

O Capítulo 2 – Universidade do Samba Bonecos Cobiçados: a escola que samba e o samba que educa – é o coração da dissertação. Nele, aprofundamos a análise sobre a escola de samba escolhida como objeto central da pesquisa. Através de relatos de seus integrantes, registros históricos, fotografias e letras de samba, o capítulo revela como o Bonecos Cobiçados se constitui como espaço educativo. A escola é entendida como uma universidade popular, onde se aprende, desde criança, a desfilar, cantar, respeitar os mais velhos, construir coletivamente e cuidar do que é comum.

Nesse capítulo, a pedagogia do samba é revelada nos detalhes: na confecção das fantasias, organização dos ensaios, escolha dos enredos e na transmissão dos saberes intergeracionais. O barracão é tomado como sala de aula e o desfile é avaliado não por notas,

mas pelo brilho nos olhos da comunidade. É também aqui que surgem os conflitos, dores, disputas internas e contradições que fazem parte de qualquer experiência coletiva.

O Capítulo 3 – De verde e rosa eu vou: aqui eu me sinto bem – aprofunda a discussão sobre pertencimento e identidade. Inspirado no conceito de “lugar geopsíquico”, desenvolvido na Geografia de base psicanalítica, o capítulo analisa como o vínculo afetivo com a escola de samba constrói subjetividades e fortalece o sentimento de pertencimento ao lugar. O Campinho, bairro onde está localizado o Bonecos Cobiçados, é mais do que um espaço geográfico: é um lugar vivido, sentido e simbolizado.

Aqui, escutamos os relatos dos componentes que dizem “eu sou o Bonecos” ou “a escola é a minha vida”, revelando como a agremiação se torna extensão do lar, da família e da trajetória pessoal. O samba é, nesse contexto, dispositivo de subjetivação, ferramenta de construção do eu em diálogo com o outro e com o lugar. O que está em jogo não é apenas o desfile de fevereiro, mas a vida toda que se organiza em torno da escola.

Por fim, nas Considerações Finais, retomamos os principais achados da pesquisa e defendemos a urgência de reconhecer as escolas de samba como espaços legítimos de educação. Se a universidade tem cátedras, o samba também as tem. Se a escola formal ensina conteúdos, as escolas de samba ensinam modos de vida. E se a educação é um direito, o samba é uma das formas mais potentes de exercê-lo.

Essa dissertação é, antes de tudo, um ato de escuta e de respeito. Escuta das vozes que historicamente foram silenciadas; respeito pelos saberes que brotam da vida cotidiana. Não se pretende aqui transformar a escola de samba em objeto de fetichização acadêmica, mas reconhecer sua importância histórica, cultural, política e pedagógica. Trata-se de algo de realização pessoal e de construção coletiva, onde orientadora e orientando erguem juntos um texto que valoriza narrativas pessoais, histórias comunitárias e exaltação de lugares que significam, em muitos casos, a própria vida daqueles que os frequentam. Em tempos de apagamento das culturas populares e de ataque às manifestações afro-brasileiras, este trabalho se inscreve como gesto de resistência e de afirmação.

Portanto, esta dissertação é uma tentativa de reposicionar o olhar acadêmico: do centro para a margem, do altar para o barracão, do discurso oficial para o verso cantado. A escola do bairro que samba é, antes de tudo, a escola da vida.

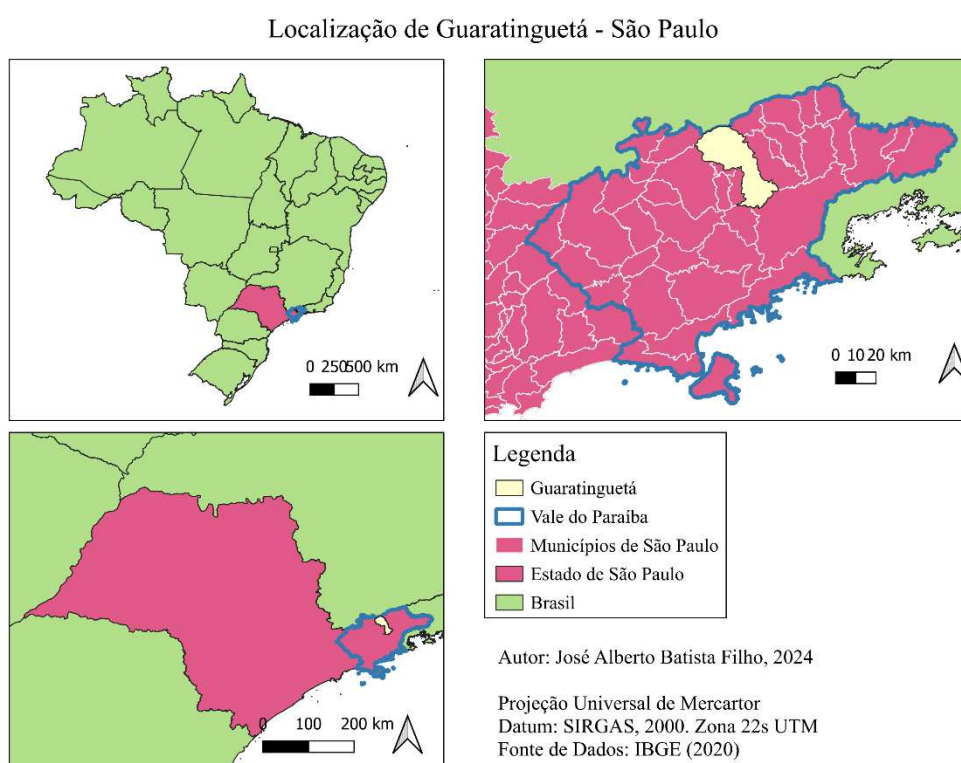
Guaratinguetá é a cidade que samba. E o samba, nessa cidade, educa. Ensina com o corpo, com o coração e com a coletividade. O Campinho é o bairro que samba. E o samba, nesse bairro, pulsa no ritmo do surdo, e faz circular a utopia que sustenta a esperança de cada morador. O Bonecos Cobiçados é a escola do bairro que samba. Por isso, a escola do bairro que

samba é, também, uma escola do povo para o povo – onde não é necessário uniforme, mas se usa fantasia; onde a prova é o desfile e a nota é o aplauso; onde a lição é o respeito e o currículo é a vida. Na escola em que cada toque de tambor soa como uma aula, o desfile se torna uma dissertação coletiva.

2 GUARATINGUETÁ – UMA VISITA CANTADA À TERRA DE SANTOS E SAMBAS

Guaratinguetá foi fundada com a construção da capela dedicada ao santo português Antônio de Pádua, em 13 de junho 1630, de acordo com o livro-tombo da igreja (Guaratinguetá, 2022). Erguida no alto de uma colina com vista para os pastos e para a vegetação que margeava o Rio Paraíba do Sul, a construção viu crescer em seu entorno o povoado que seria elevado à categoria de vila em 1651, pelo bandeirante Domingues Leme, considerado fundador da cidade. Apenas cento e noventa e três anos depois Guaratinguetá se tornou cidade. Ao longo desses séculos, o município figura como o mais antigo¹ do Vale do Paraíba Paulista, se aproximando dos seus 395 anos na altura da escrita dessa dissertação, 2025.

Mapa 1 - Localização de Guaratinguetá - São Paulo



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

¹ A cidade de Taubaté disputa o título de cidade mais antiga com Guaratinguetá. Taubaté se tornou cidade em 1842, dois anos antes de Guaratinguetá. Apesar disso, a fundação enquanto povoado entrega a Guaratinguetá o título, tendo dez anos a mais de fundação, 1630, enquanto Taubaté foi fundada em 1640.

Durante esses anos, a cidade assumiu diversas funções políticas e econômicas, desempenhando papéis distintos no cenário nacional. Por muito tempo, sua importância residiu no papel de interposto comercial para quem se deslocava entre Minas Gerais e buscavam o litoral em Paraty, no Rio de Janeiro ou faziam o percurso entre Rio de Janeiro e São Paulo. Sua localização, às margens do Rio Paraíba do Sul, serviu como via comercial entre algumas cidades da região. A vasta e diversa rede de transportes que abastecia a cidade permitiu que Guaratinguetá se desenvolvesse e se tornasse um ponto de parada para viajantes, cultivando a devoção ao santo padroeiro dos tropeiros, São Gonçalo, e o desenvolvimento de um centro comercial diversificado, como veremos mais adiante.

A ocupação foi possível às custas do genocídio da população indígena que habitava a região no período anterior à invasão colonial. Guaratinguetá foi terra dos puris, indígenas que habitavam a região do Vale do Paraíba. Na altura da fundação, em 1630, e de sua elevação ao status de vila, em 1951, os povos indígenas “passaram por um processo inicial de destribalização, que depois se acentuou quando foram retirados dos aldeamentos e introduzidos na sociedade que se formava” (Ramos, 2017, p. 36). Como nos aponta Ruzene (2023), com o avanço das expedições bandeirantistas, Guaratinguetá se tornou um interposto seguro para viajantes por não conter indígenas considerados hostis.

Apesar do genocídio praticado com as etnias que antecederam a ocupação colonial da região de Guaratinguetá, especificamente, e do Brasil, de modo geral, cabe destacar que a palavra Guaratinguetá tem sua origem no Tupi, *Gûyrátingetá*², e significa “muitas garças brancas”, onde *Guará* é garça, *tinga* é branco e *etá* é muito.

Desde sua fundação, às custas do genocídio indígena da região, Guará se tornou uma parada importante para os viajantes, comerciantes e tropeiros que percorriam a região. Apesar disso, o naturalista Saint-Hilaire ao passar pela cidade em 1822, descreve brevemente sobre o comércio realizado na cidade: “Vendas bem sortidas indicam que esta cidade faz algum comércio, mas como a maioria das casas, hoje, que é dia útil, está fechada, presumo que pertençam a cultivadores que não as habitam senão nos domingos e dias de festa” (Saint-Hilaire, 1972, p. 83).

Esse relato nos indica a presença de atividades comerciais e da produção rural da cidade, que consistia principalmente no plantio de cana-de-açúcar, café e mandioca (Saint-Hilaire,

² GÛYRÃ-TINGA. Ornitologia: garça branca, ave da família dos ardeídeos, gênero *Casmerodius* (a grande) e *Leucopynx* (a pequena). ETÃ (Ç-). • Indefinido; muito (a) (s), muitas vezes, - numeroso (a) (s). No tupi colonial passou-se a usá-lo para realçar a pluralização. Ex: pirá: peixe. Piará-eté: muitos peixes. Não sendo complemento predicativo, segue o substantivo. É adjetivo e pronome indefinido. Está no limite entre afixo e radical (CARVALHO, 1987).

1972). Embora a cidade se voltasse principalmente para o comércio, como cidade de interposto comercial, outras atividades eram oferecidas na zona urbana, como relata o naturalista:

Ao entrar na cidade quando se vem do Rio de Janeiro, transpõe-se numa ponte de madeira um riacho afluente do Paraíba, chama do de S. Gonçalo. Do lado oposto atravessa-se outro ribeirão rio dos Mortos [sic] e assim a parte mais considerável da cidade fica entre estes dois rios. A Casa da Câmara, que ainda não está acabada, ocupa um dos lados de pequena praça quadrada situada na parte mais baixa da cidade. É neste mesmo largo que desemboca a única rua que vai dar ao rio, marginada pelas mais miseráveis choupanas. Não me pareceu habitada senão por mulheres de má vida (Saint-Hilaire, 1972 p. 84)

A partir desse último relato, podemos ter ainda um vislumbre da organização da cidade no século XIX. Sua configuração segue ao padrão das cidades coloniais do Brasil, onde, a partir da Igreja Matriz, ergue-se na direita os principais prédios da administração pública, como câmara de vereadores, delegacia, prisão e prefeitura (Moreira, 2014). No caso de Guaratinguetá, ergue-se ao fim da rua o paço municipal, de frente à outra igreja, a Igreja do Rosário dos Homens Pretos. Além disso, a geografia da região moldou a cidade, com dois ribeirões delimitando-a e as colinas aproveitadas pelas construções, como a Igreja de Santo Antônio. Saint-Hilaire pontua que a cidade ficava, em predominância, entre dois ribeirões, o Ribeirão São Gonçalo e o Ribeirão dos Motas, à época conhecido como Ribeirão dos Mortos:

Ao entrar na cidade quando se vem do Rio de Janeiro, transpõe-se numa ponte de madeira um riacho afluente do Paraíba, chamado de S. Gonçalo. Do lado oposto atravessa-se outro ribeirão rio dos Mortos [sic] e assim a parte mais considerável da cidade fica entre estes dois rios (Saint-Hilaire, 1972 p. 83).

Abordando a paisagem da cidade, hoje fortemente modificada pela ação antrópica, Guaratinguetá é emoldurada pelas Serras da Mantiqueira e do Quebra-Cangalha, o que gerava uma paisagem “extensa e risonha”, conforme apontou o naturalista Saint-Hilaire ao percorrer essas terras em sua passagem em 1822.

A vista não é mais a dos campos, nada nele lembra a majestade das grandes matas virgens; mas é a um tempo extensa e risonha e as montanhas, que de todos os lados limitam o horizonte, dão variedade à paisagem. Atrás de nós tínhamos a serra da Mantiqueira e à frente a da Quebra-Cangalha por nós divisada desde que deixáramos o Registro. Não passa de contra forte da grande cadeia paralela ao mar. Assim, o terreno que percorrerei é uma grande bacia entre duas grandes cordilheiras. (Saint-Hilaire, 1822, p. 82).

Não é uma exclusividade de Guaratinguetá que sua fundação tenha ocorrido em dia santo, em torno da construção de uma igreja, especialmente se levarmos em consideração a

enorme importância que a Igreja Católica exerceu na formação das cidades brasileiras (Silva, 2010). Para além do papel de agente transformador da paisagem exercido pela igreja, a religiosidade católica fundou raízes na terra das garças brancas em menos de um século após sua fundação com fatos que entrariam para a história do Brasil.

É amplamente conhecida a história da santa que, no mês de outubro de 1717, foi encontrada por três pescadores nas águas do Rio Paraíba do Sul. Primeiro encontraram o corpo, depois a cabeça. A imagem, feita de barro paulista, de tonalidade escura, alguns séculos depois se tornou a padroeira do Brasil, conhecida como Nossa Senhora de Aparecida. Desde sua descoberta, foram diversos os milagres atribuídos a imagem, alimentando a fé dos católicos que passaram a peregrinar até o bairro afastado de Guaratinguetá, onde Nossa Senhora teria *aparecido*.

Ao longo de pouco mais de dois séculos, era para a cidade de Guaratinguetá que os fiéis e devotos da santa se deslocavam, uma vez que a emancipação da cidade de Aparecida ocorreu apenas em 1928. Antes disso, Aparecida permaneceu sendo distrito de Guaratinguetá e, conforme indica Saint-Hilaire (1822), sempre atraiu grande atenção dos fiéis ao redor do país: “A uma légua pequena de Guaratinguetá, passamos em frente à capela de N. S. da Aparecida. A imagem que ali se adora passa por milagrosa e goza de grande reputação, não só na região como nas partes mais longínquas do Brasil (Saint-Hilaire, 1822, p.85).

Alguns anos após o aparecimento de Nossa Senhora nas águas do rio que recorta Guaratinguetá, a cidade foi berço de outra figura importante para a fé católica: nasceu, em 1739, Antônio de Sant’Ana Galvão ou apenas Frei Galvão, como se tornou conhecido. Sua história foi marcada pela religiosidade e reconhecida pelos milagres que foram creditados por suas ações em vida e como intercessor. Em 2007, Frei Galvão foi canonizado pelo Papa Bento XVI, se tornando o primeiro santo nascido no Brasil.

Guaratinguetá, além de ter na constituição da sua história a padroeira do país e ser o berço do primeiro santo brasileiro (o que seria o suficiente para ser considerada uma terra santa para os católicos), possui ainda uma tradição secular com a Irmandade de São Benedito, fundada em 1757 e em atividade até os dias atuais.

Guaratinguetá teve ao longo de sua história o registro de duas Irmandades Religiosas em atividade: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada em 1727, da qual se tem poucos registros, e a Irmandade de São Benedito dos Pretos Cativos, fundada em 1757 e em atividade até os dias de hoje (Ribeiro, 2017).

As irmandades chegaram no Brasil com os portugueses e a fé católica. Podem ser definidas como uma associação de fiéis leigos em torno de um santo de devoção (Cruz, 2007).

Essas organizações foram de suma importância para a sociabilidade negra no Brasil e para a cidade de Guaratinguetá.

Esses três exemplos da religiosidade da cidade contribuem para tonalizar aspectos culturais da cidade. Podemos imaginar que a rotina da cidade é bastante afetada em função da fé católica. Anualmente temos a comemoração do Dia da Padroeira, em outubro. Além disso temos a Festa de Frei Galvão, comemorada em novembro, assim como a Festa de São Benedito, nos dias da Semana Santa. Em casos mais exclusivos, temos a mobilização da cidade e da região para a visita da autoridade máxima da Igreja Católica, como aconteceu com os Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

A partir disso, é possível notar a configuração cultural da cidade muito construída em torno da fé católica, ainda que a prática da religião não seja necessariamente o ponto central desse motor que organiza a cidade. Além disso, também a economia e a política local são moldadas pelas dinâmicas religiosas. Podemos elencar, como exemplo, a dinâmica em torno da Basílica de Nossa Senhora de Aparecida, que recebe milhares de turistas anualmente e movimenta a economia de Aparecida e demais cidades da região.

Acerca disso, a presença do maior santuário mariano do mundo construído na cidade de Aparecida cria “fronteiras nebulosas” (Godoy, 2015) entre a política, a religião e a economia. A cidade valoriza o turismo promovido pela imagem da santa, que se torna símbolo religioso e marca comercial, assim como abriga uma estação de rádio própria, um canal de televisão, shopping, rede de hotel e gera emprego para os moradores da cidade e da região (Godoy, 2015). Nesse processo, a religião assume a posição de ser algo que alimenta além da fé dos fiéis, mas abastece e movimenta a economia e a política local.

Guaratinguetá segue o caminho de construir um santuário para Frei Galvão e de desenvolver o turismo religioso, com o Museu Frei Galvão, a Casa de Frei Galvão, o Santuário Frei Galvão e a Igreja de Santo Antônio, local onde são distribuídas as pílulas milagrosas de Frei Galvão.

Esses exemplos servem para indicar a forte presença da religiosidade nas ruas da cidade de Guaratinguetá a partir de uma perspectiva institucional da igreja católica. Entretanto, o que chama a atenção para nosso trabalho é o que vai na contramão da religiosidade institucionalizada pela igreja: a fé popular (ou religiosidade popular) que entendemos como aquela que não carece da patente institucional (Jurkevics, 2004). Guará, apesar da canonicidade do catolicismo que sabrecai aos títulos que recebe, tem na fé popular seu forte religioso. Essas aproximações entre a religião e as festas profanas acompanharão este texto, uma vez que é difícil desassociar o catolicismo de Guaratinguetá e a aproximação das escolas de samba das

religiões de matriz africana. Veremos que a fé popular se manifesta também no carnaval de Guaratinguetá, quando desfiles carnavalescos assumem símbolos e representações católicas para homenagear os santos de devoção da comunidade ou homenagear tradições da cidade.

Algumas das formas de religiosidade popular, consistem ainda hoje em práticas (feitiçarias, mau olhado, orações, mitos) que muitas vezes se unem a ritos cristãos, como o culto a Nossa Senhora e aos Santos e peregrinações aos Santuários. A religiosidade popular, corresponde a um complexo muito variado de expressões (Coelho, 2017, p. 14).

É interessante notar que, assim como as escolas de samba possuem tradições e costumes que descendem de práticas culturais afrodiáspóricas, a religiosidade popular também pode ser entendida como “a sobrevivência de algumas crenças e práticas anteriores aos processos de cristianização que foram sobrevivendo e chegaram até nós” (Coelho, 2017, p. 14).

Nessa esteira, conseguimos olhar para Guaratinguetá sob a ótica religiosa amparada pela fé institucional e considerar também as práticas populares. Assim, cabe notar que Guaratinguetá não tem em seu calendário e na consideração da sua história apenas datas voltadas para a prática da fé católica. Um dos feriados mais importantes e comemorados pela cidade é o carnaval, fazendo de Guará um reflexo da religiosidade popular brasileira, onde elementos profanos se unem ao sagrado para representar e dar sentido à vida da população.

Sobre essa relação entre o sagrado e o popular, alguns sambas de enredo podem ajudar a narrar e costurar essa incipiente leitura sobre Guaratinguetá, tanto sambas de enredo que contam a história da cidade quanto aqueles que narram elementos e passagens locais. Queremos que eles se juntem para contar um pouco da história de Guará a partir dos sambas da sua cidade.

Acreditamos que é possível aprender com as letras dos sambas de enredo e as histórias que por eles são contadas. Portanto, iremos aos enredos que são frutos da mistura da sabedoria popular com as fontes acadêmicas para compreender o que é a cidade das garças brancas. Afinal, se é de escolas de samba que vamos falar, será das escolas de samba que ouviremos o que tem que ser dito.

2.1 UM RETORNO ÀS PALAVRAS JÁ DITAS

Na altura da escrita do Trabalho de Conclusão de Curso do autor dessa dissertação, defendida no ano de 2022, o primeiro capítulo abordava Guaratinguetá a partir do samba de enredo da Escola de Samba Embaixada do Morro, localizada na cidade. O TCC, intitulado “De verde e rosa eu vou: Lugar geopsíquico e a escola de Samba Bonecos Cobiçados”, colocava em

diálogo a geografia de base psicanalítica sob a utilização do conceito de lugar geopsíquico e as relações estabelecidas por membros das escolas de samba com essas agremiações, buscando compreender como vínculos, laços e sentimentos eram estabelecidos com os lugares das escolas de samba. Adiante, essa discussão será retomada e abordada de forma mais aprofundada. Por enquanto, cabe explicar apenas que a abordagem pedia por uma explanação sobre a história do município e a forma escolhida para fazer isso foi a partir de um samba da escola de samba Embaixada do Morro.

Com o enredo “Guaratinguetá, desculpe a demora”, a escola de samba faturou um título do carnaval da cidade se desculpando pela demora em produzir um desfile em homenagem ao município. Na altura desse desfile, apresentado em 1984, a Embaixada do Morro já acumulava oito títulos e comemorava quarenta anos de existência, mas a nona estrela do pavilhão só chegou quando ela apresentou para os guaratinguetaenses partes da história e da cultura da própria cidade.

Guaratinguetá, desculpe a demora - 1984

*Apesar desta demora, já é hora
A Embaixada traz Guará e comemora
Caminhando cortando o Vale o Rio vem surgindo
O ressoar da mata vem da cascata que vai caindo
Vivendo nessa terra Índio guerreiro presenciou
Guaratinguetá
Quando Domingos Leme fundou
Guará é tinga é tinga /
Bota o guisado pra assar /
Repica na timba o Rei tá pra chegar /
Em tempo de riqueza /
Era tanto ouro cana e café
Sinhazinha moça desfilando seu rendado
E o moço a dar passagem
Mas a vida foi passando
Nossa história formando
Rodrigues Alves, Zerbini e Dilermando
Festas populares /
Artes e esportes e o povo em geral
Ô ô ô ô E o carnaval
(Embaixada do Morro, 1984)*

Como a letra do samba denota, aspectos geográficos como o Rio Paraíba do Sul, as matas e cachoeiras da Serra da Mantiqueira são enaltecidos pelos versos, valorizando as riquezas naturais que fazem de Guaratinguetá um atrativo turístico natural. No aspecto histórico, a letra do samba ainda aborda a presença dos povos indígenas, destaca etimologia do

nome da cidade, evidenciada no refrão pelas palavras ‘Guará’ e ‘tinga’, oriundas do tupi, e apontam para a presença do bandeirante Domingos Leme na fundação da cidade.

Não obstante, aspectos econômicos, como a produção agrícola e extrativista da cidade, são evidenciados ao cantar sobre ouro, cana e café, sendo que as últimas ainda relevantes para a economia da cidade. Além disso, os compositores trabalharam o samba em cima do nome de personalidades históricas nascidas na cidade, como Rodrigues Alves, o médico cardiologista Dr. Zerbini e o músico Dilermando Reis. As festas populares, artes e esportes são citadas antes que o refrão retorne e seja feito o pedido de desculpas pela demora da realização da homenagem.

Fato curioso que se deu entre a produção do Trabalho de Conclusão de Curso e a escrita da dissertação está na dúvida que surgiu acerca da passagem que referencia a vinda de um rei para terras de Guaratinguetá. O verso “repica na timba / O rei tá pra chegar” entrega um duplo sentido. Esse verso poderia tanto se tratar da passagem de Dom Pedro I ao percorrer o caminho até São Paulo na ocasião da proclamação da Independência do Brasil, quanto uma referência às festividades do Congo, onde ocorre a coroação do Rei e da Rainha da festa.

Para ambos os casos foi possível encontrar registros que fariam jus ao que foi referenciado na letra do samba. No primeiro caso, que se trata da passagem do imperador, temos evidências de que a cidade se preparava com o embelezamento das ruas e se preocupava com a iluminação pública para melhor receber a ilustre figura de Dom Pedro I (Pasin, 1972).

Para o segundo caso, a tradição das festividades populares da cidade – que por acaso também são citadas na letra do samba – tem em seu rol a festa de São Benedito e São Gonçalo, realizadas com cavalarias, distribuição de doces, oferecimento de cafés e procissão que percorre as principais e mais antigas ruas da cidade. Nesse itinerário incluímos ainda as apresentações de congadas que costumam anteceder os ritos eclesiásticos. Todos esses eventos são organizados pela Irmandade de São Benedito, que desde o século XVII se apresenta como um dos principais grupos formados por civis em atividade contínua, e se assemelham aos costumes da festa do Rei do Congo. Originalmente, as festividades para o Rei do Congo se organizaram “em torno de irmandades leigas de devoção a determinados santos, com destaque para Nossa Senhora do Rosário e São Benedito” (Souza, 2005, p. 82).

Guaratinguetá, ao longo dos quase quatrocentos anos de história, teve ambas as irmandades, ambas sediadas em duas das três igrejas mais antigas da cidade, como destaca Saint-Hilaire (1972). A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos se endereçava na igreja em homenagem à santa na praça principal da cidade, até o ano de 1935

(data mais aceita), quando foi demolida após ser bombardeada pelas tropas federais durante a Revolução Constitucionalista.

Fotografia 1: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos



Fonte: Museu do Ipiranga – Acervo Online

Já a Igreja de São Benedito foi remodelada ao longo de sua existência. A princípio, a capela erguida no alto de uma colina era em devoção a São Gonçalo, padroeiro dos tropeiros que faziam paradas nela ao longo de suas viagens. Entretanto, com a utilização da igreja pela Irmandade de São Benedito, o altar principal passou a ser dividido com o santo cozinheiro. A obra na igreja fez modificações relevantes na sua estrutura e alternou sua face para outro lado, de modo que atualmente temos duas praças que a ladeia: a Praça São Gonçalo (para onde a igreja se voltava antes da obra) e a Praça São Benedito (para onde se volta após a obra). No século XX a igreja se torna a Paróquia do Puríssimo Coração de Maria, de modo que o altar principal é dividido entre três imagens.

Toda essa remodelação não apagou a tradição da Irmandade de São Benedito, que resistiu e prossegue ativa com a fé e os costumes. Entre esses costumes, um dos mais importantes é a nomeação do Rei e da Rainha da festa de São Benedito, que ganha a

oportunidade de nomear sua corte. Além de colaborarem com a realização da festa, essas figuras ganham prestígio social e percorrem as ruas da cidade no dia da procissão usando trajes elegantes, destoando dos outros fiéis. Essa tradição é semelhante à praticada nas festas do Rei do Congo, como nos aponta Souza (2005), ocasião na qual a corte desfila pelas ruas da cidade ao som de instrumentos de percussão em homenagem ao santo de devoção.

Em 2023, a escola de Samba Acadêmicos do Campo do Galvão homenageou a festa de São Benedito em seu Carnaval. Com o refrão “E na batucada de gente bamba / o santo cozinheiro é coroado / levanta o mastro, povo do samba / sou azul, vermelho e branco, sou morada” (Acadêmicos do Campo do Galvão, 2023), a agremiação levou para a avenida a história da festa mais tradicional da cidade.

Os versos do samba reforçam os elementos que já foram anunciados anteriormente e que pertencem aos ritos festivos da principal festa católica da cidade. Entre eles estão a importância dada ao dia da procissão, realizada na segunda-feira seguinte ao domingo de Páscoa, quando as principais ruas do centro histórico da cidade são fechadas para receber a procissão de fiéis retratada da seguinte forma: “Um lindo arrebol, vem anunciar / da capela os sinos ressoam / fogos na alvorada / hoje é o grande dia / segue a procissão em romaria” (Acadêmicos do Campo do Galvão, 2023).

Outros elementos também são lembrados pelo samba, como a distribuição dos doces, a cavalaria e a congada, retratadas nos versos seguintes: “doces da fé, devotos a bradar / e os cavaleiros em comunhão / no compasso da “Congada ao rei negro” / paz e amor fraternidade pra louvar / a nossa tradição / São Benedito é imagem / no estandarte do Campo do Galvão” (referência). O exemplo desse samba é bem-vindo para indicar que essa sincronia entre a fé e o carnaval na cidade é antiga e ainda anda lado a lado, tornado a festa profana recheada de elementos sagrados de diversas religiões, inclusive da fé católica.

Seguindo o levantamento das hipóteses que foram aventadas durante a escrita do TCC, temos a segunda possibilidade: a de que o samba de enredo poderia estar referenciando o Rei do Congo, tradição que existe e se adaptou aos costumes da cidade. No TCC essa questão foi deixada em aberto por falta de materiais que pudessem esclarecer a dúvida. No entanto, a incerteza foi valorizada por enriquecer a narrativa e a possibilidade de contar histórias sobre a cidade, como no caso da passagem de Dom Pedro, e de apresentar um pouco da tradição da Festa de São Benedito. Se a proposta é deixar que os sambas cantem as histórias da cidade, dúvidas como essas são bem-vindas.

Entretanto, durante uma visita ao Museu de Frei Galvão, propiciada em função da pesquisa e da busca por dados e fontes sobre o carnaval guaratinguetaense, acessei um

documento da Escola de Samba Embaixada do Morro datado de 1984, ano do samba de enredo que estamos analisando. Para a minha felicidade, se tratava de um documento que apresentava a organização da realização do desfile, com algumas justificativas sobre o enredo, entre elas a que utilizamos para explicar a razão pela qual iniciamos por este samba: “Como 1984 é uma data importante para a Embaixada do Morro, o Enredo trata da história de Guaratinguetá, algo que nunca tinha sido feito por qualquer entidade carnavalesca” (Embaixada do Morro, 1984b).

Pela originalidade do enredo, como anunciado pela própria agremiação, o samba se apresenta como porta de entrada para quem procura compreender a cidade a partir da sua principal festa popular. Além disso, encontrei a resposta para as hipóteses levantadas na ordem do desfile que seria apresentado. Na terceira parte do desfile, na qual as festas populares e o esporte são exaltados pela escola, haveria um destaque intitulado “Rei da Congada”, e logo após o destaque viria a ala “‘Festa de São Benedito’: representa a grande festa popular religiosa da cidade que é a festa de São Benedito” (Embaixada do Morro, 1984b). Com essa informação fica esclarecido que o samba se refere à tradição popular de coroação do Rei da Festa do Congo, e não a passagem do Imperador. Apesar disso, como o desfile carnavalesco é um conjunto de elementos artísticos que pedem interpretação ao observador, a possibilidade da dúvida enriqueceu a narrativa. Antes de seguir para outras análises e outros sambas, cabe destacar mais alguns pontos encontrados nesse documento, como exemplo:

A proposta de carnaval da Embaixada do Morro é, do ponto de vista do sambista, prestar uma homenagem à Guaratinguetá, realçando nossos personagens e fatos marcantes, sem importarmos ideias de outras regiões com carnavais de características diferentes da nossa, pois acreditamos que só assim poderemos desenvolver-nos cada vez mais (Embaixada do Morro, 1984b).

Essa passagem nos indica a preocupação da agremiação, já naquele momento, em valorizar aquilo que era produzido e desenvolvido localmente, sem que se buscasse em outras cidades – principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo – formas de fazer carnaval e fazer escola de samba que não fossem aquelas que já existiam em Guaratinguetá.

A partir dessa fala propomos algumas reflexões. A primeira é o indicativo de que já havia na Embaixada do Morro um *modus operandi* que não carecia de suporte exterior para se desenvolver, refletindo o profissionalismo e autonomia na realização dos seus carnavais. Podemos supor que outras escolas estivessem “importando ideias de outras regiões” para realizarem seus carnavais nesse período, de modo que essa afirmação da agremiação aparecesse como um apontamento da sua força no carnaval da cidade.

Essa frase nos permite refletir acerca da apropriação da festa pela lógica empresarial, processo que, possivelmente, já estaria se impetrando nas escolas de samba naquele contexto, antecipando um movimento que perdura até os dias atuais não tardou a chegar no interior, considerando a data do documento. Esse fenômeno já podia ser observado em outras cidades nesse mesmo período, especialmente na cidade de São Paulo, como aponta Dozena (2009).

Destacadamente, muitas escolas de samba do Grupo Especial foram contagiadas por uma lógica empresarial, utilizando-se do samba e de seu imaginário para aumentar os seus lucros. Contudo, não podemos deixar de mencionar que, além da variável econômica, as escolas de samba conquistaram uma grande importância sócio-cultural, na medida em que consolidaram alguns projetos voltados à comunidade e criaram possibilidades de inclusão social através da “cultura do samba” (Dozena, 2009, p. 90).

Sobretudo, essa frase de apresentação de enredo da escola de samba poderia e deveria, na perspectiva do autor, ser um chamado, um lembrete às agremiações carnavalescas para a valorização daquilo que é produzido pela própria cidade. Entendemos que, além de promover o desenvolvimento do carnaval local, a autonomia e o aproveitamento do saber-fazer local resulta no fortalecimento da festa, das escolas de samba e do carnaval da cidade.

O mesmo documento nos entrega um pouco das razões pelas quais a Embaixada do Morro se posicionava de tal forma. Ao se apresentar e contar parte da sua história, que abordaremos adiante, a escola entrega a seguinte definição de si mesma:

A Embaixada é, por característica própria, uma Escola fincada em raízes populares e por isso seus enredos tratam sempre de temas de fácil entendimento de seus componentes, como por exemplo os enredos falando do ciclo do ouro, da Música Popular Brasileira, da libertação do negro através de sua arte e de Monteiro Lobato e Vinícius de Moraes (Embaixada do Morro, 1984b).

Diante disso, podemos notar que aos quarenta anos, em 1984, a Embaixada do Morro já se apresentava como uma escola de samba esclarecida acerca de suas origens, motivações e propósitos, alinhada com sua comunidade e componentes e atenta aos aspectos culturais que dialogavam com a agremiação.

Essa dissertação busca discutir sobre as aproximações e distanciamentos entre o samba e a educação, refletindo sobre os possíveis aprendizados que as escolas de samba oferecem para seus torcedores. Nesse sentido, enveredar por caminhos que levam a reflexões filosóficas sobre o carnaval ou se aprofundar na história da Embaixada do Morro são movimentos bem-vindos em outro momento, no qual uma investigação sobre o que seus componentes, diretores e personagens históricos compreendem como filosofia de carnaval poderia ganhar

desdobramentos com mais fôlego. Entretanto, é interessante notar a forma como a Embaixada encerra a apresentação do enredo: “É necessário que o assistente acompanhe a Escola, o desfile e a montagem do Enredo de acordo com a nossa proposta, tanto no aspecto visual do desfile quanto do aspecto de filosofia de carnaval” (Embaixada do Morro, 1984).

2.2 OUTROS VERSOS QUE NOS CANTAM HISTÓRIAS:

Guaratinguetá possui evidências de realização da festa de carnaval desde meados do século XIX, com registros que remontam às tradições europeias com toques medievais (Maia, 1984, sem paginação). Essas fontes sobre o carnaval na cidade de Guaratinguetá vêm dos arquivos da historiadora Thereza Regina de Camargo Maia, prestigiada por seus estudos focados na região do Vale do Paraíba, especialmente sobre a cidade de Guaratinguetá.

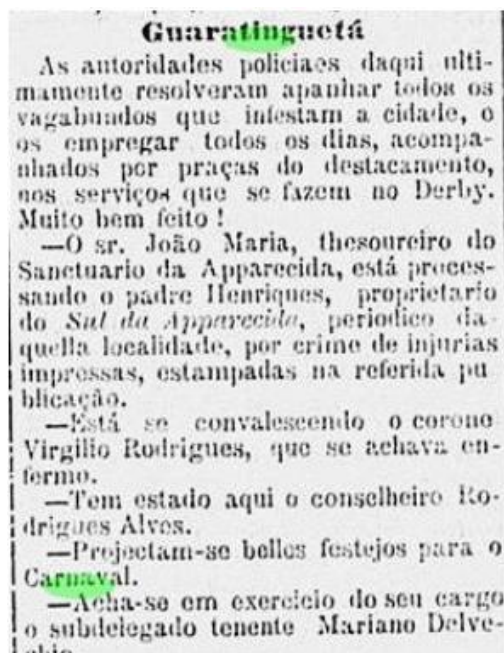
A historiadora indica a chegada da figura do Zé Pereira³, em 1846, nos carnavais da cidade do interior paulista, assim como descreve tradições quase medievais nos dias de carnaval. Em São Paulo, como também em Guaratinguetá:

[...] os costumes severos não permitiam a presença de mulheres nas brincadeiras de rua e tinham elas que se contentar em assistir os cortejos e brincadeiras das janelas e sacadas. Por ocasião das festividades do carnaval, cavaleiros em montarias ricamente ajaezadas vinham oferecer às sinhazinhas nas janelas, ramalhetes de flores amarrados na ponta de lanças de madeira (Maia, 1984, sem paginação).

Já no ano de 1900, o jornal Correio Paulistano noticiava os preparativos para os bailes de carnaval que seriam realizados naquele ano na cidade de Guaratinguetá. Estes registros indicam a tradição do carnaval guaratinguetaense e a fertilidade daquele solo para o florescimento das escolas de samba que ainda levariam ao menos quarenta e cinco anos para surgir.

Figura 2 - Recorte do Jornal Correio Paulistano

³ Personagem do carnaval carioca que toca bumbo pelas ruas.



Fonte: Correio Paulistano (1900).

Desde o surgimento da primeira escola de samba, em 1957, até o presente, sessenta e oito anos se passaram e centenas de sambas de enredos foram compostos e apresentados pelas ruas da cidade, de modo que seria impraticável uma análise de todos aqueles que em algum momento abordaram aspectos culturais da cidade e das escolas de samba.

Considerando que o propósito dessa dissertação é refletir sobre as possíveis aprendizagem proporcionadas pelas escolas de samba, uma seleção foi feita pensando naqueles que melhor nos contam sobre a cidade de Guaratinguetá e colaboram para a discussão que será feita ao longo da dissertação, de modo que eles retornaram ao longo do texto e serão acompanhados de outros que não serão aqui trabalhados. Nesse processo, vários sambas não aparecerão e outros igualmente bons foram deixados de lado para dar conta do que é exequível em uma dissertação.

Diante disso, apresenta-se uma dificuldade: como trabalhar os sambas de acordo com a proposta de narrar uma história a partir de letras de sambas? Seguiremos uma ordem cronológica ou temática? Apresentaremos os sambas conforme foram desfilados ou os costuraremos entre o tempo, fatos e versos?

Seguindo a perspectiva de Geografia da Escuta, onde a escuta se apresenta como método de construir uma pesquisa, deixaremos que os sambas apareçam conforme a discussão é realizada, cruzando versos, entrevistas, reflexões, apontamentos teóricos e referências. Portanto, para que seja possível chegar às letras dos sambas e outros ritmos carnavalescos que

embalam os foliões guaratinguetenses, daremos sequência ao que foi iniciado, seguindo uma ordem cronológica da história do carnaval de Guaratinguetá até que os sambas ditem o ritmo. Nesse percurso poderemos apresentar as escolas de samba que surgiram na cidade, personagens relevantes do carnaval e enredos históricos que coloriam às ruas e avenidas do município.

Em Guaratinguetá, o primeiro bloco de embalo de que se tem registro é o Bloco dos Tesoiras, organizado por Paulo Rodrigues Teixeira, alfaiate que saiu às ruas junto aos colegas de profissão para brincar o carnaval.

Figura 3 - Quadro "Grupo dos Tesoiras" em exposição no Museu Frei Galvão

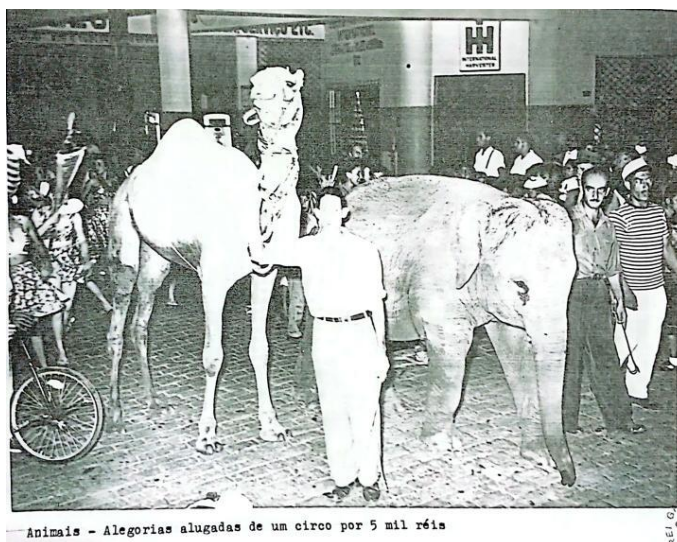


Fonte: Fotografia de acervo pessoal.

Curiosamente, Paulo Alfaiate, como era conhecido, nasceu em 1903 em Juiz de Fora – Minas Gerais, cidade onde este trabalho foi redigido. Em função do seu casamento, Paulo Rodrigues Teixeira mudou-se para Guaratinguetá em 1922. Naquele mesmo ano, fundou, com seus amigos de profissão, um time de futebol, do qual nasceria o bloco de carnaval (Oliveira, 1982).

Posteriormente o Bloco dos Tesoura se transformou no Bloco Alegria e Nada Mais, que se apresentou por vários anos pelas ruas da cidade de Guaratinguetá. De acordo com Oliveira (1982), o Alegria e Nada Mais surgiu por volta de 1944. E tamanho foi o prestígio alcançado pelo bloco ao longo dos anos que até mesmo animais de circo, como camelos e elefantes, eram alugados para participar das apresentações, como podemos ver na imagem a seguir. De acordo com relatos de componentes mais antigos das escolas de samba, o Alegria e Nada Mais chegou a participar das primeiras competições de bloco que ocorreram antes da oficialização do carnaval, em 1970, e alcançou o terceiro lugar em duas ocasiões, mas nunca venceu o campeonato.

Figura 4 - Desfile do Bloco Alegria e Nada Mais na década de 1930



Fonte: Museu Frei Galvão

Os registros encontrados dessa época, apesar de escassos, nos indicam que o carnaval em Guaratinguetá, desde 1922, já ocupava as ruas da cidade com diferentes perfis da sociedade guaratinguetaense da época. Da mesma forma, podemos notar que o carnaval também era utilizado como espaço para manifestações políticas.

No arquivo do Museu Frei Galvão, organizado pela historiadora Thereza Maia, podemos encontrar o trabalho de Juracira de Oliveira (1982), que nos indica que o carnaval foi palco para reverberações da Revolução Constitucionalista de 1932 em Guaratinguetá. As imagens a seguir nos mostram que o Alegria e Nada Mais tinha outros interesses além da alegria.

Figura 5 - Desfile do bloco Alegria e Nada Mais no carnaval de 1932



Fonte: Museu Frei Galvão

Em 1932, o bloco saiu às ruas com as cores da bandeira do estado de São Paulo e com faixas com dizeres como “Homenagem aos heróis de 1932, a Revolução Paulista”. Os sambas registrados pela historiadora naquele período não indicam qualquer referência à Getúlio Vargas ou ao governo. Entretanto, as indumentárias, a bandeira e a placa sinalizam que o carnaval do interior paulista também estava em desacordo com os interesses da capital federal.

Mais tarde, em 1944, no bairro chamado Pedreira, então ocupado por chácaras de café, nascia um bloco que, segundo algumas versões de sua história, viria a se tornar os ‘Embaixadores do Morro’, em comemoração às vitórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Em outra versão, nascia um bloco no bairro da Pedreira com o objetivo de competir com os blocos que desfilavam na cidade, de modo que seus participantes seriam os ‘embaixadores’ do morro no carnaval local. Esse bloco se tornaria escola de samba em 1967, passando a se apresentar como tal, mas mantendo 1944 como data de fundação. Até hoje, a Embaixada do Morro é a escola de samba com mais títulos na cidade, comemorando oitenta anos em 2024.

A Embaixada do Morro apresentou, em 1994, o enredo “No princípio era Morro”. Ao longo da letra do samba, que comemora os cinquenta anos da escola, a agremiação faz um passeio pela história do seu bairro.

No princípio era Morro - 1994
Hoje a embaixada está em festa
O samba explode e manifesta
Cinquenta ãos de real valor
Sentir cantar sorrir
Vermelho e branco e raça e felicidade
Conta a história que o café aqui chegou
E lá no alto floresceu se cultivou
Lá embaixo a pedreira
Tradicionalmente se instalou
Bate palma vem no jongo
Cai na dança camarada
Olha o samba lá no morro não tem hora pra acabar
Quanta inspiração
Dos embaixadores da folia
Nasceu um bloco
Fez-se a embaixada alegria
Gloria aos baluartes da escola
Quanta saudade vivem em meu coração
Lindos carnavais refletem fantasias
Colorindo a tradição
Lindos carnavais embalando a bateria
Salgueirando a emoção
Tum tum tum bate rebate ecoa vem ver
Tumtuntum a baiana remexer
 (EMBAIXADA DO MORRO, 1994))

Ao longo dos versos, podemos acompanhar em ordem cronológica a formação do bairro e a distribuição geográfica da produção: a plantação de café no alto do morro, documentada em arquivos através da venda de terrenos e fazendas, e a instalação de uma pedreira na parte baixa do bairro, próxima ao Ribeirão São Gonçalo. Além do aspecto econômico da ocupação do bairro, a letra ainda remete à produção cultural da comunidade, o jongo e o samba, de onde viria nascer o bloco dos embaixadores do bairro.. Não obstante, há a menção à escola madrinha, Acadêmicos do Salgueiro, do Rio de Janeiro.

Não muito longe da Pedreira, no bairro do Campinho, os moradores também se movimentavam durante o carnaval. Em 1957, foi fundada a primeira escola de samba da cidade, a Escola de Samba Bonecos Cobiçados. Moradores do bairro contam que cerca de dez anos antes, por volta de 1947, os fundadores dessa agremiação já brincavam o carnaval no bloco Criolo Doido, também do bairro do Campinho.

Segundo relatos que veremos atentamente nos próximos capítulos, o surgimento da Bonecos Cobiçados foi diretamente influenciado pela presença de personagens ilustres da Estação Primeira de Mangueira que mantinham amizade com a mãe do fundador: Chico da Júlia. Dona Júlia, recebia constantemente a visita de figuras como Dona Zica (e a visitava). Esse contato ajuda a compreender a afiliação do Bonecos Cobiçados à Estação Primeira de Mangueira, as cores verde e rosa que foram adotadas e o pioneirismo na importação do modelo de escola de samba para a cidade, uma vez que, até 1957, apenas blocos desfilavam pelas ruas.

Em 1957, no bairro do Campinho, foi fundada a primeira escola de samba da cidade pelos brincantes: Chico da Julia, Toninho da Tininha, Normando, Avelino, José Lopes, e outros não nomeados. De acordo com registro de 1988 de um jornal não identificado, a agremiação foi campeã quatro vezes, correspondendo ao número de estrelas que possui sobre seu brasão, formado por uma coroa e instrumentos musicais.

Figura 6 - Registro de jornal não nomeado disponível no acervo do Museu Frei Galvão

Com os desfiles na Presidente Vargas a escola do bairro do Campinho tornou-se quase que imbatível, faturando os títulos de 68, 69, 71 e 74. Em 1977 uma cisão interna levou a escola a um sério prejuízo,

Fonte: Museu Frei Galvão

Apesar desse número, o carnaval em Guaratinguetá passou a ter um campeonato organizado após 1970, de modo que o Bonecos tem apenas dois títulos oficiais. O nome da escola teria sido em homenagem à música da dupla sertaneja Milionário e José Rico, Boneca Cobiçada, e as cores verde e rosa uma homenagem a Dona Nelma, figura importante da escola de samba madrinha do Bonecos Cobiçados, a Estação Primeira de Mangueira.

A mudança do formato do desfile, transformado em um campeonato, transferiu o carnaval de lugar. Antes, a festa acontecia na Praça Conselheiro Rodrigues Alves, que nos registros de Saint-Hilarie (1972), era o centro de onde saía a única rua que margeava o Rio Paraíba do Sul, que recorta a cidade. Era também a praça onde ficava o prédio da Câmara, a delegacia e, seguindo o padrão colonial de organização urbana brasileira, estava ao fim da rua direita da igreja matriz (Moreira, 2014).

Atualmente, a praça preserva algumas construções do período registrado por Saint-Hilarie (em 1822) e da época em que era palco do carnaval, no século XX. Entretanto, como já pontuamos anteriormente, uma das principais transformações da praça durante esse interim foi a demolição da Igreja do Rosário dos Pretos, para dar lugar a um bar e, posteriormente, a uma loja de artigos domésticos. Destaca-se também a construção de um chafariz onde a figura de Francisco Rodrigues Alves observa do alto a praça do centro da cidade.

Figura 7 - Estátua do Conselheiro Rodrigues Alves na praça que leva seu nome.



Fonte: Museu Frei Galvão

Ainda hoje, algumas programações carnavalescas utilizam a praça como espaço para blocos, concursos de marchinhas e apresentações das escolas de samba. Entretanto, essas atividades têm um formato diferente daquele dos desfiles que ocorrem na Avenida Presidente Vargas, palco do carnaval da cidade desde 1970.

Essa avenida, ainda que muito próxima do centro antigo, está localizada à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, em uma área de expansão da mancha urbana na década de 1970. A avenida é ladeada por um bosque que beira o rio e, do outro lado, por estabelecimentos comerciais e prédios residenciais.

Com frequência surgem notícias de que a prefeitura deseja deslocar o carnaval da Avenida para outro local. Quando transferiram o carnaval para aquela área, o bairro ainda não era tão valorizado e nem concentrava a quantidade de prédios de alto padrão como hoje. Novamente, há o desejo de afastar o indesejável. Apesar disso, o carnaval na Avenida Presidente Vargas resiste, mantendo a tradição da passarela para os desfiles que é armado em arquibancadas de ferro e madeira, com 700 metros de pista de apresentação para as escolas de samba e blocos de embalo.

Figura 8 - Avenida Presidente Getúlio Vargas em Guaratinguetá nas semanas que antecedem o carnaval da cidade



Fonte: Band Vale

Após Bonecos Cobiçados e Embaixada do Morro, outras escolas surgiram, entre elas a Unidos da Tamandaré, em 1967. O bairro da Tamandaré, que abriga a sede da agremiação que defende as cores azul e branco, é circundante ao centro da cidade. O local sedia também o tradicional Jongo da Tamandaré, que possui mais de séculos de tradição.

Com o surgimento das escolas de samba em Guará, os blocos não ficaram de lado. Alguns encerraram suas atividades, mas deram lugar a outros blocos que nasceram em diferentes pontos da cidade. Entre eles, podemos citar o bloco da Banda Mole, fundado em 1975 e que hoje se configura como o mais famoso e antigo em atividade é a Banda Mole. No sábado de carnaval eles se apresentam para dar início ao carnaval, como conta a marchinha que apresentam:

*Banda, banda, banda, banda mole
Banda, banda, banda, banda mole
Abre o nosso carnaval, genial
Banda, banda, banda, banda mole
Banda, banda, banda, banda mole
Essa turma de Guará
Banda, banda, banda, banda mole
Banda, banda, banda, banda mole
Todo mundo quer brincar;
Com alegria no coração*

*toda a cidade num só cordão
 vem festejar, tudo é legal
 com a banda mole abre nosso carnaval
 vem festejar, tudo é legal
 com a banda mole abre nosso carnaval
 No Literário, ela nasceu
 Com o Carluxo, ela cresceu
 O folião, se embalou
 Com a Banda Mole o carnaval já começou”⁴
 (Banda Mole, 1970)*

É na abertura da Banda Mole que o prefeito entrega para o Rei Momo a chave da cidade e oficializa o início das festividades momescas. Por volta da década de 1970 e 1980, o bloco se apresentava na Praça Conselheiro Rodrigues Alves. Posteriormente, passou a organizar sua apresentação em cortejo que saía da Praça Conselheiro Rodrigues Alves e caminhava até a Avenida Presidente Vargas. Atualmente, o bloco se concentra em frente à Câmara Municipal, na Avenida João Pessoa, contígua à Avenida Presidente Vargas, e segue o cortejo rumo a esta.

A Banda Mole, mais do que qualquer outro bloco da cidade, marca a inversão das posições no carnaval. Tradicionalmente, os homens foliões vão para a avenida vestidos com roupas femininas, normalmente emprestadas pelas mães, irmãs, esposas ou namoradas. No dia, também é comum encontrar mulheres vestidas com roupas masculinas, mas a predominância é a de homens vestidos com roupas femininas. Além dessa brincadeira com as vestimentas, cabe destacar que a Banda Mole é um dos poucos blocos que desfilam atualmente na cidade e que não demandam a compra de abadás para se juntar ao desfile. Os itens são comercializados para quem deseja adquiri-los, entretanto, não é requisito para *entrar na corda*. Isso permite que pessoas de diferentes classes sociais percorram ruas da cidade ao som de marchinhas antigas clássicas e tradicionais da cidade.

Entre essas marchinhas, uma cabe destaque pela representatividade que traz para este trabalho que se propõe refletir sobre a educação e o samba. Quando o carnaval ainda acontecia na Praça Conselheiro Rodrigues Alves, em 1949, o grupo de amigos estudantes que construíam um bloco de carnaval decidiu que era importante um hino próprio para o bloco (Maia, 2021). Com isso nasceu a Marcha do Estudante (de Guará), entoada até hoje pelos blocos da cidade. Em alguns casos, como foi o do autor deste trabalho, o hino é ensinado para os estudantes dos colégios da cidade. A letra homenageia as principais escolas da época, com a exceção do Colégio Nossa Senhora do Carmo, que era um colégio católico e só para meninas, o que atrapalharia o uso dos trechos com termos considerados “chulos”, como “gostosão” e “turma infernal” (Maia, 2021).

⁴ Composição de: Zé Luiz de Castro, Carlos Augusto, José Roberto Braga.

Marcha do Estudante - 1949

“Oi! quem vem lá?

Sou eu morena, o estudante de Guará!

O estudante, sinal de guerra

O estudante gostosão da terra

Salve o Centro Estudantino

Esta turma é infernal

Salve a Escola de Comércio,

Ginásio, Escola Normal!”⁵

(Marcha do Estudante - 1949)

Ainda sobre a história do carnaval guaratinguetaense, é necessário retornar para o começo do século XX para destacar a figura de Bonfiglio de Oliveira. Nascido no bairro da Pedreira (berço da Embaixada do Morro) em 1894, Bonfiglio foi fruto do matrimônio entre Feliciano José de Oliveira e Maria das Dores: ele, barítono no coral da Igreja de Santo Antônio, (igreja matriz), enquanto ela, lavadeira. Feliciano foi membro da Banda Mafra, que embalava eventos da cidade, incluindo o carnaval. A influência do pai fez Bonfiglio participar de outra banda da cidade, a União Beneficente.

As festas em Guaratinguetá eram abrilhantadas pelas bandas locais e geralmente contavam com a presença de músicos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em uma delas, estava presente o maestro Acosta, que permaneceu por algum tempo na cidade. Bonfiglio, como seu aluno, iniciou o aprendizado de piston, instrumento com grande capacidade de projetar o som e timbre penetrante, tornando-se excelente a ponto de deixar seu professor perplexo com os avanços conquistados. Por volta de 1906, Bonfiglio já fazia parte da Banda Mafra, como parceiro musical de seu pai (Júnior, 2024, p. 20).

Bonfiglio, após ingressar na Banda Mafra, passou algum tempo estudando música também nas cidades vizinhas até se mudar para o Rio de Janeiro, em 1912 (Júnior, 2024). Por lá conheceu um expoente da música brasileira, Alfredo da Rocha Vianna Filho, ou Pixinguinha, como é popularmente conhecido.

Juntos, os músicos se apresentaram nos bares da Lapa e ganharam fama com o grupo Oito Batutas, a partir do qual o choro ganhou o mundo. O conjunto se apresentou na Europa e na América Latina e influenciou outros artistas, como Carmem Miranda (Neto, 2017). O choro, conforme nos aponta Lira Neto (2017), foi fundamental para a criação do gênero musical samba. Já Bonfiglio, além de ganhar o mundo com o popular chorinho ao lado de Pixinguinha,

⁵ Não há reivindicação da composição.

ao retornar ao Brasil seguiu participando das rodas de choro junto a figuras do carnaval guaratinguetaense, como Paulo Alfaiate (Júnior, 2024).

Esse breve destaque a figura de Bonfiglio se justifica por considerarmos de grande relevância o fato de que alguém que foi tão importante para a música brasileira, para o choro e para o samba, nasceu no bairro da Pedreira, em Guaratinguetá. A Pedreira, como dito anteriormente, sedia a Escola de Samba Embaixada do Morro, maior campeã do carnaval guaratinguetaense. A agremiação reúne a maior torcida da cidade e, recentemente, passou a se intitular como “a maior escola de samba do interior do Brasil”. Não pretendemos questionar se esse dado é mensurável ou mesmo verificável, mas é visível a importância da escola de samba para o cenário cultural municipal, regional e nacional.

No carnaval de 2002, a agremiação vermelha e branca homenageou Bonfiglio com o enredo “Dos bons filhos da Pedreira à Bonfiglio de Oliveira”. Com um enredo que percorre a história do artista e exalta outros filhos ilustres do bairro, a escola alcançou outro título no carnaval de Guaratinguetá. A letra do samba destaca aspectos culturais da cidade:

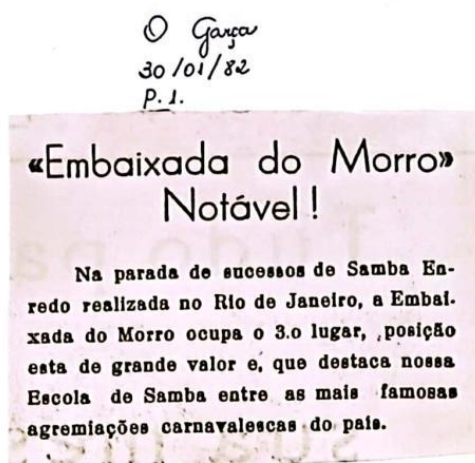
Dos bons filhos da Pedreira à Bonfiglio de Oliveira - 2002

*Amor, a Embaixada chegou
 Meu coração pulsou, pulsou
 Ser bamba é ter fé na vida, no despertar de um novo dia
 O morro planta a sua raiz
 Justiça, paz, prosperidade
 Sem preconceito vou ser feliz
 Me educar na força da comunidade
Lá no alto da Pedreira
Bonfiglio eu sou!
A mãe negra lavadeira me abençoou
 Doutores, letrados, poetas
 Guerreiros alertas
 Sambistas
 Exaltam nosso gênio musical
 Bonfiglio de Oliveira imortal
 Autor compositor, maestro, pistonista
 Com Carmem Miranda fez sarau
 Autor compositor, bom amigo Pixinguinha
 Encantou foi sucesso nacional
 Chorou chorinhos, valseou seu ideal
Ao som da orquestra eu vou,
Veja a cidade cantar, glória ao luar
O anjo negro voou, o mundo foi conquistar lalalalaia
 (Embaixada do Morro, 2002)*

A imagem a seguir demonstra a relevância que a Embaixada do Morro alcançou no cenário nacional ao longo da década de 1980. Novamente, não é do nosso interesse comprovar

a relevância deste ou daquele carnaval. Disputas sobre qual é a maior escola, o maior carnaval, entre outros, geram hierarquias que reforçam as centralidades das capitais e secundarizam a importância local das escolas de samba para sua comunidade.

Figura 9 - Recorte de jornal O Garça, de 1982



Fonte: Museu Frei Galvão.

Nosso interesse com esses apontamentos é o de reforçar a seriedade do carnaval guaratinguetaense, que agonizou sob a gestão de alguns prefeitos municipais, mas não morreu. Também desejamos evidenciar a importância histórica das agremiações para a composição cultural da cidade de Guaratinguetá, reforçando o papel dessas entidades como pilares da constituição das identidades dos bairros onde estão.

2.3 UMA CIDADE ERGUIDA NO SAMBA

Até agora apresentamos a cidade de Guaratinguetá ao mesmo tempo em que exploramos a história do seu carnaval. Para isso, tivemos o suporte de letras de sambas de enredo e outros gêneros carnavalescos. Entretanto, as escolas de samba podem contribuir de outra forma para construir nossa visão da cidade: vamos agora considerá-las protagonistas no seu desenvolvimento.

Como já pudemos ver, Guaratinguetá está estrategicamente posicionada entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, no Vale do Paraíba. Desde sua fundação, em 1630, o município passou por diferentes ciclos econômicos que transformaram sua paisagem: da atividade primária, com destaque para a cafeicultura, que atingiu seu auge no século XIX, associado à

mão de obra escravizada (Motta; Marcondes, 2000), até a industrialização do século XX, marcada pela instalação de fábricas têxteis e químicas.

Como dito anteriormente, a cidade segue um padrão de organização espacial bastante comum às cidades com passado colonial. A caracterização se dá pela centralidade de uma igreja erguida em cima de colinas de onde a planta urbana se desenvolve, agrupando em suas proximidades os prédios administrativos, como a Câmara Municipal (Moreira, 2014). Ainda hoje, essa configuração pode ser vista por quem percorre as ruas do centro da cidade. Entretanto, o interesse dessa pesquisa não está em percorrer os casarões dos figurões historicamente reconhecidos, como Rodrigues Alves ou o Visconde de Guaratinguetá, mas em visitar as ruas e vielas da cidade que não entraram para os anais da história. Também não é nosso interesse fazer uma análise da formação e desenvolvimento territorial da cidade a partir de aspectos econômicos ou políticos, mas prestar atenção em como as escolas de samba ocupam espaços centrais no desenvolvimento da cidade.

Assim, começaremos na tentativa compreender como a cidade foi formada. Os primeiros registros imagéticos da cidade de Guaratinguetá são, assim como muitas paisagens brasileiras, figuras dos naturalistas que vieram do exterior para catalogar e registrar aspectos naturais e sociais do Brasil. Algumas não retratam o que hoje se encontra e nomeia como Guaratinguetá, como os registros sobre a capela de Nossa Sra. Aparecida, de Miguelzinho Dutra, de 1840, que registra a catedral de Aparecida em meados do século XVIII, quando a cidade ainda pertencia ao município de Guaratinguetá. As imagens refletem paisagens muito diferentes das paisagens urbanizadas que podemos encontrar na cidade atualmente.

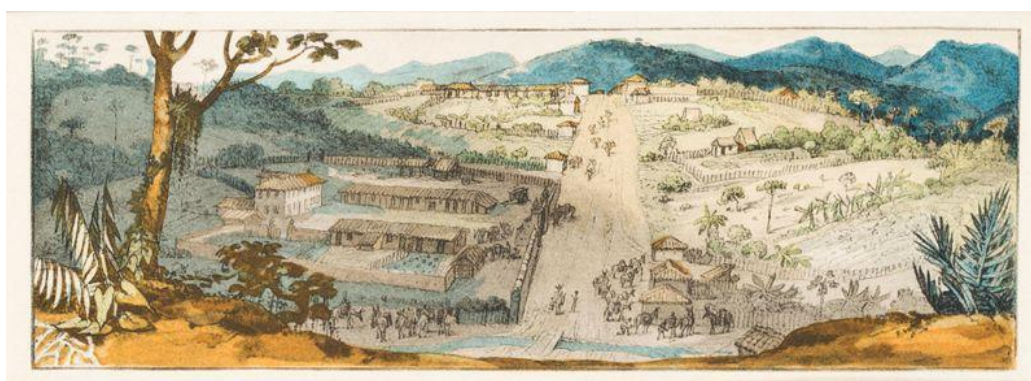
Figura 10 - Miguelzinho Dutra, 1840



Fonte: Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Compra do Governo do Estado de São Paulo, 2005.

Outros registros, como o de Debret, já retratam paisagens que podem ser reconhecidas na atual configuração urbana da cidade de Guaratinguetá, ainda que sob muitas transformações arquitetônicas e paisagísticas. A obra abaixo retrata uma ladeira da cidade de Guaratinguetá com uma colina ao fundo. É possível identificar a atual região por aspectos naturais retratados, como o riacho que aparece na parte baixo da figura representando o Ribeirão dos Motas, assim como a casa do Visconde de Guaratinguetá, à esquerda.

Figura 11 - Jean Baptiste Debret - Guaratinguetá N S d'Aparecida, 1827



Fonte: Acervo Margs

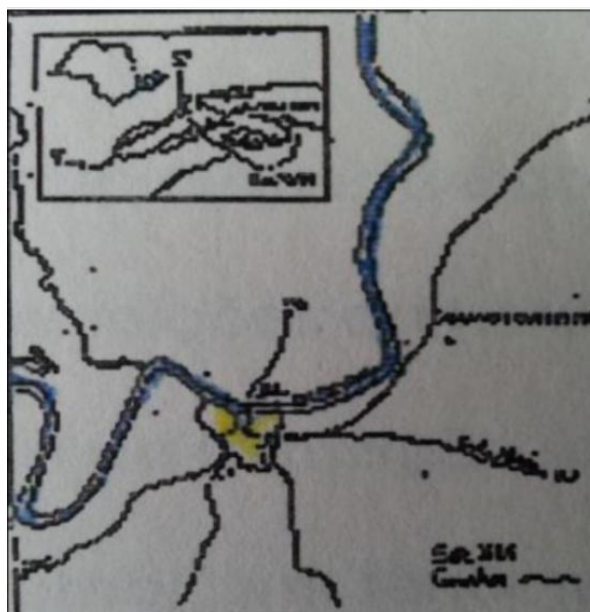
Essas imagens retratam o início do desenvolvimento urbano da cidade. Na segunda imagem podemos observar os lotes onde, mais tarde, viria a ser construído o centro da cidade.

Na construção presente no quadro, vemos a casa onde vivia o Visconde de Guaratinguetá. No início do século XX, o prédio passou por reformas para abrigar a Escola Conselheiro Rodrigues Alves. O período em que essas imagens foram produzidas corresponde ao auge da produção agrícola da cidade, que foi assentada sobre o setor primário da economia durante boa parte de sua história, com destaque para o plantio de café que permitiu que a cidade vislumbresse décadas de grande poder econômico na região do Vale do Paraíba.

Entretanto, o que nos interessa em nesse momento é observar a forma como a cidade de Guaratinguetá expandiu sua mancha urbana às margens do Rio Paraíba do Sul e como as escolas de samba estavam presentes nesses espaços primordiais. Analisar a formação territorial da cidade de Guaratinguetá, secular por si só, sob a ótica das escolas de samba é uma possibilidade dar visibilidade e protagonismo para sujeitos periféricos que não se encontram nos anais da história, mas contribuíram para a construção de uma das principais expressões culturais da cidade.

Para que essa análise seja possível, trabalharemos com o um estudo histórico da mancha urbana de Guaratinguetá realizado por Ferreira (2019), que apresenta a evolução urbana da cidade a partir de mapas com mapas produzidos entre os séculos XVIII e XXI. Ao todo, utilizaremos quatro imagens com as plantas urbanas de Guaratinguetá, todas encontradas no Museu Frei Galvão.

Figura 12 - Croqui da Cidade de Guaratinguetá

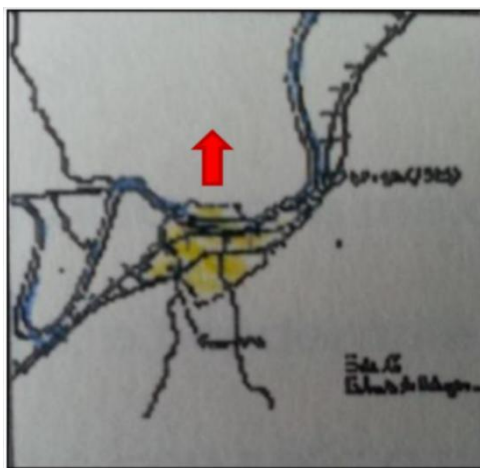


Fonte: Museu Frei Galvão

O primeiro croqui, datado de meados do século XVIII, apresenta uma Guaratinguetá muito próxima da descrição dada por Saint-Hilaire, onde a cidade está situada entre o Ribeirão dos Motas e o Ribeirão São Gonçalo, com sua mancha urbana circundando a Igreja de Santo Antônio. Nesse período, a cidade seguia a curva do Rio Paraíba e era por ele delimitada. Assim, o croqui não apresenta construções importantes de infraestrutura viária da região, como a Rodovia Presidente Dutra, construída no século XX, e a malha ferroviária, presente posteriormente.

No croqui a seguir, representando a cidade no século XIX, Guaratinguetá já apresenta a expansão da mancha urbana para a margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, como apontado pela seta vermelha. Ainda dificultosa, essa travessia só era viável em função do funcionamento de balsas que transitavam entre as margens.

Figura 13 - Croqui da Cidade de Guaratinguetá



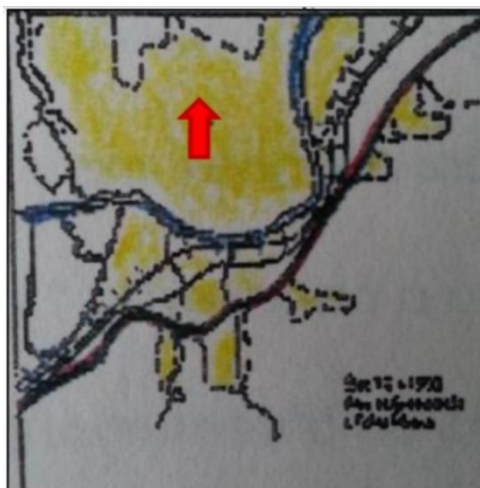
Fonte: Museu Frei Galvão

À esquerda do rio, a região que começava a ser urbanizada é a mesma onde atualmente acontece o desfile das escolas de samba: a Avenida Presidente Vargas, que margeia o Rio Paraíba do Sul. Além disso, a mancha urbana também se expande lateralmente e supera o Ribeirão dos Motas e o Ribeirão São Gonçalo. Tal expansão simboliza a fundação dos bairros onde nasceram as primeiras agremiações carnavalescas e a primeira Escola de Samba da cidade.

O último croqui trabalhado por Ferreira (2019), datado do final do século XX, demonstra a grande expansão urbana para a margem esquerda do rio, onde hoje se encontra a maior parte da cidade. Além do considerável crescimento, podemos notar também a construção da Rodovia Presidente Dutra, que se apresenta como uma barreira para a expansão urbana na

margem direita. Curiosamente, os maiores bairros que foram erguidos além da rodovia são a Pedreira e o Alto das Almas, onde está a Embaixada do Morro.

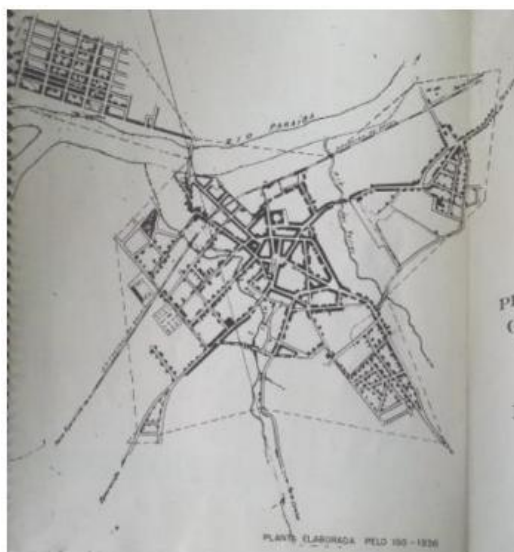
Figura 14 - Croqui da cidade de Guaratinguetá



Fonte: Museu Frei Galvão.

A imagem a seguir mostra a planta urbana da cidade em 1938, com bom nível de detalhamento e nitidez. Nela é possível identificar as principais ruas do centro histórico, o primeiro bairro construído na margem esquerda do Rio Paraíba (em função da construção da Fábrica de Cobertores), além dos bairros que, na época, eram considerados periféricos e se afastavam do centro devido a obstáculos geográficos, como rios e relevo.

Figura 15 - Planta urbana de Guaratinguetá em 1938

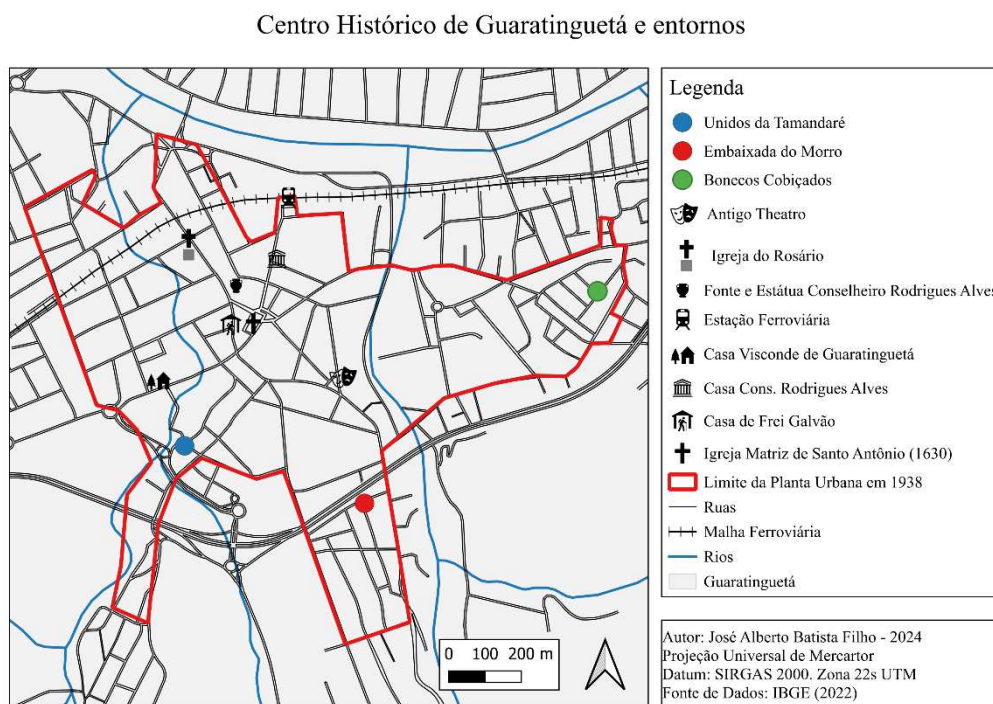


Fonte: Museu Frei Galvão

Com exceção da planta urbana do século XVIII, que apresenta uma Guaratinguetá concentrada em torno da igreja matriz, todos os outros mapas indicam a existência de bairros que sediaram as mais antigas escolas de samba da cidade: Campinho e Pedreira. Cabe destaque para a planta de Guaratinguetá de 1938, que já demarca ruas do Campinho que sobreviveram à expansão urbana e existem atualmente, sendo na época um dos bairros mais afastados do centro da cidade. Ou seja, o Campinho – ou a região que hoje é o Campinho – foi por muito tempo a região periférica de Guaratinguetá. Atualmente, a arquitetura das casas do bairro, muito diferente dos casarões observados no centro da cidade, nos entrega um perfil que guarda as memórias de um passado não tão distante: aqui temos casas pequenas e conjugadas em sua maioria, algumas com datações do início do século passado.

Ao sobrepor a planta urbana a um mapa atualizado da cidade, será possível obter uma perspectiva mais precisa. Abaixo, temos a planta urbana atual de Guaratinguetá, com as principais vias, a hidrografia, os pontos turísticos e históricos da cidade que, em alguma medida, já foram citados ao longo deste trabalho, assim como as três escolas de samba mais antigas da cidade: Bonecos Cobiçados, Embaixada do Morro e Unidos da Tamandaré. Todas estão localizadas em bairros que representaram as primeiras expansões urbanas da cidade, observadas nos croquis anteriores. Atualmente, como vemos abaixo, elas estão em regiões centrais da cidade. Entretanto, suas localizações refletem o crescimento urbano, no qual a população empobrecida buscou nas margens da cidade o espaço para estabelecer suas moradias.

Mapa 1 - Centro Histórico de Guaratinguetá e entornos



Fonte: Produzido pelo autor. Dados do IBGE (2002).

Essa comparação entre o que um dia foi periférico e o que hoje é central fica evidente ao analisarmos a delimitação em vermelho, que representa os limites da planta urbana da cidade em 1938. As três escolas estão localizadas em regiões que margeiam a cidade de quase noventa anos atrás.

Essa reflexão tem como objetivo destacar o potencial de analisar a cidade sob outra ótica: a das escolas de samba. Se tomarmos como exemplo a Escola de Samba Bonecos Cobiçados, sobre a qual daremos mais atenção nessa dissertação, temos um bairro antigo da cidade de Guaratinguetá que possui a mais antiga escola de samba da cidade, o Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Bonecos Cobiçados, fundada em 1957. O Bonecos Cobiçados advém do bloco carnavalesco Criolo Doido, datado da década de 1950, e reuniu os fundadores do Bonecos Cobiçados antes de darem à luz a escola de samba.

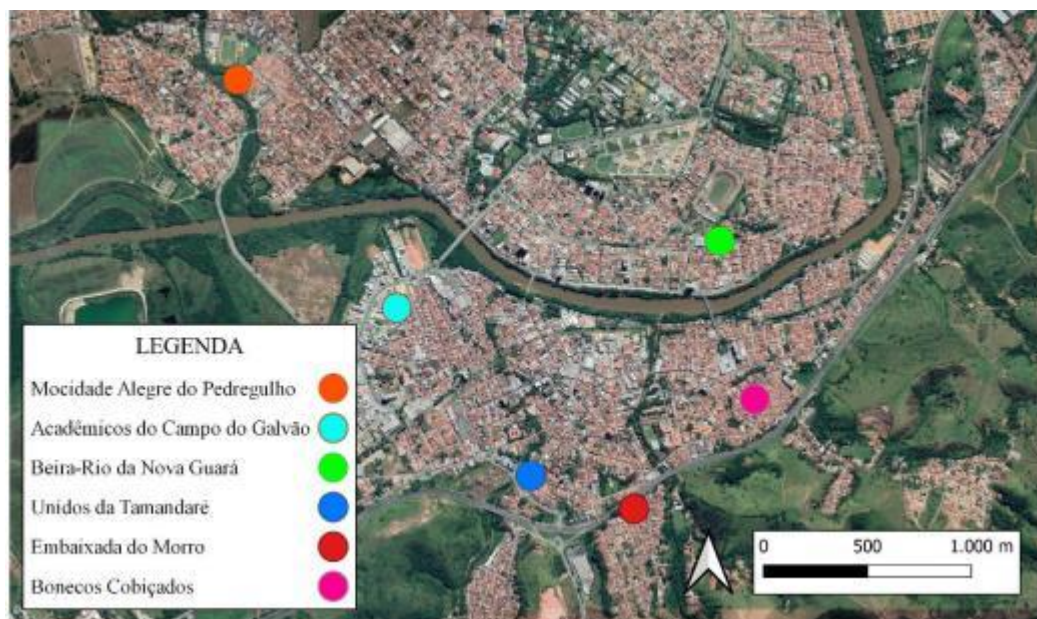
Temos aqui alguma semelhança com a formação das escolas de samba no Brasil? Talvez encontremos semelhanças no processo que ocorreu no Rio de Janeiro, onde as escolas de samba se desenvolveram nas periferias que circunscriviam a região central da capital federal no início do século XX? Ou é apenas coincidência que um bairro periférico, de uma cidade com passado agrícola e mão de obra escravizada, ter sido a primeira a fundar uma escola de samba? É

possível conhecer a história do bairro sem falar da escola de samba? É possível falar sobre o Bonecos Cobiçados sem referenciarmos o Campinho? Em outra escala: é possível falar sobre a formação e desenvolvimento de Guaratinguetá sem falar das escolas de samba?

Se analisarmos as seis escolas de samba de Guaratinguetá, perceberemos que as mais antigas também se localizam em bairros que no passado eram periféricos e estão na margem direita do Rio Paraíba do Sul, onde a cidade foi fundada. Nesse sentido, como é possível pensar na cidade a partir das suas escolas de samba? Qual foi o papel dessas organizações carnavalescas na constituição dos bairros e, conseqüentemente, da cultura local? As agremiações contribuíram como chamariz de investimento de aparelhos públicos voltados para a comunidade?

Já se olharmos para todas as escolas de samba poderemos ter um perfil que reflete as origens das escolas em seus bairros, por exemplo: a Escola de Samba Mocidade Alegre do Pedregulho foi fundada no bairro que ela leva nome: Pedregulho. O bairro foi construído de forma planejada em razão da instalação de uma fábrica de cobertores na cidade, instaurando um padrão fabril para as ruas do bairro e para as primeiras casas. Curiosamente, no século XXI, a Mocidade Alegre foi a primeira entre as seis escolas em atividade a adotar um modelo mais industrializado de produção do carnaval, inspirado no padrão de São Paulo, o que transformou os desfiles da cidade, que precisaram se adaptar para manter a competição.

Figura 16 - Mapa da cidade de Guaratinguetá com suas Escolas de Samba em atividade



Fonte: Batista (2022).

Historicamente, o lugar é essencial para as escolas de samba, como afirma Matos (2005). Em razão disso, compreendemos que existem culturas próprias de cada escola de samba. Há aí uma forma diferente de experienciar o samba que pode variar conforme o bairro que as pessoas habitam. Há também um conjunto de costumes, valores e tradições próprios de cada escola, mas que, de alguma forma, se conjuga quando pensamos que as escolas de samba são constituídas “[...] por uma coletividade de pessoas que possuem trajetórias individuais distintas, diferentes anseios e ambições, mas que possuem duas características em comum: habitam o mesmo lugar e gostam de samba” (Matos, 2005, p. 65). O que faz os componentes de cada escola de samba agirem de formas diferentes, mesmo possuindo o gosto comum pelo samba? E o que faz cada escola de samba única?

Apesar das diferenças entre as pessoas que integram o quadro da comunidade, há na própria ideia de comunidade elementos que promovem a identificação entre as pessoas: “Uma comunidade [...] pode igualmente ser formada [...] segundo um modelo análogo por um contrato de associação entre membros unidos por um mesmo ideal e um projeto comum.” (Claval, 2007, p. 114). Seria, por exemplo, o projeto de “colocar a escola na avenida” um ideal compartilhado pela comunidade do Campinho? Pode um propósito de simples explicação mover uma comunidade?

Essas reflexões ajudam a compreender questões que emergiram durante a elaboração da dissertação de mestrado do autor e dialogam com algumas das afirmações e conclusões desse

trabalho. Nesse sentido, ao encontrar na fundação da cidade de Guaratinguetá um caminho para refletir sobre as culturas dos bairros e das escolas de samba, encontramos também um trabalho de investigação histórico-geográfico que considera as agremiações como elementos centrais na organização e formação da cidade atual.

3 UNIVERSIDADE DO SAMBA BONECOS COBIÇADOS: A ESCOLA *QUE* SAMBA E O SAMBA QUE EDUCA

Durante uma reunião de concentração da equipe de trabalho da agremiação para iniciar os preparativos do carnaval de 2026, Dagela de Fátima, a atual guardiã do pavilhão da Escola de Samba Bonecos Cobiçados, proferiu um discurso que visava elevar a autoestima da escola e dos seus componentes. O discurso motivacional ocorreu em um momento em que a escola atravessava um processo de recuperação após anos de carnavais conturbados.

Após o carnaval de 2019, a agremiação passou a sofrer com altos e baixos no desenvolvimento e execução de seus carnavais, troca excessiva de presidentes (dois não terminaram o mandato bienal), enredos repetitivos (homenagens às mulheres em 2020 e homenagem à figura materna em 2024), e falta de infraestrutura para a confecção dos enredos. Ao longo desse período, a ida e vinda de componentes, diretores e membros do desenvolvimento do carnaval têm sido fatores recorrentes e prejudiciais para a escola, que não pôde contar com continuidade na maioria dos setores da agremiação, como os casais de mestre-sala e porta-bandeira, comissão de frente, diretores de harmonia, diretores de ala e intérpretes. Além disso, torna-se mais difícil a construção de uma comunidade desfilante para compor as alas. Diante desse cenário, a ausência de títulos no carnaval prolongou-se, chegando a 51 anos em 2025.

Em função disso, um discurso com frases fortes pronunciadas pela guardiã do pavilhão da escola de samba mais antiga da cidade é simbólico e necessário. Algumas das frases que foram ditas “*A escola é nossa. A escola é um pedaço de cada um que está aqui hoje. Todo mundo tem que ter responsabilidade social com o que está aqui.*”. Ainda: “*O Bonecos pode não estar na vestimenta, por fora. Mas está no coração.*” Por fim: “*Ninguém tira ninguém (da escola), é a gente que sai. A escola, o pavilhão são maiores que tudo e que todos.*”.

As frases refletem a ânsia da escola por união e reconstrução. Ainda que, por vezes, as adversidades por vezes pareçam maiores do que a capacidade de superação, há algo que sustenta a agremiação ao longo de sessenta e oito anos e permite que, na reunião em que Dagela articulou essas palavras, estivessem presentes aproximadamente trinta pessoas⁶. Ao mesmo tempo, as frases denotam uma perspectiva que assumiremos nessa pesquisa: a escola é feita por pessoas. Nesse sentido, seria possível afirmar que a escola de samba é mais do que um *pedaço de cada*

⁶ Esse número poderia facilmente ser calculado de forma precisa. Durante a reunião, várias pessoas entraram e saíram, sem ficar até o final. Essa prática é comum nas reuniões do Bonecos.

um que se fez presente naquele dia, mas sim que *a escola se faz com cada um*. Nesse sentido, a responsabilidade social por ela demandada reside na responsabilidade consigo mesmo, uma vez que cada pessoa é parte do Bonecos Cobiçados, da mesma forma que o Bonecos Cobiçados é parte de cada pessoa.

Questionar o que faz com que essas pessoas estejam unidas à escola por esse fio invisível que aparenta ser indissolúvel é um dos objetivos dessa pesquisa e que talvez não seja suficientemente explicada ao longo da dissertação. Acreditamos que sinais e evidências sejam notados ao associarmos esse fio a palavras que nomeiam outros sentimentos e pertencimentos. Também poderíamos dizer, já agora, que o *amor* é o que mantém essa união firme e duradoura.

Mesmo que o caminho a ser encontrado seja simples – e ao mesmo tempo profundo – como esse, é importante que o traçado a ser percorrido seja demonstrado. Afinal, se a escola é um pedaço de cada pessoa que se envolve com a escola, se está no coração de cada um e está acima de todos, como nos disse Dagela, é importante dedicar atenção para o que essas pessoas estão dizendo, o que as move em direção ao Bonecos Cobiçados, o que as unem.

Ao fazermos isso reforçaremos aquilo que foi proposto no primeiro capítulo. Se olharmos para Guaratinguetá a partir da ótica das Escolas de Samba e propomos outra leitura da cidade, uma que evidencia suas margens sociais e a produção cultural periférica, agora teremos a oportunidade de observar atentamente alguns dos sujeitos que constroem essa cidade que samba, destacando os heróis de barracões⁷.

Para tanto, faremos inicialmente uma discussão sobre a proximidade do samba com a educação formal, convidando para o texto autores já consagrados sobre a formação das escolas de samba e a educação brasileira. Compreendemos que essa abordagem se faz necessária para melhor contextualização e aprofundamento para pensarmos em uma escola de samba capaz de ensinar. Veremos que a própria história da relação entre educação e samba oferece perspectivas que extrapolam as paredes das salas de aula e permitem que o samba preencha brechas onde o rigor do ensino formal não alcança.

Ao fazermos essa exploração breve, porém necessária, encontraremos as primeiras brechas ocupadas pelo samba que permitem o afloramento de lugares não-formais para a educação. Levantamos esse argumento tendo como premissa enredos que as escolas de samba

⁷ Em 2019 a Estação Primeira de Mangueira propôs uma releitura da história do Brasil ao evidenciar personagens que são pouco retratados nas narrativas oficiais. Em determinado verso a agremiação pede passagem para os heróis de barracão: aqueles que constroem o carnaval e são anônimos no dia do desfile.

de Guaratinguetá já levaram para a avenida que remetiam a educação. Veremos adiante que o elo entre samba e educação é estreito, iniciando pelo próprio nome “escola”.

Em 2005, o Bonecos Cobiçados preparou para seu carnaval um enredo intitulado “Universidade do Samba Bonecos Cobiçados: Uma Opção de Qualidade” que tinha como patrocínio a Universidade Salesiana de Lorena. Ao longo do enredo, a escola faz um resgate na história da educação e da conquista de conhecimento, exalta o movimento estudantil e apresenta um refrão bastante claro para o que estamos apontando nessa dissertação “Vou te ensinar / Vem aprender / Nossos meninos são calouros / De certa aprovação / É verde e rosa a academia do saber” (Bonecos Cobiçados, 2005), e ao fim do samba a escola cantava “No campus do Campinho / o horizonte se aproxima do ideal / Bonecos Cobiçados chegando na avenida / É uma aula de carnaval” (Bonecos Cobiçados, 2005). Temos aqui uma aproximação explícita da escola com o universo educacional, provocando, inclusive, uma brincadeira com o nome *Universidade* do Samba no lugar de *Escola* de Samba.

3.1 VOU DE BECA PARA A FOLIA COM CULTURA E ALEGRIA, E DIPLOMA NA MÃO.

Na mesma reunião que citamos no início da seção passada, houve uma fala de Caetano Oliveira, ex-presidente do Bonecos Cobiçados e atualmente diretor da harmonia da escola. Seu discurso foi percebido de forma diferente por mim, que estava presente naquele momento como membro da harmonia da escola de samba e pesquisador em trabalho de campo. Nesse sentido, a fala de Caetano se direcionava na busca pela reestruturação da escola de samba para além da execução de um bom desfile. Sua fala evocou a necessidade de construir no Bonecos a integridade da escola de samba, desenvolvendo projetos sociais e educacionais.

“A gente precisa de um projeto social do Bonecos. O edital da Prefeitura pede que a gente tenha projetos sociais... e eu acho que a gente deveria olhar mais para as crianças, principalmente para as criancinhas. Colocar a criançada na linha para criar um mundo melhor”

O discurso do ex-presidente se estendeu, entretanto, esse recorte é mais uma evidência da tentativa de reconstrução da escola e da ânsia por melhorias e fortalecimento da agremiação. Dessa fala nos atentaremos ao apelo dele para que se construa espaços seguros para as crianças da comunidade. O Bonecos Cobiçados está localizado em um bairro marcado pelo tráfico de drogas e pela violência, o que expõe a juventude a riscos constantes. Nesse cenário, a oferta de

ambientes seguros que promovam aprendizado e desenvolvimento é essencial, e a escola de samba desponta como espaço de grande potencial para mitigar tais vulnerabilidades.

Considerando o que vimos anteriormente sobre a relação entre samba e educação, vamos dar um passo atrás para compreendermos as relações estreitas que se dão entre esses mundos há mais de um século. Para isso, é preciso retornar à época da formação das escolas de samba e da estruturação da educação como a temos hoje. Esse período, atravessado pela Era Vargas, compreende as décadas que antecedem a chegada de Getúlio ao poder e alcançam 1950.

A educação no período dos governos de Getúlio, especificamente durante o Estado Novo (1937-1945), era vista como algo a ser pensado no todo da sociedade, e não apenas nas escolas. A educação deveria abranger o desenvolvimento do espírito patriótico, embebido do ideário trabalhista do Estado que se pretendia *novo*. Para isso era preciso que uma *nova* sociedade se formasse, logo, uma *nova* formação se fez necessária.

Dessa forma, o ensino secundário ganhou relevância por representar um estágio crítico na formação dos jovens, marcando a transição entre o ensino básico e o ingresso no ensino superior ou no mercado de trabalho. Também se tratava de uma fase importante para a fixação de valores. O governo demonstrava grande interesse em reforçar, durante esse período, os valores morais e de caráter defendidos pelo regime, considerados essenciais para a criação do ‘novo homem’ do Estado Novo (Montalvão, 2021; Bomeny, 1999; Oliveira, 2019). Nesse mesmo sentido, a educação assumia papel central para a formação da cidadania

Assim, a perspectiva trazida por Wanderley Santos (1979) de cidadania regulada nos oferece uma boa noção da forma como o governo autoritário, estabelecido sob a figura de Getúlio, lidou com questões sociais, entre elas a cidadania. Segundo o autor, durante o período Vargas, cidadãos eram todos os membros da comunidade que se encontravam em qualquer uma das ocupações reconhecidas e definidas por lei (Santos, 1979, p.75).

A ideia de cidadania regulada está posta sobre mecanismos de controle criados pelo governo Vargas pautados na reformulação do modelo sindical, na regulamentação das profissões e na carteira de trabalho, que, de acordo com Santos (1979) se torna a certidão de nascimento cívico. Por meio desses instrumentos era possível estabelecer um controle social, diferenciando aqueles que eram cidadãos – trabalhavam em profissões regulamentadas – e aqueles que ficariam à margem.

Outra possibilidade de refletir sobre a cidadania nesse período está na expressão do voto. Durante as décadas as quais estamos nos atentando – 1930 a 1950 – as pessoas analfabetas não podiam participar do processo eleitoral. É importante ter em vista que, em 1920, a estimativa de analfabetismo no Brasil era de 65,0% da população (INEP, 2003). Entretanto, se

nesse período apenas pessoas letradas podiam participar das eleições, a maior parte da população fica assim sujeita a uma cidadania periférica ou apartada dela. De acordo com o Código Eleitoral de 1932, “são óbvios os motivos pelos quais devemos manter a exclusão dos analfabetos, do exercício do voto. Eles não poderão expressá-lo como quer a ciência e a técnica eleitorais” (Brasil, 1932, p. 21). O grande mote positivista do início da nossa república transparecia por meio do tecnicismo e cientificismo que excluía os analfabetos dos processos eleitorais.

É importante observar quem estava entre os 65% da população analfabeta em 1920. A maior parte desse grupo era composta por pessoas negras, historicamente excluídas da escola. Esse recorte é relevante porque, nesta etapa da dissertação, nosso estudo apresenta dados sobre a população que se concentra nas periferias do Rio de Janeiro de 1920, 1930 e 1940, ocupadas majoritariamente por pessoas negras.

Não apenas a alfabetização servia como critério para o alistamento eleitoral, como também o Código Eleitoral de 1932 estabeleceu a possibilidade de participação das mulheres, ainda que com restrições, inspirando-se em estados considerados avançados, como o Reino Unido, e expressando receios quanto à dinâmica de um parlamento dominado por homens (Brasil, 1932). Foi apenas em 1988, na chamada Constituição Cidadã, que as pessoas analfabetas ganharam o direito de participar do processo.

Ou seja, a educação no contexto dos anos da Era Vargas era a promessa de status e estabelecia hierarquias sociais, assim como possibilidade de exercer a cidadania, seja por meio do voto ou do trabalho, intermediados pela educação. Além de analisar as reformas educacionais realizadas nos anos seguintes à Revolução, que marcaram a Era Vargas, este trabalho busca refletir sobre como a educação foi instrumentalizada para a construção da identidade nacional promovida pelo governo varguista, assim como sobre seu potencial como instrumento para a expressão e a efetivação da cidadania. É nesse contexto que se estabelece o cruzamento entre educação e samba.

Se fizermos uma incursão na história da educação ao longo da Era Vargas observaremos os avanços e limites das reformas e inovações realizadas na área da educação. Perceberemos que a educação não foi vista apenas na régua da educação formal, mas em diferentes esferas da vida. Notaremos que a educação formal, em grande medida, se tornou caminho para a obtenção da prática da cidadania, por meio da inserção no mercado de trabalho ou da participação do processo eleitoral. Esse mergulho não é o objetivo dessa dissertação e já foi bem explorado por autores que esmiuçam o período. Entretanto, é importante notar que os caminhos que a educação oferecia para a mobilidade social – por meio do letramento que permitia o trabalho e

o voto – eram limitados e insuficientes para promover uma verdadeira mudança para as classes mais baixas da sociedade.

Tanto os investimentos em educação quanto a possibilidade de prática cidadã encontraram outros caminhos. É evidente que a educação não foi ferramenta de difusão do ideário varguista apenas dentro das salas de aula do Brasil. Ao contrário, Vargas utilizou instrumentos de longo alcance e de fácil absorção para difundir o trabalhismo e os ideais governistas. Entre eles daremos destaque para o rádio, por uma questão em especial: o samba.

Como vimos anteriormente, a educação ficaria a cargo do Ministério da Saúde e da Educação, ao passo que o Departamento de Propaganda e Imprensa (DIP) seria o responsável pela divulgação das ideias do governo de forma mais capilarizada, utilizando instrumentos como a rádio, os jornais, a arte, com destaque para o tipo de arte que possuía a vantagem de ser a única a adentrar o ambiente de trabalho, a música (Araújo e Barbosa, 2016; Velloso, 2019). Assim, o DIP ficava responsável pela censura e pela propaganda oficial do governo, controlando e difundindo o que era de interesse para a formação de um novo Brasil.

Nesse contexto, a rádio ganhou grande atenção do DIP porque possuía grande capilaridade e versatilidade. É interessante observar que os nomes que eram contratados para promover a audiência, como Lamartine Babo, Ary Barroso, Carmem Miranda, Francisco Alves, Heitor dos Prazeres e Donga (Velloso, 2019), eram todos nomes importantes para a história do samba.

Apesar da presença massiva em diferentes regiões do Brasil e com influência de outros gêneros, o samba ganhou grande alcance nas classes populares da capital federal e dos grandes centros urbanos do Brasil. Popularizado nas margens do Rio de Janeiro, o samba tem suas origens em outros ritmos de matrizes africanas que se misturaram com diferentes gêneros e se tornaram um dos ritmos de maior importância para a expressão da brasilidade. Mas essa construção não veio sem percalços e tropeços, sem cessões e censuras, adaptações e reformas, inovações e esquecimentos.

Aqueles que criaram os primeiros ritmos não possuíam prestígio social e, no início de suas carreiras, foram marginalizados e perseguidos, o que os levou a buscar nos terreiros de candomblé espaços relativamente seguros para tocar e cantar seus sambas. É interessante notar que os terreiros ofereciam um espaço propício para o desenvolvimento de um gênero musical que tinha, na sua sonoridade, muita similaridade com os toques feitos pelos instrumentos da religião, que são, em sua maioria os mesmos. Diante dessa situação, quase podemos ter a impressão de que a prática do candomblé não foi perseguida durante esse período. Entretanto, Cabral (2012) nos indica que isso foi possível porque as autoridades policiais não conseguiam

distinguir os toques de percussão do samba e da macumba. Além disso, os encontros podiam acontecer nos terreiros com alguma garantia de segurança em razão do prestígio que as “tias”, geralmente mães de santo, tinham com as autoridades políticas e policiais (Cabral, 2012). Em vista disso, havia a necessidade de *civilização* do samba (Velloso, 2019) se o governo via nele a possibilidade de disseminar os ideias e valores apregoados pelo regime.

Assim, o samba passa a ser defendido como elemento de socialização, quando forma bons hábitos, cultiva sentimentos de cordialidade, cooperação e simpatia, permitindo a troca de experiência. Temas como boêmia e malandragem, que já se constituíam numa tradição do samba, não poderiam mais conviver com a ideologia do trabalhismo. A figura do malandro é vista como herança de um passado ingrato, que marginalizara os ex-escravos do mercado de trabalho. No Estado Novo, com o surgimento das leis trabalhistas que protegiam o trabalhador, essa figura ‘folclórica’ perderia a razão de ser [...] logo deve ser eliminada do imaginário popular [...] (Velloso, 2019, p. 174)

Durante essa mobilização do samba em prol do ideário governista, o governo buscava higienizar o gênero, afastando-o da malandragem e inaugurando uma era em que os sambas exaltassem o trabalho. Como aponta Velloso (2019), tratava-se da construção de uma nova imagem do sambista: primeiro trabalhador, depois sambista.

É interessante notar que o trabalho volta ao foco da reconstrução da educação, seja ela a formal – com o ensino secundário ou superior e com o “Sistema S”, por exemplo – seja ela informal – com o samba e a radiodifusão. Esse era o *novo* Brasil idealizado pelo Estado Novo, a formação de um país de povo trabalhador, de cidadania regulada pela carteira de trabalho e pela cultura (Santos, 1979), baseada no trabalhismo de Getúlio Vargas.

Nesse ponto, é importante destacar a resistência que essa adaptação dos sambistas representa na história do samba e das escolas de samba. Ao se ajustarem aos novos moldes propostos pelo regime, os sambistas garantiam sua sobrevivência e acompanhavam a difusão do nacionalismo centralizador de um Brasil trabalhador (Gomes, 1999), sem, no entanto, renunciar à essência malandra do samba. Essa resistência se manifesta tanto na retomada do tema da malandragem após o fim do Estado Novo quanto na figura de Getúlio Vargas, que personalizava a ideia do brasileiro malandro, capaz de dar um jeito em tudo (Velloso, 2019).

Essa concessão representa então o que o geógrafo Nelson de Nóbrega Fernandes (2012) chama de a vitória dos vencidos. Apesar da perda momentânea da espontaneidade da composição, especialmente para as escolas de samba, a aceitação dessa demanda imposta pelo governo garantiu a sobrevivência dessas instituições, que souberam se ajustar aos diferentes momentos históricos pelas quais passaram ao longo de um século. As escolas de samba

atravessaram a ditadura Vargas, a redemocratização, a ditadura militar, a nova redemocratização, se engajaram politicamente em questões econômicas, se juntaram a partidos e organizações políticas, mudaram de lado e se dividiram. Em meio a todo esse processo, garantiram um espaço para a expressão da cidadania daqueles que a fazem.

Isso não deve ser menosprezado. Afinal, se a educação formal não representava um caminho efetivo e garantidor de mobilidade social, possibilitava ao menos a prática da cidadania por meio da alfabetização (Ribeiro e Silva, 2011). Ao mesmo tempo, se mesmo a alfabetização era incerta, ao menos por meio da cultura os marginalizados poderiam se sentir incluídos e, mesmo que somente nos dias de carnaval, ocupar espaços nos quais não eram bem-vindos em outros contextos.

Ismael Silva, aquele que reivindica o batismo dos grupos que desfilavam ao ritmo de samba sob o nome de *Escolas de Samba*, diz, em uma entrevista, que entrou em uma escola e pediu para estudar, causando espanto na professora que o ouvia (Cabral, 2012). Esse relato revela, ainda que implicitamente, a verdadeira feição da educação arregimentada pelo Estado Novo. Silva e Ribeiro (2011) apontam que, a despeito da imagem positiva que se perpetuou da gestão de Gustavo Capanema, um dos grandes arquitetos do regime que esteve à frente do ministério por onze anos consecutivos, suas ações perpetuaram e reforçaram uma educação elitista, direcionada para poucos, com objetivos explicitamente ideológicos. No caso de Ismael, por exemplo, por mais que desejasse estudar, encontra dificuldades. Por mais que o acesso fosse oferecido, não havia a garantia de permanência e conclusão do ensino secundário.

A escola de samba assume aqui um papel de grande importância para nossa discussão. Essas instituições carnavalescas representaram um caminho para que pessoas como Ismael pudessem alcançar o exercício da cidadania, negada pelo Estado por diferentes frentes.

Aos malandros e vadios, às margens da sociedade durante a Era Vargas, era negada a cidadania: se não trabalhassem, se não votassem ou não pudessem expressar sua cultura, o que lhes restava? Quando a educação não era universal e o trabalho só era considerado legítimo se regulamentado, a expressão cultural surgia como um meio de exercer a cidadania. Mais do que legitimar práticas culturais, as escolas de samba possibilitavam a prática efetiva da cidadania.

Oliveira (2019) apresenta o processo de criação da Estação Primeira de Mangueira, oriunda do Bloco de Arengueiros, como a possibilidade observada pelos membros do bloco, entre eles Cartola, de se “obter representatividade ante as agências estatais e até mesmo de conseguir patrocínio” (Oliveira, 2019, p. 378). Esse relato nos indica que havia um movimento dessas pessoas em se organizar para serem vistas pelo governo e conquistarem espaços e direitos que outras organizações já possuíam.

Essas organizações foram batizadas como “escolas” onde se ensina samba. Seria esse batismo provocado por uma tentativa de institucionalizar as agremiações carnavalescas aos moldes do sistema educacional regular que representava mobilidade e prestígio social voltado para poucos?

Ismael nos diz que elas foram batizadas assim por duas razões. Primeiro, por serem espaços onde se ensinava samba. Segundo, em função da presença de uma Escola Normal no bairro da Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, onde nasceu a Deixa Falar. Essas hipóteses não serão esmiuçadas em busca de uma verdade. Trouxemos a fala de Ismael para promover a reflexão acerca da relação entre escola e escola de samba, assim como sobre a representatividade dela nesse contexto.

Existe uma diferente versão vinculada a outra espacialização. Nela, “O nome ‘escola’ teria surgido de um grupo que se reunia para beber e fazer música num botequim no Largo do Estácio, que ficava em frente a uma escola normal” (Oliveira, 2019, p. 377). De acordo com a autora e com Ismael (Cabral, 2012), era dali que saiam os professores do samba, por isso eram escolas de samba.

De todo modo, mais que verificar a origem do nome ou questionar essas versões, cabe notar que todas indicam para a relação com as escolas regulares ou com a educação. É curioso, no mínimo, que entre os caminhos que percorremos e encontramos até agora para a inserção social, aquele único que não demanda uma formação escolar, a cultura do samba, tenha se organizado em torno de instituições que se nomearam *escolas* de samba

Os vínculos forjados entre o samba e as escolas não param por aí. Um dos primeiros sambas de enredo que foi composto em harmonia com o enredo apresentado pela escola é o “Teste ao samba”, de 1939, de Paulo Benjamin de Oliveira, o Paulo da Portela. Acredita-se que o samba embalou um dos primeiros desfiles em que o que era apresentado coincidia com o que era cantando, algo até então não feito pelas agremiações.

Teste ao samba - 1939
Vou começar a aula
Perante a comissão, muita atenção
Que eu quero ver
Se diplomá-los posso
Salve o "fessô"
Dá nota à ele senhor
Quatorze com dois doze
Noves fora tudo é nosso
Cem dividido por mil
Cada um com quanto fica?
Não pergunte à caixa surda

*Não peça cola à cuíca
Lá no morro
Vamos vivendo de amor
Estudando com carinho
Que nos passa o professor
(Portela, 1939)*

Durante o processo de apropriação das escolas de samba pelo regime varguista, na gestão do prefeito Pedro Ernesto, temos um relato que indica essa associação histórica e curiosa entre escola de samba e a escola regular. De acordo com a historiadora Rachel Soihet (2001), eram comuns as visitas do prefeito Pedro Ernesto à Mangueira, desde os primeiros tempos da escola. Em uma dessas visitas, o prefeito concedeu dois terrenos no Buraco Quente, um para a construção de uma escola pública e outro para a sede da escola de samba (Soihet, 2001).

Ribeiro e Silva (2011) compartilham conosco a história da escola 13 de Maio, criada durante os governos de Getúlio Vargas na cidade de Ituiutaba, em Minas Gerais, com a proposta de organizar um espaço formativo para pessoas negras. A escola se apresenta como oportunidade de mobilidade social para a comunidade negra, já que era somente por meio dela que a inserção social poderia ser alcançada. Sobre isso, os autores nos indicam que:

Getúlio Vargas da década de 1930 instituiu diretrizes educacionais, surgia uma organização vigorosa (para o contexto) de descendentes de escravizados cujo foco de luta era a inclusão no modo de vida do branco europeizado: participar da vida pública — por exemplo, votando. Mas, como o escravizado estava formalmente interdito de aprender a ler e a Constituição republicana proibia o voto de analfabetos (esta exigência perdurou até 1985), tal participação supunha adentrar a cultura letrada. A partir do fim do século passado, descendentes de escravizados no Brasil começaram a ter visibilidade como pessoas cujas ações e relações sociais transcendem as relações de produção. (Ribeiro e Silva, 2011, p. 366)

O fenômeno que as autoras descrevem como a transcendência das relações sociais em relação às relações de produção insere-se na criação da brasilidade, que passa a considerar os povos fundadores do Brasil (indígenas, negros e lusitanos), e evidencia, segundo Silva e Ribeiro (2011), o mito da democracia racial, pautado nos interesses das elites.

A experiência da Escola 13 de Maio, que posteriormente foi rebatizada de Escola Municipal Machado de Assis, nos interessa por se tratar de um caso em que a *escola* foi verdadeiramente pensada e executada com propósitos de oferecer ensino – ainda que no período noturno e de qualidade duvidosa – para os negros da cidade de Ituiutaba. O caso nasce de um movimento organizado, a Legião Negra, que tinha no seu estatuto as intenções de “Pugunar pela defesa dos interesses da raça alfabetizando seus membros, promover por meio de reuniões

e festas o entrelaçamento de relações, e a compreensão mais vasta das necessidades de cada um e de todos” (O Sertanejo, apud Silva e Ribeiro, 2011).

A ideia de a escola oferecer inclusão social, seja por meio do voto, ou seja, por meio do ingresso no mercado de trabalho, que demandava letramento mínimo com o avanço da industrialização e da urbanização, nos permite vislumbrar o retrato do papel social da escola durante as primeiras décadas do século XX. Possuir acesso à escola e estudar “[...] significava ampliar horizontes: adquirir a escrita e a leitura era possibilidade de sucesso no mercado de trabalho urbano e de visibilidade social com a circulação em ambientes até então herméticos.” (Silva e Ribeiro, 2011, p. 372).

Este caso em particular nos interessa ainda pelo fato de que, além de inserção social em um mundo europeizado, a escola serviu como um espaço de sociabilidade, afinal, “[...] um dos objetivos da Legião Negra em Ituiutaba foi entrelaçar a luta por educação e as festas entre os da ‘raça’” (Silva e Ribeiro, 2011, p. 373). Nesse sentido, a escola, além de se tornar um espaço de ensino, se tornou um ambiente de encontro e troca entre essas pessoas, e que teve o samba como prática.

Vimos até então que as escolas regulares foram tomadas como exemplo para a fundação das escolas de samba, como símbolo de legitimidade ou de distinção entre os sambistas. Vislumbramos aspectos que justificaram essas associações, seja a busca pelo prestígio social que a alfabetização concedia ou da presença de uma escola dentro de um bairro que samba, como a Escola Normal e a Estácio. Entretanto, o que a experiência da escola 13 de Maio em Ituiutaba nos indica é a possibilidade de um caminho que se faz ao contrário.

O prestígio escolar até então era oriundo da sociedade que podia frequentar a escola: uma parcela pequena da sociedade que se enquadrava entre brancos de classe média alta. Ao gênero cabia a distinção entre as funções que demandavam cuidado – pedagogia, serviço social para as mulheres, por exemplo – e as que requeriam atributos mais técnicos – administração ou direito, aos homens, por exemplo. Entretanto, o que a escola 13 de Maio demonstra é uma organização de pessoas negras criando um espaço para pessoas negras poderem se inserir socialmente e culturalmente.

A escola se secundariza diante da sociabilização. Além da escola, a comunidade negra de Ituiutaba fundou também o Clube Social Palmeira. Um clube que permitia encontro entre membros da Legião Negra, onde praticavam samba. Por fim, o trabalho nos indica que:

A falácia da escola como forma de ascensão social pode ser aventada e se é provável que ajudou essas pessoas a se adaptarem à vida urbana, não se pode

negar que as inseriu na cultura letrada de forma incipiente. Ainda assim, elas usaram essa tática para ampliar seus espaços de socialização e ganhar visibilidade social. Ora, a possibilidade de se matricular e fazer parte do samba representou, certamente, uma forma de inclusão social (Silva e Ribeiro, 2011, p. 374).

Temos, enfim, um caso em que a educação, conjugada pelo samba, permitiu inserção social. E o caso se distingue do que vimos até aqui porque se trata de algo construído pelo grupo com a valorização da cultura que lhes é própria, o que talvez “indique o prazer de fazer algo vinculado ao estreito desejo de manifestação cultural do grupo, de fazer algo dominado por eles, em vez de ser articulado por outrem” (Silva e Ribeiro, 2011, p. 374).

Mas como isso se relaciona ao tema e a discussão que fazemos sobre a problematização do nome escola de samba? Chegamos então no ponto de problematizar o nome e a nomeação dessas agremiações como “Escolas” de samba. Temos visto até então que a educação foi instrumento do governo para a criação de *novos* homens para um *novo* Brasil que se formava no Estado *Novo*. Por meio da educação, se não havia uma verdadeira mobilidade social (Ribeiro e Silva, 2010) havia ao menos a possibilidade de inserção social de uma população apartada da cidadania.

Compreenderemos aqui a noção de cidadania proposta por Milton Santos (2011) como algo que transcende uma definição jurídica e direitos abstratos, mas que se traduz a partir da garantia ao acesso equitativo aos bens, serviços e oportunidades que o espaço oferece, garantindo uma vida digna e a possibilidade de participação ativa na sociedade. Ainda de acordo com o autor, a cidadania é algo que se aprende:

É assim que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura. É, talvez, nesse sentido, que se costuma dizer que a liberdade não é uma dádiva, mas uma conquista, uma conquista a manter. Ameaçada por um cotidiano implacável, não basta à cidadania ser um estado de espírito ou uma declaração de intenções. Ela tem o seu corpo e os seus limites como uma situação social, jurídica e política. Para ser mantida pelas gerações sucessivas, para ter eficácia e ser fonte de direitos, ela deve se inscrever na própria letra das leis, mediante dispositivos institucionais que assegurem a fruição das prerrogativas pactuadas e, sempre que haja recusa, o direito de reclamar e ser ouvido (Santos, 2011, p. 82).

Observa-se que, durante o Estado Novo, as escolas de samba foram instrumentalizadas como veículos de difusão do ideário nacionalista, valorizando temas patrióticos em seus enredos e sambas, afastando-se, nesse período, de assuntos como malandragem e vadiagem. Ao mesmo tempo, essas escolas, assim como o Clube Social Palmeira, eram organizações de expressão das culturas locais dos bairros onde surgiram. Seu contexto de fundação, distinto do

de Ituiutaba – MG, apresentava diferentes recursos de organização e formas de repressão cultural, exigindo estratégias específicas para garantir a continuidade de sua prática.

Nesse sentido, o termo escola de samba não é inocente. Ao associar os grupos às escolas, os primeiros sambistas criaram um espaço de sociabilidade e de agremiação carnavalesca e fundaram, como a Legião Negra, uma escola para a população negra das periferias do Rio de Janeiro. Aqui possuíam alguns objetivos claros, como a legitimação da prática diante das autoridades policiais (Cabral, 2012), por exemplo. Entretanto, não muda o fato de que se torna uma escola que não se restringe a buscar a alfabetização dos seus componentes, mas que se transforma em um espaço onde o sujeito torna-se cidadão. A busca pela cidadania por meio da expressão da sua cultura encontra forma, para a população negra da capital federal das décadas de 20, 30 e 40, nas escolas de samba.

Assim, “Impedidos, por um longo tempo, do exercício da cidadania, não brigavam por seu partido, como as elites, mas por sua agremiação festiva, como o faziam pelo time de futebol” (Oliveira, 2019, p. 380). Assim como na escola 13 de Maio, as escolas de samba permitiram que seus *alunos* ganhassem visibilidade e inclusão social através de um clube/escola no qual o samba era a principal atração/disciplina.

A experiência da escola 13 de Maio nos traz a reflexão sobre a replicação desses casos em outras regiões do interior do Brasil. Afinal, o samba se popularizava entre as décadas de 1920 e 1930 e já encontrava espaço de manifestação em grupos sociais do interior de Minas Gerais. Nesse sentido, caberia questionar qual samba era produzido nesse contexto? Quais outros lugares tiveram uma experiência semelhante?

Em São Paulo e outras cidades como Juiz de Fora - MG, Guaratinguetá – SP, Niterói – RJ, Belém – PA, Florianópolis – SC, Fortaleza – CE, que possuem escolas de samba entre noventa e oitenta anos de idade na data deste texto, temos agremiações que nasceram durante a Era Vargas. A diversidade de lugares por onde as escolas de samba estava nascendo ao longo das décadas de 1930, 1940 e 1950 pode indicar o sucesso governamental em tornar as escolas de samba cariocas grandes difusoras da imagem do Brasil. Ao mesmo tempo, pode representar a identificação de grupos interioranos que viram nessas agremiações possibilidades de inserção social dentro dos seus contextos locais.

Notamos que o samba e a educação foram, ao longo da Era Vargas, meios para o alcance da cidadania para a população periférica, pobre e de maioria negra do Rio de Janeiro. E diante da experiência da escola 13 de Maio, podemos supor também que foi caminho para a cidadania por toda a extensão territorial do Brasil.

Podemos enumerar aqui ao menos três formas pelas quais o samba e a educação caminham nesse caminho de alcance da cidadania. A primeira, por meio do trabalho, onde a carteira de trabalho representava a certidão de nascimento cívica; a segunda por meio do voto e da participação no processo eleitoral; e a terceira pela cultura, pela prática de expressões culturais legítimas aos olhos do Estado, dentre as quais o samba era o grande destaque.

Assim, acreditamos que a simplificação da nomeação das escolas de samba não se limita à busca por legitimação da manifestação cultural. Encerrar a discussão nesse ponto poderia gerar anacronismo, ao supormos que já havia consciência da significativa expressão que as escolas de samba alcançariam no cenário nacional. Há, ao mesmo tempo, a percepção de que elas possibilitaram inserção social.

Se as escolas de samba tivessem sido batizadas apenas em busca de legitimação perante os outros, não seriam vistas como objetos estranhos e ainda estigmatizados, representando a parcela pobre e periférica dos centros urbanos, como indica a perspectiva de DaMatta (2018), segundo a qual as escolas de samba se organizam apenas no período momesco

As escolas de samba não se legitimaram para a sociedade. Elas seguem bestializadas, observadas pela elite como objeto exótico da cultura negra e pobre. Em Guaratinguetá-SP, por exemplo, os eventos que antecedem os desfiles e são realizados nas ruas da cidade determinam um limite de componentes que ficarão dentro de uma grade para que a população presente possa assistir à apresentação, isso sob a justificativa de organização do evento. Os componentes se apresentam para um público que não é aquele que frequenta as quadras das escolas, onde está sua comunidade. Esse público tem a possibilidade de, uma vez por ano, assistir o que aquela parte da cidade está produzindo culturalmente, afinal “Cada cidade – sempre considerando que existem muitas cidades em uma mesma cidade – se relaciona de forma singular com as festas que nela ocorrem” (Bernardo e Costa, 2024, p. 287).

Essas apresentações acontecem dentro da lógica perversa instituída pela prefeitura municipal para organizar a distribuição da verba para as agremiações, que precisam cumprir metas⁸ para receber. Para a comunidade, a festa não está no momento da apresentação, mas sim no caminho que se dá até a apresentação.

⁸ Para que as verbas sejam liberadas para as Escolas de Samba de Guaratinguetá, elas precisam cumprir algumas tarefas, como: apresentações em visitas às coirmãs; apresentação na praça da cidade em datas acordadas entre Prefeitura, Organização das Escolas de Samba de Guaratinguetá e as escolas de samba; entrega de documentos dentro do prazo estabelecido pela Organização das Escolas de samba e cumprimento do regulamento durante o desfile. Esse modelo de distribuição da verba prejudica a realização do carnaval, pois como observado, parte da verba só é repassada após o carnaval, impedindo o investimento desse valor antes da apresentação.

É comum entre as escolas de samba de Guaratinguetá, que nos dias destinados para essas apresentações na praça a bateria de cada escola se concentre em determinado ponto das ruas que terminam na Praça Conselheiro Rodrigues Alves. Junto das baterias vão chegando as torcidas, caracterizadas com roupas das cores das escolas e bexigas, bandeiras, sinalizadores. Momentos antes de serem convocadas para a apresentação e se enjaularem para o espetáculo voltado a outro público que não o da comunidade, as baterias, juntamente com outros setores da escola embalam seus foliões por alguns metros até chegarem na praça e lá dispersarem.

Essas apresentações são feitas extraoficialmente, sem qualquer suporte da prefeitura. Entretanto, indica a subversão das escolas de samba diante da ordem imposta para a controlar o tempo e a forma como as escolas se apresentam. Em mais um caso de adaptação para a sobrevivências, as escolas cedem para sobreviver e se reorganizam para expressar o que deveria ser direito. Entre eles, Bernardo e Costa (2024), ao proporem uma discussão sobre o direito à cidade e as festas como possibilidade dessa prática, resumiram breve e poeticamente o efeito que as festas de rua, entre elas as escolas de samba, causam à cidade.

Um certo ritmo, escapulido, percorre as ruas depois de virar a esquina. Ricocheteia entre os muros e foge mais uma vez pelas frestas dos prédios: a música teima em se espalhar. No ar que preenche a cidade, ela vibra, mesmo lá longe, onde já chega sem força para fazer tremer os corpos, mas nem por isso, deixa de carregar consigo uma mensagem: algo acontece. A música pode compor a atmosfera. Um clima- eletrizante. Vistos de longe, os passos de dança podem soar um convite. De perto, transpirar um contágio. As festas de rua, em sua multiplicidade, têm uma capacidade de envolver quem participa delas, mas, mais do que isso, esparramar-se em reverberação pela cidade (Bernardo e Costa, 2024, p. 289).

Diante dessa passagem, retomamos a discussão refletindo acerca da legitimação das escolas de samba e compreendemos que a luta não foi por legitimação, mas pelo direito à cidadania, ainda que somente pela expressão da cultura. Se essa legitimação tivesse sido conquistada com a associação às escolas regulares, as escolas de samba não teriam, que ano após ano, reforçar e justificar sua importância cultural para se defender de constantes ataques.

Em 2017, as escolas de samba do Rio de Janeiro se uniram em protesto após o corte de verbas promovidos pelo ex-prefeito Marcelo Crivella para as agremiações do grupo especial (Veja, 2017). As escolas de samba e outras instituições carnavalescas tradicionais responderam às medidas adotadas pela prefeitura. A Estação Primeira de Mangueira respondeu ao prefeito com o enredo “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco”, elaborado pelo carnavalesco Leandro Vieira: onde um trecho do samba cantava “Eu sou Mangueira, meu senhor / não me leve a mal / Pecado é não brincar o carnaval” (Mangueira, 2017). Já o bloco Simpatia é Quase Amor

respondeu com os versos “Ensaio de escola? Ele mela! Roda de samba? Atropela! Macumba? Não tolera! Só gosta de bloco Nutella! Ele não cuida? Nem zela! Casa de jongo? Cancela! Em nome de Deus? Apela!” (Simpatia é quase amor, 2018).

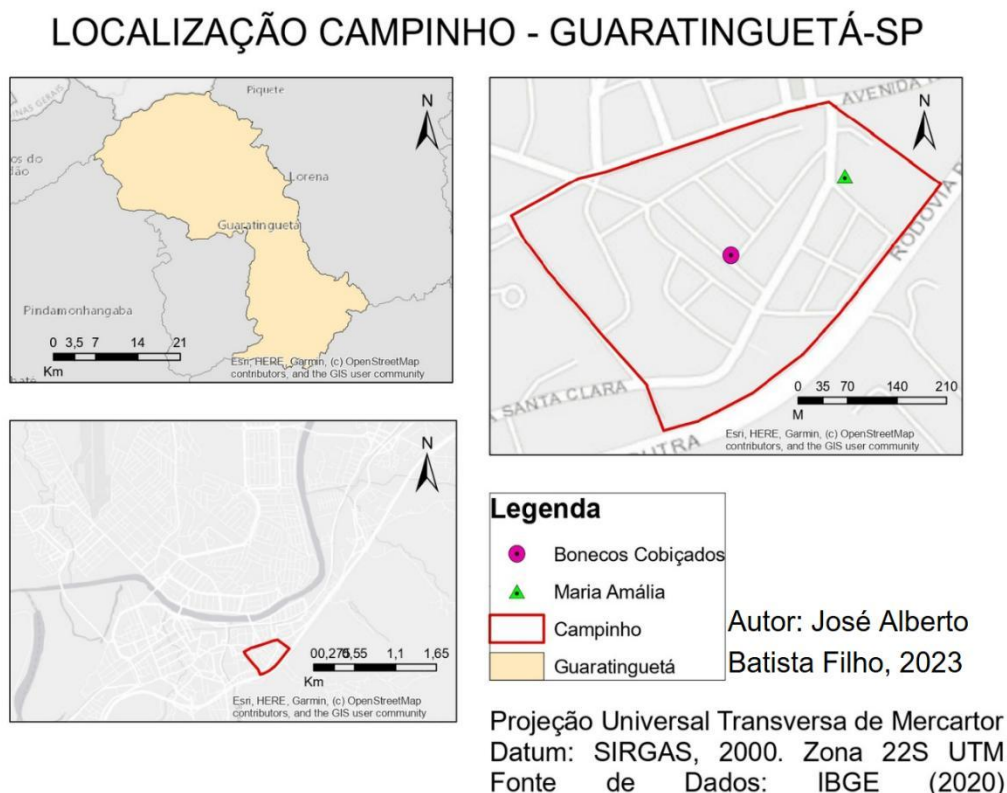
Alguns anos depois as escolas de samba foram acusadas de serem as causadoras das primeiras mortes no Brasil pela pandemia da Covid-19 em função da aglomeração causada nos sambódromos (Veja Rio, 2022; LigaSP, 2020). A informação foi desmentida posteriormente, mas isso não evitou as críticas reacionárias e intolerância religiosa. Isto posto, a legitimação da festa torna-se secundária, especialmente se considerarmos que as escolas de samba funcionam como um caminho de integração social para seus integrantes.

3.2 NO CAMPINHO TEM, TEM, TEM, TEM...

Diante do que foi visto até aqui, é possível notar a longínqua relação entre o samba e a educação e vislumbrar os caminhos percorridos por eles com vistas a integrar a população através da inserção social que o samba e a educação representaram durante o período Vargas. Cabe então refletir sobre essa relação na escala de Guaratinguetá, mais especificamente na escala do bairro do Campinho, onde temos nossa escola de samba que está sob o foco dos nossos olhares: Bonecos Cobiçados. O Bonecos Cobiçado estabelece relações com escolas regulares? Em caso positivo, como a escola de samba se aproxima da educação formal nesse contexto do Campinho? De que tipo são essas trocas? Quais são os aprendizados oferecidos pela agremiação? Como a escola regular impacta no samba do bairro? Essas e outras questões nortearão o caminho que iremos percorrer adiante, tendo sempre em mente que a relação entre o bairro e a escola é o que nos move para tensionar o vínculo entre pessoas e a escola de samba.

Para podermos fazer isso de forma mais contextualizada, é importante que o bairro do Campinho seja devidamente apresentado e descrito com a ajuda dos sambas das suas escolas. Então, logo de início devemos lembrar que o bairro do Campinho é um dos mais antigos da cidade, configurando como um dos primeiros loteamentos que superam a barreira do Ribeirão São Gonçalo e dá forma às primeiras periferias da cidade, como pudemos observar anteriormente na expansão da mancha urbana da cidade.

Figura 17 – Localização do Campinho



Fonte: Dados do IBGE (2020)

No mapa anterior temos em evidência a localização do bairro do Campinho na cidade de Guaratinguetá e dois destaques, em verde e rosa, para as duas escolas do bairro: o Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Bonecos Cobiçados e a Escola Estadual Maria Amália de Magalhães Turner. Logo de início podemos notar a proximidade geográfica das duas, que não se distanciam em 500 metros. Em um segundo momento, podemos observar a formação do bairro a partir de uma perspectiva histórica: nesse caso, a escola de samba é mais antiga, fundada em 1957, enquanto a escola estadual foi construída e inaugurada em 1969.

Tivemos dificuldades para estabelecer as datas e reunir fontes que contribuam para a contextualização histórica da comunidade. Moradores mais antigos afirmam que, no bairro, existia uma fábrica de queijos fundada por um empresário oriundo de Campos Novos. Entretanto, mesmo na oralidade não há confirmação se ele seria de Campos Novos Paulista, em São Paulo, ou de Campos Novos, em Santa Catarina. A data de encerramento das atividades, assim como o ano de fundação, não é conhecida, o que dificulta a construção do perfil histórico do bairro.

Nem mesmo nos sambas produzidos pelas escolas de samba temos referência a essa fábrica. Este é um exemplo que reflete uma grande dificuldade ao trabalhar com o Bonecos Cobiçados e com as escolas de samba de Guaratinguetá de forma mais geral: a ausência de fontes provocada pela negligência com arquivos históricos. Diante desse cenário, consideraremos as falas das pessoas que foram entrevistadas e, sempre que possível, faremos o cruzamento das fontes e trabalharemos utilizando os sambas de enredo como fontes terciárias.

Anterior à fundação do Bonecos Cobiçados como escola de samba, apenas a Igreja de Santa Luzia se destaca. De acordo com a Câmara Municipal de Guaratinguetá, foi fundada em 1944 e abrigava irmãs enclausuradas da Imaculada Conceição (Guaratinguetá, 2025). Atualmente, a igreja não celebra missas. Entretanto, sua influência permanece nos nomes de pontos comerciais, de organizações musicais e na principal rua do bairro, indicando sua importância ao longo da história local.

É notável, isto posto, a importância da escola de samba para o bairro. Dentre as construções e organizações mais antigas ainda em funcionamento, a agremiação desponta como a mais influente do bairro, mobilizando sua comunidade direta ou indiretamente ao longo de décadas.

Para traçar melhor o perfil do bairro do Campinho, utilizaremos a letra do samba de enredo da Escola de Samba Unidos da Verde e Rosa do ano de 2004. Com o enredo “Tudo isso no Campinho tem” e de autoria de Gerson, Cahê do Cavaco e Homero Couto, a agremiação homenageou o próprio bairro exaltando as principais características, estabelecimentos e práticas culturais da comunidade.

Tudo isso no Campinho tem - 2004
Hoje o Campinho está em festa
A hora e essa gente minha gente vamos lá
Mostrar que somos celeiro de bamba
A raiz do samba de Guaratinguetá
Subindo os sete pecados
Ouçó um lindo dobrado
É a banda a tocar l ala laia
Oh Santa Luzia, Ave Maria
Venha nos abençoar
Vem um grito no ar que explosão
O Campinense se é campeão
Vamos lá no Facão comemorar
Que o samba não tem hora pra acabar
Saúde, educação, fraternidade
Esporte e lazer, prazer tudo pra comunidade
Na Biquinha dos Amores
Lendas e realidades (e tem)
Festa de São João, baile funk quanta emoção

E no terreiro dos orixás peço axé e proteção
Tudo isso no Campinho tem, para mostrar a um certo alguém
Oh oh oh quanto amor
Bonecos Cobiçados chegou
No Campinho tem, vem que tem
Meu verde rosa irreverente
Gente bonita e contente
E a bateria com swing diferente
 (Unidos da Verde e Rosa, 2004)

O samba acima foi composto para o desfile da escola que é fruto de dissidência interna do Bonecos Cobiçados. A Unidos da Verde e Rosa, também é sediada no bairro do Campinho, teve em sua diretoria e organização membros insatisfeitos com os rumos do Bonecos Cobiçados. A escola já não existe, o que resta é a sombra da sua presença que anualmente reaparece quando intrigas internas se inflamam e ameaçam a estabilidade do berço do samba: Bonecos Cobiçados.

Sobre essa dissidência, considero importante que seja feita uma explanação sobre a história do ocorrido. Para tanto, trarei uma conversa que tive com a Dagela no Dia Nacional do Samba de 2024, quando compartilhei com ela uma perspectiva pessoal da escola. Tradicionalmente, o Dia Nacional do Samba, em Guaratinguetá, é comemorado na sede do Bonecos Cobiçados. As outras escolas fazem presença na quadra da escola de samba mais antiga da cidade como forma de prestigiar o “Berço do Samba”. E a tradição não foi diferente em 2024.

Apesar de a data ser comemorada no dia 02 de dezembro, o Bonecos fez seu evento no dia 01, domingo. Além da visita das outras agremiações, a escola aproveitou para empossar o novo casal de mestre-sala e porta-bandeira, o novo diretor de harmonia e o novo coreógrafo de comissão de frente, além de fazer o desfile dos protótipos das fantasias que iriam para a Avenida em 2025. Tudo isso, somado ao compromisso de me fazer presente por ser membro da harmonia e ter sido convocado pelo nosso “chefe”, me levou a comparecer no evento.

Cheguei, como sempre, uma hora depois do horário marcado, sabendo que o atraso para começar o evento seria de, pelo menos, três horas. Dito e feito, o que era para começar às 16h foi adiado para as 17h e começou, efetivamente, às 20h. Durante esse tempo, percorri a sede cumprimentando os colegas da harmonia e pessoas da escola por quem tenho grande carinho. Feito isso, me sentei em uma cadeira e fiquei conversando com um casal sobre o Bonecos e se a nova diretoria estava ou não inspirando mudanças, renovação e melhorias para escola.

Enquanto isso, do outro lado da mesa coberta com uma toalha em verde e rosa, minha mãe e a Dagela conversavam, até que fui chamado para a conversa: “Conta para a Dagela aquilo

que você disse sobre o pessoal do Bonecos ser conformado...”. “Ah, espera aí”, falei me levantando e indo para o outro lado da mesa. No momento, não vi que era uma oportunidade de conversar com a Dagela, que costuma ser avessa a dar entrevistas, me adiantei apenas para evitar que minha mãe espalhasse meus achismos como verdade absoluta, especialmente sobre o tema a respeito do qual ela me chamou para falar.

O tema em questão parte de uma suposição que fiz a partir de uma análise dos sambas do Bonecos, da sua história, e da minha observação do contexto político e administrativo da escola ao longo dos anos em que atuo como folião, chefe de ala e harmonia da escola.

Nos primeiro 9 anos de Bonecos Cobiçados, sob a direção de Chico da Júlia, a escola desfilou com sambas que variavam entre a irreverência, a lamúria por amores e a vocação pelo carnaval que o povo do Campinho tinha. Em 1966, a escola desfila com o seguinte samba:

*Lá vai a escola do Campinho
Vai descendo pra cidade
Vai lavando alegria
Pra velhice e a mocidade
Não, não senhor
Não pensamos em vitória
Só queremos deixar ai, ai
O nome da escola na história
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

A partir dos sambas e observando a forma como o Bonecos faz seus carnavais, notei um padrão de conformismo da escola com a satisfação em brincar o carnaval, sem necessariamente buscar a vitória. Essa hipótese é reforçada com os dois sambas seguintes, que homenageiam o principal nome da escola nesses primeiros anos: Chico da Júlia. Em 1967 e 1968, a escola desfilou se lamentando pela morte precoce do seu principal fundador, chegando a afirmar que não desfilariam mais:

1967 - Chico
*Chico, cedo você foi embora
E a escola ainda chora
O vazio que ficou
Mas temos esta gente valiosa
De coração verde e rosa
Que com você batucou
É gente que só quer ver os bonecos
Viver de glórias e ecos
E só pensa em melhorar
E vão batucando a toda hora
Para um dia na história
O nome da escola deixar*

(Bonecos Cobiçados, 1982)

1968 - Adeus a chico

*Dezoito de dezembro foi tristeza
Que o povo não acreditou
Na tragédia que aconteceu
E nela o nosso presidente faleceu
A nossa escola de samba
Não vai mais desfilar
Porque na lembrança ele sempre estará
Agora ele foi pro céu
Foi fazer companhia a Chico Alves e Noel*
(Bonecos Cobiçados, 1982)

A escola comemorou seu décimo aniversário em clima de luto pela morte de seu presidente. Em 1967, conquistou o primeiro título de campeã, repetindo o feito em 1969. Entretanto, com a oficialização do carnaval da cidade em 1970, a escola só voltaria a vencer em 1974, conquistando até hoje seu único título oficial.

Após esse título, uma figura relevante do bairro fundou outra escola de samba no Campinho, a Unidos do Verde e Rosa. Essa escola vai e vem ao longo das décadas, desfraldando e enrolando sua bandeira em vários momentos, sendo o mais recente em 2005. Entretanto, nunca a escola conseguiu desbancar o lugar que o Bonecos Cobiçados ocupa no bairro, de modo que o fundador da Unidos da Verde e Rosa, após a primeira enrolada de bandeira, voltou para o Bonecos e se tornou presidente por mais de um mandato. Seu genro, décadas depois, reativou a Unidos do Verde e Rosa, eventualmente desativou, voltou para o Bonecos e se tornou presidente por dois mandatos.

Esses movimentos me alertaram para possibilidade de existirem duas escolas de samba dentro do Bonecos Cobiçados. Lembrando que essa hipótese é pessoal e aventada com base na minha observação ao longo dos anos em que estou ativo na escola, assim como na análise dos sambas de enredo da agremiação. Além disso, perceberemos que essa interpretação depende de uma leitura dualista da escola de samba, onde as pessoas se envolveriam com *essa ou com aquela* agremiação, criando uma dinâmica que não se reflete no estabelecimento das relações das pessoas com as escolas de samba, que não costumam ser pautadas num maniqueísmo cego e desproposital. Apesar disso, também notaremos que minha leitura sobre o Bonecos Cobiçados é compartilhada com outras pessoas e encontra respaldo nas experiências alheias.

Com a morte de Chico da Júlia, o Bonecos parece ter sido enterrado junto diante do tom de luto e desmotivação que marcou os carnavais seguintes. Esse quadro muda em 1974, quando a escola se reinventa e conquista o título. Ainda assim, pouco depois, surge um racha interno que leva à fundação de outra agremiação no mesmo bairro, espaço insuficiente para comportar

duas escolas, ainda mais com as mesmas cores. Essa nova escola aparece sempre em momentos críticos do Bonecos Cobiçados, mas o que isso revela?

Para responder essa pergunta busquei sistematizar algumas percepções que pude ter ao longo muitos anos frequentando a escola. Essa sistematização é a tentativa de explicar movimentos internos da escola que são dinâmicos, subjetivos, flexíveis e dificilmente podem ser lidos de modo dual, fazendo da minha sistematização apenas uma tentativa de explicar esse organismo vivo que é o Bonecos Cobiçados. Com essas considerações podemos seguir para a sistematização.

Existe, dentro do Bonecos Cobiçados, dois grupos distintos: os bonequistas e os verde-rosa. Os bonequistas seriam os herdeiros do Chico da Júlia, pessoas *continuístas* que se satisfazem com a brincadeira do carnaval, com o desfile pela alegria, sem se preocuparem com título e campeonato. Os verde-rosa seriam aqueles que, insatisfeitos com as sequentes derrotas no carnaval, tentam mudar internamente o “sistema” do Bonecos e, diante da resistência dos bonequistas e do gosto por carnaval que os impede de abandonar a festa, fundam outra escola. No caso dos verde-rosa, sua manifestação não equivale a um desgosto pelo Bonecos, mas parece ser resultado de um desejo de mudança e insatisfação com a situação atual da escola.

Com essa perspectiva em mente, compartilhei com outras pessoas a ideia e, até o momento, obtive apenas retornos que consideram o raciocínio coerente. E por isso o receio de que isso fosse mal explicado para Dagela, pessoa que considero ser uma bonequista. A maleabilidade de uma sistematização de algo vivo e mutável, quando mal compreendida, pode gerar desentendimentos desnecessários.

Explanei para ela a teoria e obtive um retorno mais interessante do que eu esperava, além de ter o respaldo dela sobre a teoria: “É isso. A divisão existe e digo mais: Pelé, Juruna, esse pessoal vem da Verde e Rosa. E o *Bonecos resiste* por causa da *força* que tem, da *tradição*.”

Então Dagela me contou que Chico da Júlia, filho de Dona Júlia, faleceu jovem, aos 27 anos. Segundo ela, Dona Júlia era amiga de “pessoas antigas da Mangueira, como a Dona Zica, eles vinham sempre para cá, na casa da Dona Júlia. Daí o Bonecos ganhava essa *força*”. Força essa que se ancorava no carnaval externo.

Essa aproximação às raízes do Bonecos Cobiçados permite compreender a escolha das cores verde e rosa e a filiação da escola à tradicional agremiação carioca de mesmas cores. Restaram algumas perguntas, como: a Dona Júlia veio do Rio de Janeiro? Essa amizade com pessoas da Mangueira se deu após a mudança para Guaratinguetá? Havia alguma relação de parentesco? O que traziam essas pessoas para Guará?

Nessa breve conversa com a Dagela, pude ter o respaldo de uma ideia complicada, mas ao mesmo tempo interessante para quem busca compreender a história do Bonecos Cobiçados. Além disso, ela entregou detalhes sobre a formação do Bonecos que extrapolam a instituição e chega nos sujeitos que deram vida e alma para essa escola que, mesmo após 68 anos, respira e pulsa com vitalidade a despeito das disputas e dificuldades.

Ao mesmo tempo, ao conversar com Chiquinho, ex-presidente da escola e membro da harmonia da escola de samba, obtive uma perspectiva diferente. Segundo ele, a Unidos da Verde e Rosa desfilou como escola de samba somente em 1975. Nos anos seguintes, quando desenrolou a bandeira, a agremiação teria se apresentado como bloco de embalo que recebia alguns quesitos avaliados na mesma régua da escola de samba, como bateria e harmonia. Nesse sentindo, de acordo com Chiquinho, nos momentos em que a Verde e Rosa retorna para o carnaval de Guaratinguetá, sua presença não teria desestabilizado o Bonecos Cobiçados ou gerado conflitos internos para a escola de samba.

Fizemos essa volta após apresentarmos o samba da Unidos da Verde e Rosa por consideramos que, independentemente dos conflitos entre as agremiações e de possíveis desavenças que tenham surgido em torno delas, ao homenagear o bairro do Campinho, a Unidos da Verde e Rosa faz uma ode que exalta aspectos culturais do bairro, práticas da sua comunidade, a fé, as características geográficas implícitas em localidades populares entre os moradores e encerra exaltado aquilo que o bairro possui de mais característico: o Bonecos Cobiçados. O próprio título do samba de enredo “Tudo isso no Campinho tem” é uma referência ao samba-exaltação do Bonecos Cobiçados:

*Abram alas pessoal, viemos apresentar o nosso carnaval
As baianas em harmonia, escuta o repicar da bateria
Oh quanta alegria!
Ô ô ô ô ô, Bonecos Cobiçados chegou!
Ô ô ô ô ô, Bonecos Cobiçados chegou!
Tudo isso no Campinho tem
Para mostrar a um certo alguém
E nós de Bonecos Cobiçados
Para sempre seremos lembrados!
E nós de Bonecos Cobiçados
Para sempre seremos lembrados!
Ô ô ô ô ô, Bonecos Cobiçados chegou!
Ô ô ô ô ô, Bonecos Cobiçados chegou!
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

Ao exaltar o bairro, a agremiação, que surge de uma dissidência interna, homenageia o Bonecos Cobiçados, colocando-o em uma posição de destaque e enaltecendo sua importância

para o bairro. Isso reflete parte da perspectiva que foi levantada anteriormente, de que mesmo que essa divisão interna exista – e que eu acredito que existe –, ela não é motivada por intrigas ou antipatia ao Bonecos, mas sim pela necessidade de encontrar outras saídas, soluções e possibilidades de saber-fazer escola de samba. Do contrário, a Unidos da Verde e Rosa não teria dado à coirmã o lugar de destaque. Outro ponto interessante é que o próprio Bonecos Cobiçados não compôs um samba tão abrangente sobre seu bairro quanto o produzido pela Unidos da Verde e Rosa.

Veremos adiante que o bairro é essencial para a escola de samba. Nesse sentido, é comum que as escolas de samba tornem seus bairros enredos de seus carnavais. Apesar disso, o Bonecos Cobiçados nunca exaltou o bairro de forma completa, sendo ele próprio o enredo. A primeira escola de samba do Bairro do Campinho a fazê-lo foi a escola-irmã Verde e Rosa, que recorda o Bonecos Cobiçados ao mencionar o Campinho em seu samba: “somos celeiro de bamba / a raiz do samba de Guaratinguetá”, em alusão ao fato de o bairro ter sediado a primeira escola de samba.

Além do Bonecos Cobiçados, a Unidos da Verde e Rosa exalta outra instituição musical presente no bairro de muito importante para o carnaval da cidade: a Associação Musical Banda Santa Luiza. A banda é responsável por tocar marchinhas carnavalescas nos principais blocos da cidade. Atualmente sua sede está na rua localizada na rua São Roque, a mesma da sede do Bonecos Cobiçados.

O esporte é exaltado no bairro em função do Esporte Clube Campinense, time local que participa de campeonatos amadores de futebol. Fundado em 1985, o time leva as cores vermelho, verde e branco, mas possui uniformes em verde e rosa, acompanhando as cores do Bonecos Cobiçados.

A fé também é exaltada pelo samba, retomando a discussão que iniciamos essa dissertação. A relação entre o sagrado e o profano é uma constante no Carnaval de Guaratinguetá, assim como o sincretismo religioso é frequentemente trabalhado pelas escolas. No mesmo samba vemos Santa Luzia ser homenageada e temos os Orixás lembrados para abençoar e guiar a escola. Para efeito de curiosidade, a toponímia predominante nas ruas do bairro carrega nomes de santos: a sede social do Bonecos Cobiçados está localizada na esquina entre a rua São Roque e a São Sebastião. A principal rua do bairro carrega o nome de Santa Clara. Santa Luzia fecha o triângulo que a geografia do bairro forma. Santa Luzia, inclusive, é constantemente homenageada nos sambas do Bonecos Cobiçados, como ocorreu mais recentemente em 2019: “Dona Tininha rogue à Santa Luzia / Que nesse dia venha nos guiar” (Bonecos Cobiçados, 2019).

Outros sambas destacaram a fé católica, seja no próprio Bonecos Cobiçados, seja em outras escolas, como a Embaixada do Morro, que já apresentou enredos como A fé não costuma falhar e Santo de casa faz milagre, ambos centrados na religiosidade católica. Essa relação entre as escolas de samba, seus enredos e a religiosidade da cidade será retomada adiante.

A letra do samba da Unidos da Verde e Rosa nos permite ainda uma imersão no cotidiano do bairro. Além do Campinense, outros aspectos da vizinhança são abordados pelos compositores, entre eles o Facão. O refrão do meio do samba destaca o futebol e a ida até o Facão para comemorar, onde o samba não tem hora para acabar. Facão é, dentro do bairro do Campinho, a referência de bar e de encontro para os moradores, especialmente para os integrantes da escola de samba, e leva esse nome em homenagem ao seu dono, apelidado de Facão. O Bar do Facão é o lugar onde membros da velha guarda, diretores, harmonias, chefes de ala, foliões e outros segmentos se reúnem para conversar sobre a escola de samba, sobre suas vidas e sobre o bairro. Essa reunião só é possível graças à sobrevivência do bar, mesmo após a morte do Facão pai, quando o Facãozinho deu continuidade ao negócio e à promoção do “melhor torresmo da cidade”.

Atualmente, Facãozinho e seu filho seguem sendo membros importantes do Bonecos Cobiçados, ocasionalmente ocupando posições na harmonia ou na diretoria. O Facão e o Facãozinho são exemplos de pessoas que mantêm a escola de samba respirando mesmo em hiatos e tempos de desesperança da agremiação. Afinal, assim como já pudemos observar, as escolas de samba são as pessoas que em torno dela se reúnem.

Além dos personagens já citados, existem outros que permitem que espaços fora da escola de samba sejam criados e se tornem extensões da própria agremiação. São alguns exemplos: o Bar da Nevinha, a Banda Santa Luzia e o Bloco Lelé da Cuíca. Todos eles são mantidos por componentes do Bonecos Cobiçados e coloridos de verde e rosa quando pessoas se encontram.

ando continuidade à análise da letra do samba de enredo da Unidos da Verde e Rosa, destacamos algumas localidades do bairro mencionadas na canção, como o Sete Pecados – ladeira íngreme que dá acesso ao bairro e à rua do Bonecos Cobiçados –, e a Biquinha dos Amores, onde os jovens se encontravam e que foi palco do início de diversos namoros e casamentos. Não obstante, o samba exalta outras expressões culturais do bairro, como a Festa de São João, por muitos anos organizada pelo Pereirinha, nomeada como o Arraiá do Pereirinha. Em relação aos bailes funk, eles ainda acontecem ocasionalmente ao fim dos eventos maiores da escola de samba, permitindo que outros públicos frequentem a sede da escola.

Como anunciado anteriormente, o samba da Unidos da Verde e Rosa permitiu uma apresentação ampla e diversificada sobre o bairro do Campinho, abordando diferentes aspectos da comunidade. A partir deles podemos ter um panorama de características culturais e sociais do Campinho e do Bonecos Cobiçados.

Entretanto, é importante explorar a história do Bonecos Cobiçados. Diante da dificuldade de encontrar registros que comprovem muitas das histórias coletadas ao longo da pesquisa e da experiência vivida na agremiação, e considerando a lacuna de fontes históricas sobre o carnaval de Guaratinguetá, apresentaremos o Bonecos Cobiçados entrelaçando informações referenciáveis com relatos orais e vivências conhecidas. A próxima seção não pretende produzir páginas definitivas da história da escola - isso demandaria um estudo à parte - mas sim enriquecer a dissertação com as histórias, lendas e causos do Campinho, da escola de samba e de sua comunidade, colorindo de verde e rosa.

3.3 SE OS BONECOS NÃO DESCER NÃO HÁ SAMBA NO ASFALTO

*Quiseram cobiçar os meus Bonecos
Mas isto não conseguiram não
Bonecos é samba, amor e alegria
Muita Luta, muita tradição
Canta meu Boneco, canta laia laia
Canta que o Campinho vai chorar
Chorar de alegria
Quando na avenida você novamente passar
Canta meu Boneco Canta laia
Mostra que o verde e rosa é só teu
Reúna os batuqueiros
Vamos mostrar pro povo
Que os Bonecos não morreu
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

O Grêmio Recreativo e Cultural Bonecos Cobiçados foi fundado em 1957 por Chico da Júlia, Toninho da Tininha, Carlos Fagundes, Luiz Patrício, Bertinho e outros jovens do bairro do Campinho que desejavam aproveitar o carnaval entre amigos e conhecidos. Assim, desceram para a Praça Conselheiro Rodrigues Alves com instrumentos de percussão improvisados e surpreenderam aqueles que aguardavam as apresentações carnavalescas daquele ano. A combinação da percussão com a letra simples que foi apresentada instigou os fundadores a se apresentarem no ano seguinte como escola de samba:

*Tumba Lêlê
Tumba lelê o lalá*

*Se você cair no samba
deixa o samba pra sambar
O lelê o lalá
Oi tumba lelê
Tumba lelê o lalá*

Esse registro pode ser encontrado no livro comemorativo distribuído pela agremiação na data do seu jubileu de prata, em 1982. O documento reúne a letra de todos os sambas de enredo da agremiação desde a data da sua fundação e contribui para contar a história da escola de samba, especialmente se considerarmos que possui letras de sambas que não possuem registro sonoro. Como vimos anteriormente, o carnaval de Guaratinguetá se oficializou apenas em 1970 e, mesmo após essa data, a gravação em disco dos sambas não se tornou um padrão.

Assim, esse documento se torna um importante instrumento de preservação da história do Bonecos Cobiçados, especialmente se considerarmos a introdução que apresenta momentos importantes dos primeiros vinte e cinco anos da agremiação. Ao longo de aproximadamente 4 páginas, as histórias desses carnavais são contadas, e por elas que cruzaremos nossos caminhos nessa construção do Bonecos Cobiçados que estamos propondo (Bonecos Cobiçados, 1982).

Figura 18 - Brasão da Escola de Samba Bonecos Cobiçados



Fonte: Blog Carnaval de Guaratinguetá

No ano seguinte da primeira apresentação dos foliões do Campinho no carnaval guaratinguetaense, a cidade assistiu a primeira escola de samba descer o morro e se apresentar na praça Conselheiro Rodrigues Alves, utilizando instrumentos ainda improvisados e uma letra um pouco mais elaborada do que a apresentada em 1957. Curiosamente, essa letra ainda é entoada nas apresentações da escola, sendo considerado o hino da agremiação.

*Abram alas, pessoal
 Viemos apresentar o nosso carnaval
 As baianas em harmonia
 Escuta o repicar da bateria
 ai quanta alegria
 Tudo isto no Campinho tem
 Para mostrar a um certo alguém
 que nós dos Bonecos Cobiçados
 Para sempre seremos lembrados.
 Ô ô ô ô Bonecos Cobiçados chegou
 Ô ô ô ô Bonecos Cobiçados chegou
 (Bonecos Cobiçados, 1982)*

o longo dos anos, a letra sofreu algumas alterações e passou a ser cantada de diferentes formas, tornando o samba mais ou menos solene, dependendo da apresentação. Fato é que se tornou um dos sambas mais conhecidos do carnaval da cidade, sendo o primeiro a embalar uma escola de samba durante o desfile.

No ano seguinte, em 1958, a escola exaltou aquilo que ainda hoje é a maior pérola da escola: a bateria. Dentro da agremiação e ao percorrer os espaços de carnaval da cidade, é comum ouvir que o Bonecos Cobiçados não possui uma bateria, é a bateria que possui uma escola de samba. Embora seja algo bastante incômodo para os componentes, é fato que a bateria da escola tem grande destaque pela sua cadência diferenciada e pelos anos em que recebeu notas máximas e prêmios consagrando seu destaque.

Como podemos notar com o samba a seguir, o enaltecimento da bateria pela própria escola de samba não é algo novo, mas recorrente desde 1959:

*Escuta a cadência da nossa bateria
 batucando com alegria para novo povo animar
 aqui se brinca com tanta alegria
 seja de noite ou de dia
 a moçada não pode parar
 damos duro o ano inteiro
 quando chega fevereiro
 a moçada quer sambar
 o sambar⁹ está na calçada
 então abram alas moçada
 e deixa os Bonecos passar
 (Bonecos Cobiçados, 1982)*

⁹ Acredito que a letra diz que o “Samba está na calçada”, entretanto a transcrição foi feita conforme o livro de comemoração de 25 anos da Escola de samba, onde está presente o verbo “sambar”.

Pelos próximos carnavais, a escola verde e rosa do Campinho seguiu compondo sambas para embalar seus enredos que cantavam sobre a própria escola, sobre seus carnavais ou sobre coisas mundanas. Alguns falavam sobre o tempo e a espera pelo carnaval, outros sobre romances com finais infelizes. Foram os casos dos carnavais de 1960 e 1961:

1960 – Meu pranto rolou

*Meu pranto rolou
Mais do que água
Na cachoeira
Depois que ela me abandonou
Ela fazia promessa de não me deixar
Ela queria fazer o meu pranto rolar
Meu pranto rolou
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

1961 – Tempo Infernal

*Os Bonecos vão descer
Para dar sua contribuição
E dizer que sambista só é
Aquele dá o recado
Sambando na ponta do pé
A gente vive pra sambar
E passa o ano inteiro pensando no carnaval
Sonhando com fevereiro
Mas vem o tempo
O tempo que é quente
O tempo é samba
O tempo infernal
É fevereiro no corpo inteiro
A gente vibra é carnaval
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

Outros já seguiam uma linha menos formal e faziam sambas com deboches e propícios para a brincadeira, reforçando o caráter leve e divertido que o Bonecos Cobiçados apresentou nos primeiros anos em que desfilou:

1962 – Tremendo jacaré

*Bonecos Cobiçados está chegando
Fazendo evolução
A moçada está aplaudindo
E você de fora igual um corujão
O nosso samba como tem mulher
As cabrochas dão com samba no pé
Tire os olhos tremendo jacaré
Olelé olalá
Olê olê olá
Olê olê olá
Encosta pra ver se dá
Olelé olalá
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

A partir de 1963, a agremiação fez uma sequência de enredos em que seus sambas exaltavam a própria escola, o próprio carnaval ou a cidade de Guaratinguetá, demonstrando respeito ao carnaval que apresentavam para a cidade:

1963 – Tudo é besteira

*Se os bonecos não descer
Não há samba no asfalto
Boneco é que fala mais alto
Quando os bonecos aparecer na avenida
Ninguém pode resistir
O samba é lá do Campinho
O resto tudo é besteira
Se um dia os Bonecos faltar vou morrer
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

1964 – Boa noite

*Boa noite
Que o lindo Campinho dá
Cumprimentando Guaratinguetá
Viemos em paz e harmonia
Apresentar a nossa linda melodia
Esta homenagem é de coração
Para os bonecos é mais uma recordação
La la laia
Laia laia lá lá
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

1965 – Agradecimento

*Boa noite
Ao povo deste lugar
Esta é a homenagem
Que viemos prestar
Um forte abraço
E um aperto de mão
Me dá licença minha moçada
Bonecos Cobiçados de Coração
São os nossos agradecimentos
Ao povo em geral
Voltaremos outra vez
Se deus permitir que não chova
No ano que vem
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

1966 – Lá vai a escola

*Lá vai a escola do Campinho
Vai descendo pra cidade
Vai levando alegria
Pra velhice e a mocidade*

*Não, não senhor
Não pensamos em vitória
Só queremos deixar aí, aí
O nome da escola na história
(Bonecos Cobiçados, 1982)*

Essa sequência de sambas cotidianos, que saudava a cidade, os foliões e apresentava a escola ao público, se encerrou em 1967 com o falecimento do maior líder da escola naquele período, Chico da Júlia, em uma tragédia ocorrida na rodovia Presidente Dutra. Nos dois anos seguintes, a escola levou para a avenida sambas marcados pelo luto e pela dúvida quanto à sua sobrevivência, apresentados na seção anterior.

Seria nesse momento que a escola teria se enfraquecido e perdido seus propósitos iniciais, algo que hoje apenas podemos supor com base em relatos e testemunhos de quem conviveu e conheceu os fundadores. Foi também nesse período que outros personagens ganharam espaço e deram novos tons à agremiação. O falecimento precoce de Chico, ao mesmo tempo em que enfraqueceu o ritmo que a escola vinha ganhando, abriu espaço para que outras figuras assumissem papéis de destaque; foram elas, apesar dos percalços enfrentados nos anos seguintes, que garantiram a sobrevivência da escola.

De acordo com a Dagela, Chico da Júlia serviu ao exército na cidade do Rio de Janeiro, onde teve contato com membros da Estação Primeira de Mangueira. Essa troca fez com que a presença de personalidades da escola fossem frequentes na cidade de Guaratinguetá, que vinham para cá visitar o amigo. Conforme Dagela, eles se reuniam na casa da Dona Tininha, pois lá havia um terreno grande e propício para a realização do samba.

Apesar disso, foi o samba de 1967 que embalou o primeiro campeonato da escola, conquistado poucos anos antes de o campeonato se oficializar, em 1970. O luto na escola perdurou, conforme os mais antigos afirmam, entretanto, em 1969, a escola retornou (ou ao menos tentou retornar) ao seu ritmo descontraído e alegre. Essa data marca o último carnaval em que temos um samba de enredo fora dos moldes que estamos acostumados. A partir de 1970, com a oficialização do carnaval, o Bonecos Cobiçado adequou seus sambas ao formato pedido na competição. A título de comparação, o samba de 1969 possuía 15 versos, ao passo que o de 1970 aumentou para 25.

O único título conquistado pela escola após a oficialização do carnaval ocorreu em 1974, com o enredo Saluba Bahia. Segundo alguns membros da agremiação, o ano de 1973 também deveria ter sido do Bonecos; contudo, uma forte chuva teria prejudicado a apresentação, resultando na segunda colocação. Em 1974, a chuva voltou a cair durante o desfile da escola, mas não atrapalhou o campeonato que foi embalado pelo seguinte samba:

Saluba Bahia - 1974

Bahia
 Seus costume sua gente
 São de tudo diferente que se possa imaginar
 Teu povo é orgulhoso dessa terra
 Onde nada se encerra
 Tudo se quer conservar
 É Oxum e Iansã, é Xangô e Nanã
 Omolu e Oxalá
 Todos neles acreditam
 E cantam suas cantigas
 Aos filhos de Jeová
 Entre seus vales de colinas coroadas
 Tem os palácios onde os reis vão almoçar
 Ao longe sinto cheiro de coisa aromada
 Perfume de namorada
 Vendo a crioula passar
Upa Bahia
Bahia upa
É Lindaura na cozinha
Salve dizendo Saluba
Upa Bahia
 (Bonecos Cobiçados, 1982)

Após esse campeonato, o último conquistado até hoje, a escola esteve próxima de vencer novamente em outros momentos, como em 1977, com o enredo que gerou um dos sambas mais lembrados da escola até hoje. Aliás, cabe pontuar que o samba de 1974 é pouco lembrado e conhecido entre os componentes, e, ao menos desde 2015 (ano que passei a frequentar assiduamente a escola) nunca foi cantado na quadra ou em apresentações. Em contraponto, o samba de 1977 é pontuado por vários componentes com o favorito, ou o considerado mais bonito.

Jorge Amado – 1977

Jorge Amado da Bahia de Xangô e Oxóssi
Da ladeira dos mistérios do princípio do Brasil
Na avenida este ano
Os bonecos com alegria sua obra vem mostrar
Contos consagrados
Gabriela tão bonita, Cacau e Dona flor
Falam da história mais pura dessa gente
Que na terra mil raízes espalhou
Ô ô ô ô Jorge Amado que é Obá de Xangô
Ô ô ô ô Jorge Amado saravá agô agô ô ô ô
A festa do Bonfim
O pelourinho, as flores
Capitães de areia na infância novos marginais
Iemanjá tão linda que sobre a ondas

*Pescadores pro seu reino vem buscar
 Jubiabá feitiço
 Zumbi ponto brilhante
 No céu a encontrar
 E a Mãe Menininha que vive e reina na Bahia
 É senhora lá do Gantois ô ô ô
 (Bonecos Cobiçados, 1982)*

Além deste samba, outro é cantado em todas as apresentações da escola. Ele comemora os vinte e cinco anos da escola, apresentado em 1982 com o título “O mundo é uma galeria de artes”, e exaltava as belezas da natureza. Além disso, ele também é o último samba presente no livro que comemorou o Jubileu de Prata da escola. Assim como os outros, ele não emoldura um título da escola, entretanto, embala a alegria e explosão que seu refrão oferece nas apresentações de rua e de quadra.

O mundo é uma galeria de artes – 1982

*Fascinante
 O mundo tão lindo assim
 Seu céu todo aveludado
 Desfraldando sua brisa sobre mim
 Baila a chuva
 Entre os raios desse sol encantador
 Tecendo um arco-íris
 Brilhando o ouro com esplendor
Junto às cataratas
Têm palmeiras, seringais
Ressoar de bolhas d’água
Deslumbrando os animais
 Rios e lagos encantados
 Procurando o mar
 E praias desertas, ondas a quebrar
 Reluzente a lua
 Ô ô ô
 Na maré flutua
 Ô ô ô
E os Bonecos
Vem exaltar
O céu, a terra e toda a beleza do mar
 (Bonecos Cobiçados, 1982)*

Após esse carnaval, a escola entrou em um jejum amargo que a afastou até mesmo do vice-campeonato. A escola alcançou o segundo lugar nos anos de 1970, 1972, 1973. Em 1974 ganhou seu único campeonato. Após essa data, o Bonecos voltou a ser vice-campeão somente no ano 2000, quando apenas Bonecos Cobiçados e Unidos da Tamandaré desfilaram. Como apenas as duas escolas desfilaram, o segundo lugar tem o gosto amargo de ser também o último lugar. Posteriormente, o segundo lugar foi alcançado em 2007 e em 2011. Em 2007, a escola

comemorou os 50 anos de história e fez uma homenagem aos bonecos que provocam a imaginação e a criatividade da humanidade, promovendo uma brincadeira com o nome da escola e um dos sentidos possíveis para a palavra *boneco*. Já em 2011 a escola fez um enredo sobre a história da planta vitória-régia e, neste ano, a Embaixada do Morro e o Acadêmicos do Campo do Galvão empataram em primeiro lugar, elevando o Bonecos para o segundo lugar.

Theatrum Imagulae Animate: Uma Viagem à Tradição Popular do Teatro de Fantoches, nos 50 Anos de Bonecos – 2007

*Bonecos vem brilhar
Sambando na avenida
Carpitenriso da folia
Entalhes de fascinação
Contemplavam farós
Ao vinho exaltação
Teatro de imagens animadas
Tragedias e comedias
Encenadas por divinas mãos
Marionetes, arlequins
Fantoches de bem querer
Desejando um coração, Pinóquio
Não minta que o nariz pode crescer
*E agora vai, no anseio do carnaval
Numa carroça de sonhos
Mamulengos no folclore nacional
João redondo
Gigantes de Olinda
Alegria que não finda
E pra fazer criança sorrir
Educar além do prazer
Somos nessa emoção
Soprando a vida aos Bonecos
Nossa paixão
A verde e rosa chegou
A festa vai começar
Bodas de ouro o Campinho vai brindar
Quem conheceu cobiçou logo passou a amar
E show da bateria, arrepiar
(Bonecos Cobiçados, 2007)**

Om Mani Padme Hum... A Joia Sagrada do Oriente - 2011

*Na busca pela imortalidade
A humanidade tenta esse mistério desvendar
Que nasceu de um cordão umbilical
Tornando uma joia sagrada divinal
Na índia a flor de lotus surgiu
Encantando todo o Egito
Com o papiro competiu entre os sagrados
E o profano pro oriente eu vou
Pra festa encantada
Com o meu amor*

A mãe natureza nos deu a sedução
A espiritualidade alimenta o coração
No mantra da folia faço a minha alegria
Nos botões rosados recarrego a energia
Mas quando iluminada pelo sol da manhã
Surge rosa imaculada
E seu perfume irradia pelo ar
Na primavera causa delírio e fascinação
Em águas turvas pantanosas
Nos dando presente a magia da vida
Migrou pra o Brasil
Conduzida pelas mãos japonesas
Transformando em vitória régia
Enriquecendo o Amazonas de beleza
É emoção cantar
Meu pavilhão tenho amor paixão
Um grande sonho em verde e rosa
Tem um ideal: Bonecos campeão do carnaval
 (Bonecos Cobiçados, 2011)

Após o carnaval de 2011, o Bonecos Cobiçados entrou em uma sequência de desfiles cuja melhor colocação foi o quinto lugar, permanecendo, na maior parte dos anos, na sexta posição. Desde então, a escola vem buscando se reencontrar, por vezes afastando-se de sua vocação alegre e descontraída em função de disputas políticas internas, que acabam desviando energias que poderiam ser direcionadas à realização de um bom carnaval e à retomada da alegria de sua comunidade.

Para encerrarmos essa seção cabe destacar alguns momentos que marcaram a história recente da escola. Apesar de a escola não ganhar campeonatos ou se mostrar competitiva há muitos anos, sua comunidade segue aguerrida, resiliente e esperançosa. Ano após ano, o Bonecos Cobiçados está posicionado em frente à Avenida Presidente Vargas, com seus foliões, seus carros alegóricos e seu samba de enredo. Ano após ano, a escola se reinventa para manter a tradição de desfilar e cumprir com um verso que foi cantado em 1966 “*Não, não senhor / Não pensamos em vitória / Só queremos deixar aí, aí / O nome da escola na história*” (Bonecos Cobiçados, 1982). Nesse sentido, o Bonecos prova que para ficar na história não basta troféus ou títulos conquistado, o que é necessário para entrar para a história é a força de uma comunidade que não desiste.

Em 2018, o Bonecos Cobiçados estava pronto para entrar na avenida: fantasias bonitas, samba na ponta da língua, carros alegóricos bem ornamentados, tudo pronto para conseguirmos sair das últimas colocações do campeonato. Entretanto, nos minutos que antecederiam nosso desfile, soubemos que a rua por onde passariam nossos carros alegóricos estavam com carros estacionados por toda sua extensão de aproximadamente 200 metros. Essa rua foi interditada

para garantir que os carros alegóricos do Bonecos conseguissem passar, mas a interdição foi desrespeitada e não houve fiscalização. Na ameaça de que desfilariamos sem carro alegórico e teríamos todo o carnaval penalizados por um erro de logística da prefeitura, os ritmistas da bateria – acompanhados por componentes fantasiados e descalços –, arrastaram todos os carros que estavam estacionados. Juntos, todos contavam até três e, ao sinal, balançavam os carros e os empurravam para cima da calçada, abrindo espaço na rua para que o carro alegórico fosse se aproximando da avenida. Esse momento ficou marcado pela força de superação da escola, que mesmo na maior das adversidades, conseguiu fazer um desfile digno e alegre.

Outro momento crítico ocorreu no carnaval do ano seguinte. O carnaval de 2019 pode ser considerado o auge da crise do Bonecos Cobiçados. Existiam divergências internas no âmbito político e econômico que refletiam na execução do carnaval e ameaçavam seriamente o desfile daquele ano. Para o respiro aliviado da escola, o carnavalesco Tilica propôs um enredo que contasse de forma saudosa e nostálgica a história do carnaval de Guaratinguetá, homenageando todas as escolas de samba e o próprio carnaval em si.

A proposição desse enredo e a letra do samba permitiram que a escola brincasse o carnaval como não fazia há alguns anos. Apesar das brigas e conflitos que aconteciam nas reuniões, nas apresentações que foram feitas nas praças e sedes das coirmãs o clima era de união e de alegria. Naquele ano, a frase mais comum na escola era “só vou desfilar por causa do samba”, ou “voltei para o Bonecos por causa desse enredo”, ou ainda “se dependesse da diretoria eu não estava aqui, mas esse samba me trouxe de volta”.

Nesse mesmo ano, a Embaixada do Morro não desfilou. O que vimos no dia do desfile foi a velha guarda da vermelho e branco descer da Pedreira, onde ostentam 21 títulos para desfilar, na coirmã mais velha com seus honrados 3 títulos. Eu, pessoalmente, entreguei para eles a fantasia da ala que homenageava a Embaixada do Morro e, mais tarde, assisti eles desfilarem cantando o samba como se estivessem na própria escola.

Esse samba, mais que os outros que foram citados até o momento, é aquele que mais colore estas páginas. Além de ser considerado pelo bairro um samba triste, ele cita nominalmente personagens importantes do carnaval da cidade, sejam eles do Bonecos Cobiçados ou das outras escolas. Por isso, se os versos fossem grifados nas cores das agremiações que são homenageadas, teríamos um arco-íris que parte do preto e branco da Vai-Vai e chega no verde e rosa do Campinho.

Sonho Meu, Sonho Meu... Hoje o Samba é só Saudade, Sonho Meu - 2019

Sonho meu

*Vem saciar essa saudade
 Empresta sua liberdade
 Pra reviver e ser feliz
 Saber que as rosas exalam
 O perfume que roubam de ti
 E o sol queimou toda semente da maldade
 E o pierrô apaixonado chorou enquanto o povo sorriu
 Quem nunca viu o samba amanhecer
 Geraldo filme rompeu aurora
 E o Henricão, Rei Momo negro da cidade
 Decretou felicidade
 E o povo se pôs a cantar
É na roda do tempo que o mundo gira
Gira o tempo gira o mundo a gente também gira
Quem partiu deixou saudade, é a vida
Que gira ô e gira
 Cantar amor
 Guaraci é amor e nos guia
 O vendedor de ilusão
 A estrela maior ainda brilha
 Jurandyr e Toti reinavam na Pedreira
 Caô Xangô inaruera
 Chico da Julia, viemos apresentar o nosso carnaval
 Dona Tininha roque a Santa Luzia
 Que nesse dia venha nos guiar
 A Arraiá do Pereirinha
 A Banda do Tatá
 Homero cuto bradou
 Pelo Campinho ecoou
 A nossa festa não pode parar
 Gente bamba inspiração da nossa arte
 Um dia a gente vai se encontrar
Na batida do tambor, ô ô ô
A bateria arrepiar, Ivone Lara
Hoje o samba é saudade meu amor
Bonecos Cobiçados chegou
 (Bonecos Cobiçados, 2019)*

4 DE VERDE E ROSA EU VOU: AQUI EU ME SINTO BEM.

Diante de tudo que já foi dito até este momento, chegamos próximos da elaboração de algumas questões que foram levantadas logo no início dessa dissertação. Vislumbramos ainda a história do Bonecos Cobiçados, assim como a história do carnaval de Guaratinguetá. Tivemos a oportunidade de percorrer mapas e imagens e perceber uma nova forma de ler a cidade a partir da perspectiva das escolas de samba. Mais importante ainda foi notar que, ao longo do caminho que fizemos até aqui, sempre estivemos acompanhados de nomes de pessoas.

Esses nomes não são ilustrativos ou citados sem a pretensão de retomá-los. Em sua maioria, são nomes de pessoas que fazem o Bonecos Cobiçados ganharem vida desde 1957. Dagela, Nalva, Chico da Julia, Mil, Chiquinho, Juruna, Caetano, Pereirinha, Facão e Facãozinho, Glória, Mestre Pelé, Mestre Juruna, Nevinha, Celso Silva, Homero Couto, Beto Couto, Jura, Pixinguinha, Mestre Binhão, e outros incontáveis personagens da nossa história que permitem que, anualmente, um grupo trajado de verde e rosa desça os morros do Campinho e apresente pelas ruas da cidade os sambas que cantam sobre essa gente.

Dessa forma, a relação entre pessoas e escolas de samba não é vista neste trabalho de forma secundária. Entendemos que as pessoas são elementos fundamentais para o desenvolvimento dos sentimentos com os lugares. Elaboramos essa ideia ao longo do meu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2022, intitulado “De verde e rosa eu vou: Lugar Geopsíquico e a escola de samba Bonecos Cobiçados” (Batista, 2023).

Naquele momento, o trabalho visava discorrer sobre a intrínseca relação entre o lugar e as pessoas, o papel fundamental que estas desempenham na constituição do lugar e como as escolas de samba, especialmente a Bonecos Cobiçados, são compreendidas sob essa perspectiva. A análise é fundamentada em uma abordagem que entrelaça a Geografia Humanista e a Psicanálise, conforme as discussões apresentadas nos textos de José Alberto Batista Filho (2022) e Juliana Maddalena Trifilio Dias (2019, 2022, 2024).

De acordo com a perspectiva de Yi-Fu Tuan, na Geografia Humanista, o lugar é compreendido para além de uma mera localização física, sendo um "centro de significado construído pela experiência" (Tuan, 2018, p. 5). Um dos pilares dessa corrente enfatiza que a experiência é o modo como conhecemos e sentimos o mundo, moldando assim a criação de lugares com características diversas para cada indivíduo, mesmo que se refiram ao mesmo ponto na superfície terrestre. Esta perspectiva é crucial para entender que "aquilo que vale para

mim na construção do lugar não é necessariamente compartilhado entre todos os torcedores do Bonecos de forma igual" (Batista, 2022, p. 39).

Aprofundando essa compreensão, Dias (2019a, 2022) introduz o conceito de **lugar geopsíquico**, que é construído e vivido no encontro das realidades geográficas e psíquicas, que existe na dobra entre o mundo externo e o mundo interno. Isso significa que a nossa realidade geográfica é vivida também pela nossa realidade psíquica. Nesse sentido, o lugar geopsíquico emerge na relação do mundo externo (materialidade) com o mundo interno (experiências anteriores e processos psíquicos), sendo algo que se constrói e é vivido conforme as experiências se dão ao longo da vida. A palavra, nesse contexto, assume um papel central, pois "se apresenta como uma tentativa de verbalizar imagens, sensações e afetos vividos em outros tempos e lugares, o que a faz mediar entre estes registros mnêmicos e o próprio dizer" (Dias, 2019, p. 19). É através da palavra que podemos nos aproximar da singularidade da experiência humana com o lugar.

O lugar, portanto, não é fixo nem idêntico para todos. As pessoas transferem para os lugares aquilo que sentem por alguém. Essa "transferência", um conceito primordial da psicanálise, ocorre quando sentimentos vividos no passado em relação a pessoas se repetem e parecem ligados ao presente e ao lugar. Como Freud (2011 [1925a]) aponta, a transferência é um fundamental para o a influência médica e para as relações das pessoas com o seu ambiente humano. Essa ideia é expandida para as relações entre pessoas e lugares, sugerindo que o vínculo afetivo intenso com o lugar pode ser mediado por um vínculo significativo com alguém associado a ele. Dessa forma, *os sentimentos que nutrimos por pessoas podem incidir diretamente no modo como criamos laços com os lugares* (Dias, 2019a)

No contexto das escolas de samba, essa intersecção entre lugar e pessoas se manifesta de forma potente. As escolas de samba são constituídas por comunidades que, embora espacialmente delimitadas (geralmente pelos bairros onde suas sedes estão localizadas), extrapolam esses limites físicos devido às relações de parentesco e amizade entre seus membros.

A Escola de Samba Bonecos Cobiçados, tema central de estudo do TCC e desta dissertação, exemplifica o conceito de lugar geopsíquico. Embora a escola tenha poucos títulos e um histórico de administração instável, ela "não por isso deixa de contar com uma grande torcida que vai além do bairro do Campinho". Um dos questionamentos que me acompanharam e que motivaram aquele TCC foi compreender a razão pela qual me submeto, ano após ano, ao sofrimento de ver minha escola ser derrotada. Concluí, naquele momento, que existe 'algo que ultrapassa uma percepção consciente e se renova ano após ano' (Batista, 2022, p. 38).

Neste momento, a palavra, que se faz fundamental no processo de análise, se manifestou como um significante que desencadeou as ideias e reflexões que resultaram no TCC. A palavra foi dita por um dos entrevistados durante a pesquisa que ao responder sobre a razão pela qual sempre retornava à agremiação mesmo com desavenças e decepções. Sobre isso, Celso, nosso compositor do Bonecos Cobiçados, afirmou que existia uma “chamazinha” que impedia seu afastamento e significava seu amor e seu vínculo com a escola. Essa “chamazinha” que impede o afastamento pode ser compreendida a partir da leitura oferecida por Dias (2019a) como uma “força ligada aos processos psíquicos, que nos move em certa direção. Observe: força movente, certa direção, modo de estar no mundo” (Dias 2019a, p. 159). Para a psicanálise, essa força seria a pulsão e o que a autora nos traz é o objeto pulsional, que seria único para cada pessoa e capaz de gerar movimento. Ou seja, a pulsão trabalhada na psicanálise, que nos impele a encontrar ou evitar certos lugares e que permitiu que o Celso permanecesse apesar das desavenças e percalços do caminho.

Como anunciado, para a realização do trabalho algumas pessoas foram convidadas a contar um pouco sobre suas trajetórias e vinculações com a escola de samba, assim como a minha foi abordada de forma entrelaçada. As narrativas dos entrevistados – Celso, Nalva e Dagela – ilustram como o Bonecos Cobiçados se torna um lugar geopsíquico único para cada um.

Celso, compositor da escola, descreve o Bonecos como algo “enraizado”. Para ele, o Bonecos foi uma verdadeira escola onde aprendeu música e samba, e sua história de vida está inseparavelmente ligada à agremiação e à comunidade do Campinho. Foi no Bonecos que ele aprendeu a tocar instrumentos de percussão e a compor seus sambas. Além disso, foi no Campinho onde fez suas primeiras amizades, estudou e se apaixonou por carnaval. Ele, ao fim da conversa afirmou: “eu sou Bonecos e vou morrer Bonecos!”.

Celso permitiu que o trabalho ganhasse forma a partir de uma única palavra: chamazinha. Ao contar a história da composição do samba de enredo do carnaval de 2002, o compositor transmitiu a partir de gestos, feições e palavras os sentimentos, emoções e pensamentos que fizeram uma única nota transformar a canção que embalaria o desfile do Bonecos Cobiçados. Esse conjunto de expressões desencadeou eu mim, naquele momento, a compreensão de que o samba era poderoso, tão poderoso que ele pode transformar as paisagens, criar lugares e modificar territórios. Diz um samba da Dona Ivone Lara que “quando um poeta compõe mais um samba, ele funda outra cidade” (Ivone Lara, 1999). Nessa perspectiva, a chamazinha que movia o Celso a direções que as vezes divergiam das suas vontades, me moveu até a escrita do TCC, e de algum modo, até esta dissertação.

Celso, naquele momento, mobilizou diferentes lugares em diferentes cidades para falar de apenas um: o Bonecos Cobiçados. Além disso, mobilizou constantemente as cores das escolas de samba as quais se referia, além de fazer alusões ao futebol enquanto dizia sobre a escola de samba. Para ele, as experiências dadas pelo Bonecos Cobiçados se atravessavam com outros aspectos da vida, de modo que era indissociável falar dos Santos sem falar dos Bonecos Cobiçados, ou falar se amigos, familiares, momentos importantes da sua vida sem falar do Bonecos Cobiçados. Em outra perspectiva, ele não conseguia falar daquilo que era importante em sua vida sem lembrar dos Bonecos Cobiçados.

Atualmente, Celso, que é professor de música, cantor e compositor, executa na sede do Bonecos Cobiçados uma oficina de formação de compositores, contribuindo para o fortalecimento da expressão “escola” da Escola de Samba Bonecos Cobiçados. Ao ser questionado sobre o que o Bonecos Cobiçados significava para ele, e a resposta foi simples, mas extremamente rica:

Eu sou nascido e criado no Campinho, **eu sou da comunidade**, então você cria raízes. Eu nunca quis mudar, motivo eu tive, mas mesmo com tudo o que aconteceu eu sou Bonecos e **vou morrer Bonecos!** Se perguntarem para mim eu vou dizer: minha camisa é verde e rosa. Então assim, minha história começa porque sou da comunidade, fui criado ao lado da sede, minha mãe mora ao lado da sede... você saiu da rua da minha mãe, dá na esquina você já está na sede. E em relação à escola de samba em si, ela foi pra mim a **escola** de samba. Foi ali que eu aprendi a tocar, foi ali que eu comecei a me envolver com música, meu primeiro contato foi ali, como ritmista, com chocalho, eu tenho um histórico lá, tocando chocalho, por dois anos, depois surdo... então, o envolvimento com as pessoas, as amizades que estão por aí, outras eu não tenho contato, e é gente que a gente conviveu na escola. Falo até com orgulho, eu fiz parte da bateria nota dez da Bonecos, todos os anos, nota dez. Não era que nem agora, que não tira mais dez. **A Bonecos é, para mim, no termo literal, uma verdadeira escola, uma escola de samba onde você aprende o samba ali.**

Nalva, torcedora e ex-diretora, vê o Bonecos como uma "libertação de sentimento bom". Sua relação com a escola é profundamente marcada pelas pessoas – seu pai, irmãos, vizinhos e amigos – que a introduziram no carnaval e no universo do Bonecos. Para ela, a quadra da escola, apesar de pequena, é um local onde "sentimentos bons podem emergir", e a escola se estende para outros espaços da cidade, como a "Avenida do Carnaval". Sua percepção é de que "a relação de transferência que foi estabelecida com seus parentes e amigos, de tal modo que seu inconsciente trabalhe associando o ponto espacialmente marcado e georreferenciado às suas experiências naquele lugar" (Batista, 2022, p. 54). Para ela, é lá onde se sente bem.

Essa fala, que intitula a seção, é marcante para compreendermos o que se torna o Bonecos Cobiçados para Nalva. Ao entra na sede, os problemas, os estresses cotidianos são deixados de lado e os sentimentos bons invadem seu corpo e sua mente. Entendemos que o lugar é feito por pessoas e, se o Bonecos Cobiçados é associado à sua família, aos amigos e conhecidos que ela quer bem, é compreensível que, para a Nalva, o Bonecos Cobiçados seja o lugar onde ela se sente bem.

Nalva chega na escola pela primeira vez na companhia da Dona Maria da Glória, que faleceu durante a escrita dessa dissertação. Entretanto, a memória da Glória, como é conhecida, sobrevive pelas palavras daqueles que continuam contando e cantando sobre ela. Nalva não foi a única a chegar ao Bonecos Cobiçados pelas mãos da Glória, e hoje ela desfila ao lado daqueles que “para sempre serão lembrados”.

Para tentar explicar seu sentimento para com a escola, Nalva recorria às pessoas que cruzavam seu caminho e o caminho do Bonecos Cobiçados:

Eu amo o Bonecos por causa da cor. O povo simples. O povo lá é muito simples pra cacete (risos). Muito simples. Mas gente boa. Tipo o Jura... sabe? Esse pessoal? Gente sofrida. Pessoal do Bonecos é pessoal sofrido. O Homero Couto tentou levantar o Bonecos quinhentos e cinquenta vezes e não conseguiu, toda vida conheci o Homero Couto, morreu novo. A Glória, a família da Glória já morreu um monte e era tudo Bonecos Cobiçados. Cê entendeu? Um monte de irmão, já morreu um monte, até o Zé Barbante... mas ela saía de baiana até uns anos atrás, a Glória. Depois ela saiu na velha guarda. Mas agora ela não tem mais saúde, e não sai mais. **Mas são essas pessoas que a gente pega carinho e pega amor...** a dona Margarida, a Meire, elas moravam no Campinho a vida inteira, então estavam no ensaio toda noite... e a gente conhece ela tem quantos anos? **Então é... é tudo amor que a gente pega nas pessoas**, cê entendeu? Eu não consigo ir lá pra quadra da Tamandaré para sair lá, eu não ia conseguir, xé, nem se desse [a fantasia] eu ia conseguir que nem a Beth e a Isabel conseguiram. Eu não ia conseguir, eu não gosto de fugir. Cê entendeu? [...] É o bairro, a escola, é... **são as pessoas**, sabe? É a bandeira. Eu vejo aquela bandeira verde e rosa... sabe, o carinho que as pessoas têm, o respeito, a quadra... embora seja uma coisa tão pequena, a quadra, eu entro lá dentro e eu me sinto bem. Quando junta todo mundo, quando começa aquele hino ‘ô ô ô ô ô’, sabe? Nossa isso faz bem pro meu coração, para minha alma. Nem quando eu estava sozinha, sem parceiro, eu não ia lá nunca para procurar alguém. Não! Eu ia lá porque **eu sentia prazer em estar lá!** Eu ia para a avenida sentindo prazer! Quando tinha aqueles esquentas, aquelas coisas na **Praça da Estação...** Nossa Senhora de Aparecida! Para mim era um momento de explosão dentro de mim. Era uma coisa gostosa... e a hora que o Bonecos entra na **Avenida!** Parece... olha... é a melhor sensação do mundo depois do nascimento dos meus filhos, é ver o Bonecos entrar na **Avenida!**”.

Na fala da Nalva vemos atravessamentos de pessoas, lugares, sentimentos, experiências. Tudo converge para um lugar: o Bonecos Cobiçados.

Já Dagela, guardiã do pavilhão, tem uma "paixão" que, segundo ela, faltam palavras para expressar. Ela condensa em um objeto, o *pavilhão*, seu sentimento sobre um lugar, sobre uma comunidade e sobre uma escola. Sua intensa participação em diversas funções na escola (ritmista, chefe de ala, barracão, diretoria) demonstra um compromisso que "ultrapassa até as barreiras físicas e psicológicas". Ela, assim como Celso e Nalva, afirma: "pretendo estar por longos anos" e "meu amor está representado no pavilhão do Bonecos Cobiçados". Entretanto, o grande destaque aqui é direcionado ao pavilhão e às cores verde e rosa:

O que me fez torcer pelo Bonecos... como eu digo sempre: sentimento a gente não explica, a gente sente. E como eu disse anteriormente o contato que eu tive muito pequena com a escola foi assim... como posso dizer... aos poucos eu fui me inteirando... fui pegando idade, eu fui me aproximando mais da escola. Vamos dizer... na juventude eu ia nos bailinhos que tinha na sede, isso foi na década de 1970 pra 1980. Então foi aí o contato efetivo mesmo, então eu gosto do Bonecos desde criança, desde 6, 7 anos de idade. Mas desde quando eu comecei a gostar... acho que desde sempre, **eu sinto como se o Bonecos fizesse parte de mim desde sempre, desde sempre. As cores verde e rosa estão dentro de mim desde sempre.** [...] O pavilhão verde e rosa pra mim do Bonecos Cobiçados é a **materialização pra mim do meu sentimento**. Eu acredito que ali esteja todo o meu sentimento, toda minha dedicação, todo meu amor, meu respeito, minha honraria pela escola de samba Bonecos Cobiçados. Está traduzido no pavilhão verde e rosa que eu, hoje, tenho a honra de ser a guardiã e conduzir nos eventos das coirmãs, daqui de Guaratinguetá. Até porque aqui em Guará, além do Bonecos, só tem mais 5 escolas de samba, então eu tenho a honra de conduzir o pavilhão nos eventos da Organização das Escolas de Samba (de Guaratinguetá – OESG). **Pra mim, como eu disse, o meu amor está representado no pavilhão do Bonecos Cobiçados**".

Esses relatos evidenciam que o Bonecos Cobiçados "não é apenas sua sede, ou seu pavilhão, ou sua bateria: ele também pode ser entendido a partir desses elementos que constituem sua identidade. O Bonecos é único para cada pessoa". Essa singularidade é resultado do "contato entre as experiências individuais com esses lugares e elementos que compõe a imagem da escola de samba" (Batista, 2023, p. 64).

Em síntese, o trabalho destaca que o lugar não é uma entidade fixa e imutável, mas uma construção dinâmica e subjetiva. A máxima "quem faz os lugares são as pessoas" é confirmada e aprofundada, revelando que a constituição do lugar ocorre por meio de "relações significativas que estabelecemos com as pessoas" e por "vínculos transferenciais fortes". Essas relações incidem diretamente na forma como nos deslocamos e nos ligamos à Terra. Se o Bonecos foi escola para o Celso, para Nalva os Bonecos são as pessoas, e para Dagela o sentimento se materializa no pavilhão.

O lugar geopsíquico é vivido na realidade psíquica, o que significa que ele existe no encontro do mundo externo com o mundo interno do indivíduo (Dias, 2019). As experiências passadas e presentes, os afetos, as memórias (conscientes e inconscientes), e as relações com outras pessoas se entrelaçam para dar sentido e forma ao lugar. A palavra, por sua vez, é o veículo que permite que essa realidade interna se manifeste e seja compartilhada.

Finalmente, a exploração das escolas de samba de Guaratinguetá, em particular do Bonecos Cobiçados, ilustra como uma instituição cultural pode transcender sua materialidade para se tornar um espaço de profundo significado pessoal. As histórias de Celso, Nalva e Dagela demonstram que, para além dos títulos e da organização, o Bonecos Cobiçados é um lugar de pertencimento, de vivências intensas e de uma conexão afetiva que "jamais será esquecida". Como o samba-exaltação diz, "E nós, de Bonecos Cobiçados, para sempre seremos lembrados!". Essa lembrança não é apenas da escola, mas das "experiências das pessoas que atravessaram e foram atravessadas pela escola", permitindo que o lugar geopsíquico emergja e se perpetue na linguagem e nas realidades psíquicas de cada um.

É nesse sentido que a dissertação carrega no título a relação entre o bairro e a escola de samba. Matos (2005) afirma que o nome do lugar foi fundamental para que as escolas de samba construíssem para si suas identidades, afinal são esses nomes que são cantados no samba e permitem com que o componente da escola se identifique. Ainda hoje, muitas agremiações carregam em seus nomes os nomes dos seus lugares.

Lopes e Simas (2015), ao pensarem numa definição para a identidade da escola de samba apontam que é o “conjunto de características que distinguem e individualizam um ser, um objeto, um grupo, uma coletividade, etc. a identidade de uma escola de samba se traduz por suas cores ou por outras características, como por exemplo, a cadência de sua bateria.” (LOPES e SIMAS, 2015, p.145). Assim, em cada escolas se traça um perfil diferente para a identificação de seus torcedores, em função dos seus símbolos. Para o Bonecos Cobiçados a própria diferença no nome pode se tornar um fator de identificação, além das suas cores e de seu toque de caixa, por exemplo.

É em função do lugar ser essencial para as escolas de samba que compreendemos que existem culturas próprias de cada escola de samba. Há aí uma forma diferente de experienciar o samba que pode variar conforme o bairro em que habitam, há também um conjunto de costumes, valores e tradições próprios de cada escola, mas que, de alguma forma, se conjuga quando pensamos que as escolas de samba são constituídas “por uma coletividade de pessoas que possuem trajetórias individuais distintas, diferentes anseios e ambições, mas que possuem

duas características em comum: habitam o mesmo lugar e gostam de samba. (MATOS, 2005, p.65).

Apesar das diferenças entre as pessoas que compõe o quadro da comunidade, há na própria ideia de comunidade elementos que promovem a identificação entre as pessoas: “Uma comunidade [...] pode igualmente ser formada [...] segundo um modelo análogo por um contrato de associação entre membros unidos por um mesmo ideal e um projeto comum.” (CLAVALL, 2007, p. 114).

Temos em Mocellim (2011) que uma comunidade demanda um grau elevado de integração, coesão que incluem conhecimentos, objetivos, práticas cotidianas, e modos de pensamentos e ações em comum entre os membros. E ainda, que a comunidade se desenvolve a partir de três instâncias: a vizinhança, o parentesco e a amizade. Lopes e Simas (2015), definem comunidade como um “grupo de indivíduos que vivem num mesmo lugar, compartilhando de interesses comuns” (Simas e Lopes, 2015, p. 70).

Observamos então que o fator locacional se destaca ao pensarmos na forma como as pessoas se envolvem com uma escola de samba. E aqui podemos evidenciar a influência que o bairro exerce nas relações carnavalescas.

Seabra (2003) nos aponta que o bairro se define como a unidade em relação a cidade, sendo o espaço onde encontramos características próprias do bairro que podem permitir o desenvolvimento de relações entre seus moradores de forma mais afetiva, por compartilharem entre si a identificação e o lugar. Sendo assim, entendemos que o bairro possui identidade e representação ou, como afirma Pierre George (1983), o bairro possui personalidade própria. É nesse espaço delimitado dentro da cidade que a vida do cidadão se desenvolve, é onde se cria a identificação em relação às outras partes da cidade. Isto posto, considerando o entendimento de que o bairro é dotado de elementos que configuram uma subcultura em relação a cidade como um todo, como aponta Bezerra (2011), podemos identificar quais são os fatores que determinam aquilo que separa a experiência do habitar de uma pessoa de um bairro para a de outra pessoa de outra parte da cidade.

Diante disso, podemos afirmar que o bairro é a esfera urbana onde o cotidiano se dá de forma mais íntima. É onde as relações interpessoais se desenvolvem e onde se cria elementos de identificação de modo mais visceral, formando-se comunidades. Não obstante, de acordo com Bezerra (2011), o bairro ultrapassa a compreensão simplória do conceito de território como um espaço onde há o sentimento de pertencimento e dominação, uma vez que ele não depende somente desses elementos para se constituir, mas carece das relações com que os moradores dessa área desenvolvem com a vizinhança para se definir enquanto bairro.

Como aponta Bauman (2003), a sensação de pertencimento criada por uma comunidade em função dos seus fatores de identificação se torna sutil, de modo que não notamos que pertencemos a uma comunidade até sermos instigados a se fazer notar. Afinal a “construção das identidades está intimamente ligada à organização territorial e à maneira como é percebida por quem é responsável por essa organização ou a experimenta” (CLAVAL, 2001, p. 66).

Refletir sobre a relação entre o Campinho e o Bonecos Cobiçados evidencia o vínculo intrínseco que os une, tornando-os indissociáveis. Essa conexão se manifesta sobretudo por meio das experiências compartilhadas entre aqueles que vivem no bairro e participam da escola de samba.

Durante uma *live* realizada no carnaval de 2022, o então presidente do Bonecos Cobiçados, Caetano, ao ser entrevistado sobre a apresentação da escola diz: “Queria agradecer imensamente à minha comunidade verde rosa que representou o bairro do Campinho. O que vocês assistiram hoje é o que a gente costuma fazer lá no bairro. Quem frequenta a escola sabe que a gente gosta disso aí” (Cultura Guaratinguetá, 2022). Sua resposta faz referência a apresentação alegre e descontraída da escola de samba Bonecos Cobiçados, que se diferenciou das coirmãs por não se atentar aos quesitos comumente julgados no carnaval¹⁰.

Para que o presidente Caetano reconhecesse a forma como o Bonecos Cobiçados se apresentava e afirmasse que esta correspondia ao modo como a comunidade do Campinho gostava de fazer carnaval, foi necessário observar a diferença em relação às demais escolas. Nesse sentido, percebemos que é interessante “examinar a maneira como o grupo percebe e representa seu ‘outro’, inimigo ou vizinho, e como esse ‘outro’ contribui para soldar a coesão interna do grupo identitário” (Bossé, 2004, p. 173).

Diante disso, podemos presumir que as escolas de samba podem estabelecer suas próprias culturas, especialmente se considerarmos que a cultura “resulta da capacidade dos seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos. Quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem porque [...] participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado.” (Wagner e Mikesell, 2000, p. 114-115).

O Bonecos Cobiçados, em seu samba-exaltação, possui um verso que afirma: “Tudo isso no Campinho tem / Para mostrar a um certo alguém / E nós de Bonecos Cobiçados / Para

¹⁰ No ano em questão, 2022, não houve julgamento dos quesitos em função da pandemia de Covid-19, entretanto, as outras agremiações carnavalescas se apresentaram seguindo os critérios de julgamento tradicional (Harmonia, evolução, comissão de frente, mestre-sala e porta-bandeira, etc.), ao passo que o Bonecos Cobiçados não.

sempre seremos lembrados.” Os sambas-exaltação, como apontado por Costa (2018), são um instrumento de construção de identidade, assim como os hinos pátrios.

É bastante simbólico analisar esse trecho do samba-exaltação do Bonecos Cobiçados. Ao exaltar elementos que versam sobre a escola de samba, o bairro ou a comunidade, os sambas articulam elementos que caracterizam um grupo e permitem que o sentimento de pertencimento e identificação se manifestem. Ou seja, podemos ver aqui a manifestação de um aspecto cultural da agremiação carnavalesca que exalta em seu samba a lembrança dos que já morreram, e consequentemente, une os torcedores em torno da memória de seus mortos e do bairro.

Assim, por mais que o Bonecos não traga uma referência ao bairro do Campinho em seu nome, a relação com o lugar aparece de outras formas, como nessa passagem do samba-exaltação. Além disso, retornamos a importância do espaço – aqui o bairro – para a construção das identidades, pois:

Ele constitui a base material da existência comum e fornece ao menos uma parte dos recursos indispensáveis à existência de cada um. É um contexto compartilhado, formado de lugares carregados de significações acessíveis a todos [...], as gerações passadas aí viveram, seus corpos aí repousam. (Claval, 2007, p. 158).

Assim, concluímos que “a cultura também está assentada numa base geográfica, pois é provável que só ocorra a comunicação regular e compartilhada entre pessoas que ocupam uma área comum” (Wagner e Mikesell, 2000, p. 115). Podemos falar de uma cultura carnavalesca única, comum a todos que “habitam o mesmo lugar e gostam de carnaval” (Matos, 2005, p. 65), entretanto, essa definição é genérica, é trabalhada em larga escala. Afinal

A cultura é mais complexa do que se imaginava: ela varia no tempo, e algumas de suas manifestações diferem de uma parte a outra em áreas que se teria tendência a perceber como homogêneas, porque aqueles que as habitam têm o sentimento de pertencer a uma mesma comunidade (Claval, 2007, p. 42).

É em vista disso, que pretendemos estudar a cultura criada em torno do Bonecos Cobiçados e vivida especialmente pelos moradores do bairro do Campinho. Uma escola de samba de uma cidade interiorana, com mais de 65 anos, com peculiaridades na forma de fazer seu carnaval, não pode ser vista como semelhante em seu saber-fazer com outras escolas de samba de outros lugares.

4.1. GENTE BAMBA, INSPIRAÇÃO DA NOSSA ARTE: O QUE APRENDEM E O QUE ENSINAM?

Ao longo dessas páginas levantamos diversas questões e reflexões sobre o bairro, sobre samba e sobre a escola de samba. Entretanto, o título da dissertação propõe um olhar sobre o bairro da escola que samba. O olhar sobre o bairro foi abordado anteriormente destacando a relação que as escolas de samba estabelecem com os seus lugares. A relação entre a escola regular e o samba foi abordada no capítulo dois ao relacionarmos a consolidação da educação brasileira durante a Era Vargas e o nascimento das escolas de samba. Nos resta agora entrelaçar esses campos.

A questão que nasceu durante essa pesquisa ao longo dos anos oferecidos pelo programa de pós-graduação sofreu diversas modificações, reduções, ampliações até se aproximar do que apresentamos agora: o que o Bonecos Cobiçados ensina para a comunidade? Enquanto uma escola que samba e de samba, o que se ensina? Apenas samba? Aprende-se samba na escola de samba? O que mais se aprende no Bonecos Cobiçados?

Antes de alcançarmos essas questões nos aproximamos da relação entre o Bonecos Cobiçados e a escola de ensino regular que existe no bairro, refletimos sobre as possibilidades de ensino de geografia dentro de uma escola de samba, retornamos no passado para procurar as relações da escola de samba com a educação formal e seus paralelos. Entretanto, assim como durante a escrita do TCC e defendido no curso de Geografia, foi na simplicidade que encontrei o melhor caminho.

Na altura do TCC, notei que a tal simplicidade seria retornar para minha cidade natal para investigar o carnaval local. Nesse processo descobri que de simples não havia nada, muito ao contrário. O que me era muito familiar e corriqueiro como o Bonecos Cobiçados se mostrou uma fonte riquíssima de pesquisa, repleta de histórias de vida, de samba e de um bairro. Essa investigação nos trouxe até aqui. E novamente, percebo que é na simplicidade complexa de uma pergunta simples e de uma resposta insatisfatória que desenvolvo essa dissertação.

Para ilustrar isso, no TCC trouxe como epígrafe o trecho do samba de enredo da Imperatriz Leopoldinense de 1996, que teve como enredo “Mais vale um jegue que me carregue do que um camelo que me derrube lá no Ceará”, elaborado pela carnavalesca Rosa Magalhães. O trecho se encaixava muito bem para aquele momento e novamente para agora “Mais vale a simplicidade / a buscar mil novidades e criar complicações / Esquecer o bom e o útil / renegar o que é nosso gera insatisfação”.

Afirmo isso assumindo a grande expectativa com que fui realizar as entrevistas e revisitar as entrevistas que seriam utilizadas nessa dissertação. Quando elaborei as questões para a conversa que teria com colegas da agremiação e familiares imaginei que encontraria respostas inspiradoras, bem elaboradas, com aprofundamento sentimental.

A realidade foi mais dura que isso, mas permitiu que aflorasse o que, a meu ver, essa dissertação tem de mais bonito. Para que cheguemos nesse momento façamos um retorno rápido ao processo da pesquisa, para que se entenda aonde e como chegamos nessa simplicidade complexa.

Na altura em que elaborei as questões que norteariam a conversa, minha pesquisa seguia uma direção de se voltar para a história da educação e, nela, encontrar relações entre o samba e a educação. Esse caminho foi redirecionado ao longo do percurso em função das novas questões que foram se apresentando.

Durante a disciplina de Educação Brasileira I, componente da grade do programa de pós-graduação, fomos convidados a desenvolver um seminário que relacionasse nosso tema de pesquisa com algum texto da ementa da disciplina. Ao longo de algumas aulas encontrei certa dificuldade de encaixar meu tema de forma satisfatória com os textos. A ideia só se desenvolveu após uma aula da professora Andreia Reis que propôs uma reflexão sobre o que é ser professor com base no texto do educador António Nóvoa (2017): “Fortalecer a Posição como Professor, Afirmar a Profissão Docente”.

Minha participação durante essa aula esteve contida em meus próprios pensamentos. Me dispersei das discussões logo nos primeiros momentos quando fui levado em uma reflexão que ela propôs logo no início para introduzir a aula: o que é ser professor?

Apesar da minha desatenção e da participação negativa durante a aula, aquela foi, sem dúvida, uma das aulas mais importantes ao longo do meu processo formativo. O que prometia ser uma aula pouco interessante e até mesmo desagradável considerando a chuva histórica que caía se tornou num divisor de águas para meu mestrado.

Essa pergunta me levou para outra reflexão: se os professores estão nas escolas e no texto proposto para a aula havia uma discussão sobre o que é ser professor e formas de reinventar a profissão, me questionei: quem são os professores das escolas de samba? Quais figuras assumem esse papel dentro da escola de samba? Quais conteúdos ensinam? Qual é o processo formativo para que cheguem a esse título? Para tanto, retomarei sob outra perspectiva o que já foi abordado, agora pensando na posição dos professores das escolas de samba.

O samba é um produto cultural oriundo dos povos afrodiáspóricos, tendo a escola de samba como uma manifestação desse gênero musical que também é dança e filosofia. Dessa forma, a tradição oral desponta como modo de perpetuar as histórias e costumes, que não teve nas instituições formais espaço para a perpetuação e proteção das suas tradições e saberes-fazer. Assim, o costume da África Ocidental da manutenção da tradição oral se replicou aqui no Brasil: a contação de história, a valorização das bibliotecas ambulantes preservadas na figura

dos griôs, que são contadores de história que calcados na tradição oral e na memória coletiva e genealógica de seu grupo, bem como de seu papel social, são considerados os cronistas sociais e políticos de seu povo, enquanto operam no binômio transmissão-recepção de saberes e da história de quem ele está a serviço (Almeida, 2016).

Diante de figuras que guardam e preservam as histórias e memórias dos seus grupos, a noção institucional é dissolvida. No Brasil, objetivando inserir a cultura e história negra na leitura sobre construção do Brasil enquanto nação, é obrigatório, desde 2003, o ensino de História e Cultura Afro-brasileiras nas escolas, com a lei 10.639/03 (Brasil, 2003). A institucionalização passa pela oficialização de uma história a ser transmitida, e em alguma medida garante a preservação das culturas, mas um recorte é feito e a tradição oral não morre.

Noel Rosa, na canção “Feitio de Oração”, diz que “Batuque é um privilégio / Ninguém aprende samba no colégio” (Rosa, 1951). Mesmo com a introdução das culturas, histórias e memórias dos povos negros africanos e brasileiros nas salas de aulas, o samba e a batucada são privilégios da oralidade. Tamanho é o privilégio, que foi necessário surgirem escolas especializadas em samba.

Como já vimos nas seções anteriores, as escolas de samba surgem na virada do século XIX para o século XX na capital federal da recém-formada República brasileira. Produto originado pela população há pouco alforriada e forçadamente empurrada para as margens urbanas do Rio de Janeiro, encontrou nas festas carnavalescas da sociedade carioca elementos que uma vez trocados, unidos e moldados deram forma a uma das maiores manifestações cultural brasileiras: as escolas de samba (Cabral, 2012; Neto, 2017).

A durante uma entrevista concedida ao programa Arquivo N produzido pela Globo News (Globo, 2008), onde os primeiros sambas gravados são a temática, Ismael Silva, que chama para si a responsabilidade de ter batizado essas aglomerações carnavalescas de “escolas de samba”, afirma que elas foram assim nomeadas por ter no Estácio, bairro que é berço do samba na atual capital fluminense, os professores do samba.

Assim, as escolas de samba foram batizadas com esse nome por terem nas proximidades geográficas da sua formação uma escola normal, e pelos fundadores da Deixa Falar, a primeira “escola de samba”, se intitularem professores do samba.

Numa época em que nomes, que hoje estão imortalizados na música brasileira, foram contemporâneos, parece ousadia selecionar um grupo espacialmente demarcado e defini-los como professores de samba: na Estácio Ismael e Bide, em Madureira Paulo da Portela a Natal, na Mangueira Cartola e Zé Espinguela, e muitos outros figurões que formaram o samba e

difundiram essa arte que é apresentada, cantada, desfilada, composta, costurada, construída, transmitida. Mas não foram apenas eles os responsáveis.

Considerando o contexto de formação do gênero musical, que teve a primeira gravação no ano de 1916, com autoria do Donga (Neto, 2017), e da primeira escola de samba aproximadamente uma década depois, em 1928, com a Deixa Falar, intitular de professor aqueles que detinham a fórmula para construir um samba é coerente. Se pensarmos nesses sujeitos apenas como detentores do conhecimento que podiam ensinar como fazer samba, teríamos uma educação bancária já bem estabelecida no mundo do samba, mas essa hierarquia entre conhecedor/leigo não parece ser adequada para pensar de forma exclusiva a história do termo “escola de samba”.

Num cenário em que a música popular brasileira era marginalizada e o samba era perseguido e enquadrado na Lei de Vadiagem (Cabral, 2012), associar o gênero musical e agremiações carnavalescas com títulos e nomes dados ao mundo acadêmico não pode ser visto de forma inocente e ingênua.

É essa reflexão de buscar nas escolas de samba seus professores que a pesquisa ganha outro caminho e passa a pensar na Escola de Samba Bonecos Cobiçados como objeto único de investigação, pensando nela como um espaço formativo não-escolar. Entretanto, essa guinada em direção a focar apenas no Bonecos na pesquisa não refletiu no seu isolamento, ao contrário a escola regular do seu bairro esteve presente nas perguntas que foram feitas aos participantes da pesquisa, afinal, a escola se torna outro aparelho urbano de socialização, de encontro, trocas e aprendizado para a comunidade do Campinho e dos bairros vizinhos.

A primeira tentativa durante esse percurso foi a de responder quem são esses professores. Se nas escolas regulares os professores dependem de formação acadêmica para ocuparem suas cadeiras nas salas de aula, como conseguimos identificar os professores das escolas de samba?

A resposta para isso não poderia partir da mesma lógica da formação acadêmica, afinal falamos de um universo onde o ensino superior não faz parte do cotidiano de grande parte da comunidade. A lógica seria então a de incluir pessoas que ensinam algo dentro da escola, como percussão, dança, canto, ritmo, harmonia, e essas pessoas, que em sua maioria não possuem formação acadêmica que os qualifiquem para ocupar cargos dentro da escola, nem por isso deixam de ensinar.

Comumente algumas figuras são chamadas de professor dentro da escola de samba, como os carnavalescos que elaboram as histórias que serão contadas na avenida, ou membros mais experientes na escola que têm algo para ensinar. Considerando o que o título de professor

pode carregar com a pessoa que o recebe, passei a tentar identificar quem seriam os professores do carnaval de Guaratinguetá e do Bonecos Cobiçados. Quem seriam as pessoas que ensinam e formam pessoas no carnaval da cidade?

Ao mesmo tempo que comecei a identificar nomes eu notei que isso seria uma missão muito difícil e complexa de definição do elenco que comporia esse quadro docente. Os saberes incluídos dentro do carnaval são diversos, demandam diferentes habilidades e desenvolvem diferentes aprendizados para aqueles que estão dispostos a aprender. Nesse sentido, muitas pessoas assumiriam essa função. Claramente alguns nomes se destacariam como verdadeiros mestres que moldaram ou transformaram o carnaval da cidade, como Tilica do Pel ou Zé Moacyr, entretanto, tentar criar uma lista com esses personagens seria um risco que implicaria o esquecimento de outros tantos nomes importantes. Por isso, avancei no questionamento: se existem esses professores dentro da escola de samba, o que eles ensinam?

Parece redundante a pergunta, afinal existem habilidades que demandam conhecimento que devem ser repassados para chegar a outras pessoas. Entretanto, havia a percepção de que é necessário aprender de alguma forma a escrever um enredo, por exemplo, mas o próprio enredo pode se tornar uma ferramenta de ensino. Isto posto, o que se aprende numa escola de samba?

Essa seria a pergunta fundamental que faria aos convidados da pesquisa. Desejava ouvir dessas pessoas o que as escolas de samba puderam ensinar para eles durante os anos em que estiveram por lá. Quais foram os saberes que puderam adquirir?

É nesse momento que depusitei a expectativa de grandes respostas, bem elaboradas, sentimentais. As pessoas que foram questionadas são membros do Bonecos Cobiçados, escola da qual também pertenço, e o que eu aguardava eram respostas que fossem direcionadas a aprendizados adquiridos por meio dos sambas e dos enredos das escolas.

Minha expectativa não era infundada. Durante a primeira conversa que estabeleci com a Nalva, ao responder sobre o samba que considerava o mais bonito da escola, ela afirmou que era o samba de 1977, que homenageou o escritor Jorge Amado. Durante sua resposta ela afirmou que antigamente, na época de escola, eles aprendiam sobre “esses autores” na sala de aula, e era “legal”, nas palavras dela, “ver o que acontecia na escola de samba e na escola”.

Nesse sentido, minha expectativa residia na possibilidade de que outras pessoas diriam que conseguem aprender no Bonecos conteúdos escolares, da cultura brasileira ou de coisas que não são trabalhadas cotidianamente, e que as escolas de samba podem trazer a luz a partir de seus enredos.

Entretanto, não foi esse o resultado. As respostas que obtive vieram sempre apontando para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Nalva, ao responder à pergunta “O

que o Bonecos te ensina, ou o que você aprende com o Bonecos?” afirmou que ela aprendia a ser *paciente*: “O que ele ensina? Ah... ensina a ter *paciência*, persistência. Porque não é fácil estar lá, tem que ter muita *paciência*.”. A resposta do Chiquinho para a mesma pergunta não foi muito diferente, segundo ele o Bonecos ensina a ter *calma*, *resiliência*.

Diante dessa resposta eu tentei ainda direcionar a resposta para a direção que eu desejava, contrariando a metodologia que havia adotado. Mas minha intervenção não foi o suficiente: “Mas o Bonecos nunca te ensinou nada sem ser nesse aspecto de vida?”, questiono pensando naquelas respostas que ela havia dado na época do TCC, como quando afirmou que aprendeu sobre a vida do Jorge Amado por causa dos sambas do Bonecos, ou de outras escolas. Mas ela não responde acompanhando meu raciocínio e, depois de alguns segundos, refletindo ela diz:

“O Bonecos ensina o que é uma escola de samba. A gente aprende que é muito mais que a Avenida, é muito mais que o desfile. A gente que está sala sabe o que tem que fazer, o trabalho que dá uma escola de samba. Estar lá me ensina isso, o que é uma escola de samba. Como funciona, como é organizada, ou desorganizada...”.

Nesse momento eu estava bem insatisfeito com a resposta para a pergunta e já começava a culpar a forma como elaborei a questão. Entretanto, ainda ouvindo o que ela dizia, veio algo que iluminou a resposta para mim: “*Eu aprendo isso, o que é Escola de Samba. E é uma cultura tão bonita, a gente vê que não é só desfilar e ir para a avenida, é todo o caminho até lá que a gente aprende estando lá. Acho que isso é o maior aprendizado*”.

Neste momento encontrei a resposta que norteou essa pesquisa do início ao fim, ainda que indiretamente: o que uma escola de samba ensina? E o óbvio se mostrou depois de percorrido diversos caminhos buscando nas frestas que surgem entre o samba e a educação aquilo que poderia ser respondido com o nome dessa instituição secular. O maior ensinamento que uma escola de samba pode oferecer é o saber-fazer escola de samba.

A resposta da Nalva me levou para um caminho que eu não esperava. No começo, isso me levou aos aprendizados socioemocionais; depois, à percepção de que poucas pessoas realmente sabem fazer carnaval, entendem como funciona uma escola de samba e conhecem os segredos que embelezam os desfiles ano após ano, no Brasil e no mundo.

Chiquinho, ao comentar sobre escola de samba e sobre o Bonecos Cobiçados em especial, afirmou: “Não somos escola de samba? Então vamos ensinar samba! Cria uma escola de formação de baianas, que ensina a história, a dança das baianas. Cria uma escola que prepare os casais de mestre-sala e porta-bandeira! Hoje não temos casal próprio do Bonecos... a mesma coisa para a bateria, para a harmonia... se é escola tem que ensinar.”.

Diante disso, encaminho para a conclusão de que mais importante do que exaltar uma perspectiva que busque por saberes acadêmicos e escolares dentro dos enredos das escolas de samba, é valorizar essa sabedoria que é ensinar escola de samba para aqueles que estão dispostos a aprender.

Nessa percepção, conseguimos encontrar outras respostas para perguntas que também foram levantadas. Se o saber a ser ensinado em uma escola de samba é a própria escola de samba, os professores das escolas de samba são aqueles que possuem os conhecimentos e estão dispostos a compartilhar com os que chegam. Esse saber não carece de uma formação acadêmica para transmissão, o método persiste na oralidade e na preservação da memória com a valorização das tias, da velha-guarda e dos componentes mais antigos, que acumulam as histórias e os conhecimentos da escola.

Encerramos essa seção com uma citação do antropólogo Roberto DaMatta retirada do seu livro “Carnavais, malandros e heróis” (1979). Apesar de algumas leituras superficiais sobre a relação das escolas de sambas com sua comunidade, o autor acerta ao afirmar a relação das escolas com seus professores e seus aprendizados da seguinte forma:

Mas essa “escola de samba” não ensina ninguém uma profissão ou a “ganhar a vida”, ensina a própria vida, conforme atestam inúmeros sambas e a ideologia popular. De modo que, no carnaval, os marginais anônimos que formam esse segmento social do subúrbio, do morro e da “escola de samba” se transformam em “professores” e “doutores” de samba e de ritmo. E ensinam aos das classes médias e alta o mundo do samba, o universo da malandragem e do malabarismo, forjado – sem dúvida – na sobrevivência com um parco salário numa sociedade de consumo na qual a exploração é moeda corrente (DaMatta, 1979, p. 180).

4.1 SANTO DE CASA FAZ MILAGRE: DESAFIOS DO CARNAVAL GUARATINGUETAENSE

*É feito uma reza, um ritual
É a procissão do samba
Abençoando
A festa do divino carnaval*

Portela – Samba de exaltação

Chegamos ao fim dessa dissertação com a compreensão de que o maior saber a ser aprendido e ensinado em uma escola de samba são os seus próprios segredos, técnicas, histórias e o saber-fazer carnaval que embeleza a cultura nacional. Entretanto, tivemos o acompanhamento de um agente ao longo do texto que se mostra bastante influente na cidade de Guaratinguetá: a religião.

Desde o início da escrita tornou-se evidente que seria impossível tratar de Guaratinguetá sem destacar sua relevância religiosa em âmbito nacional. Ser o berço da padroeira do Brasil e do primeiro santo brasileiro conferiu à cidade um legado de tradições e costumes que, embora distantes das festividades carnavalescas, estabelecem um permanente impasse entre o sagrado e o profano, que disputam espaços ao longo de todo o ano, ainda que caminhem juntos em determinados momentos.

A frequência com que a temática religiosa aparece ao longo do texto chegou a me gerar incômodo, afinal é uma pesquisa que pretende se debruçar sobre a escola de samba Bonecos Cobiçados, mas que, em vários momentos, me levava a escrever sobre fé católica, religiosidade e santos. De certa maneira, essa aparição constante se justificava dentro do propósito da pesquisa, que em determinado momento percorre passagens da história da cidade. Ao mesmo tempo, até através do samba a religiosidade aparece, como pudemos observar a partir de diversos enredos e sambas citados previamente.

Nessa esteira, encontrava respaldo ainda ao situar meu campo de pesquisa na geografia cultural. A relação do lugar com o sagrado e com a religiosidade possui destaque na Geografia Cultural brasileira em função das pesquisas da geografia Zeny Rosendahl inaugurando no Brasil o campo da Geografia da Religião e consolidando novas perspectivas para a geografia brasileira.

Zeny Rosendahl (2018) destaca que a Geografia da Religião se concentra na relação entre o lugar e o sagrado, entendendo o sagrado como tudo aquilo que rompe com a rotina, ligado a uma ordem superior e a uma divindade. Para ela, religião e geografia se entrelaçam na espacialidade, pois a manifestação religiosa ocorre no espaço e o lugar sagrado se diferencia por sua força simbólica e valor qualitativo, seja fixo, móvel ou imaginado (Rosendahl, 2018). Esse espaço é construído e sustentado pela vivência e cooperação da comunidade religiosa, refletindo sentidos profundos que vão além do visível, envolvendo emoções e sentimentos. Já o espaço profano, embora sem sacralidade, pode estar vinculado às práticas religiosas, revelando uma unidade complexa entre o sagrado e o cotidiano.

Nesse sentido, considerando que esta pesquisa se pautou na categoria de lugar a partir de uma perspectiva humanista de base psicanalítica – desenvolvida inicialmente no TCC –, e que, ao longo do texto, alcança a Geografia Cultural para situar as manifestações culturais em sua relação com o lugar, pareceu-nos coerente estabelecer também uma aproximação entre lugar e religião. Essa percepção era respaldada em leituras sobre Geografia da Religião onde o lugar é colocado em perspectivas que se aproximavam ou igualavam com as que eu vinha trabalhando:

Os lugares não são somente uma série de dados acumulados no tempo. A ideia é ressaltar que eles envolvem também intenções humanas. Não devemos apenas contar quantos peregrinos existem no tempo sagrado de santuário religioso, mas também saber o que esse santuário significa para seus devotos. Deve-se refletir sobre a essência das coisas e dos objetos, além do nosso conhecimento dos diferentes significados com que os processos, as práticas e as formas espaciais são criadas pelo homem. Assim, sugere-se que o olhar geográfico se estenda além do visível, além do evidente, para os domínios da emoção e do sentimento (Rosendahl, 2018, p.253)

Em momentos anteriores, ao abordamos a temática do lugar geopsíquico da Escola de Samba Bonecos Cobiçados, podemos notar que as buscas de explicar e compreender o lugar considerando os sentimentos, os afetos e as relações psíquicas entre as pessoas e os lugares onde estão ou frequentam é muito parecido com a ideia de compreender as religiões e a religiosidade sob uma perspectiva geográfica. Portanto, encontrava respaldo tanto a partir de uma leitura do meu próprio texto quanto a partir de uma conceituação teórica de onde meu trabalho pretende se situar na Geografia.

Ainda assim, alguns detalhes que não cabiam ao longo do texto ameaçavam a rota que era seguida para buscar as respostas para as perguntas levantadas, especialmente porque desviavam o olhar do Bonecos Cobiçados para outras escolas de samba, como a Embaixada do Morro. Após meu exame de qualificação pude retornar para minha cidade natal, Guaratinguetá, e finalizar a escrita da dissertação mais próximo do meu objeto de pesquisa. Durante esse período tentei imergir nas manifestações populares da cidade, como o próprio carnaval, as festas de igreja, o jongo e as congadas da cidade.

Durante essa imersão puder confirmar o que já suspeitava: muitas das pessoas que organizavam as festas de igreja, procissões, jongs e congadas eram os membros das escolas de samba. Como exemplo, notei que meu vizinho, membro da escola de samba Embaixada do Morro e acompanhante oficial do casal de mestre-sala e porta-bandeira da agremiação é também o responsável pela elaboração dos arranjos, altares e andores das procissões de São Benedito, que como já vimos, é a maior festa religiosa da cidade. Não obstante, descobri ainda que o presidente da Embaixada do Morro é também membro da Cavalaria de São Benedito e da Irmandade de São Benedito, compondo a corte da festa. Para encerrar os exemplos, o mestre de bateria da Embaixada do Morro é um dos ritmistas que anualmente saem as ruas no Domingo de Páscoa com a “Caixa de São Benedito” para anunciar que a Festa de São Benedito vai começar, tradição secular, que no caso dele é hereditário há três gerações.

Cabe pontuar que nesses três exemplos não existe parentesco, o que poderia justificar as coincidências. Ainda assim, esses casos ainda poderiam ser considerados apenas

coincidência, afinal são pessoas católicas que gostam de samba, não existe problemas nisso. Entretanto, algo me chamava atenção: a Embaixada do Morro, que concentra o maior número de festeiros das igrejas e carnavalescos, é também a escola que mais exalta sua origem negra e sua aproximação com os terreiros e com os Orixás.

Se não havia incoerências até então ou elas podiam ser desconsideradas, agora elas ficam difíceis de serem ignoradas. Falamos de uma cidade católica em maioria, de acordo com o IBGE (2025), 65,64% da população, que tem como principal atração anual uma festa profana – carnaval – e pratica uma religiosidade popular, onde as festas são organizadas em sua maioria por membros das escolas de samba, que no carnaval exaltam e cantam sobre a fé nos Orixás, Inquices e Voduns.

Como disse, o propósito da dissertação era encontrar respostas sobre os aprendizados e ensinamentos de uma escola de samba para seu bairro e sua comunidade. A relação com as religiões não encontrava fôlego para ser desenvolvida, entretanto, gerava esse incômodo pela frequência com que a fé aparecia no próprio carnaval e se tornava tema recorrente no texto.

Essa inquietação foi parcialmente sanada quando consegui associar as causas do incômodo. Durante a reta final da escrita, quando isso ficava cada vez mais gritante para mim, pude compartilhar com amigos e com minha orientadora sobre esses cruzamentos entre religiosidade, carnaval e o sagrado e o profano. Durante essas conversas compreendi que o incômodo não residia nas possíveis heresias que as aproximações ocasionavam, mas sim na possibilidade de elas acabarem.

No início de 2025 assumi algumas salas de aula em duas escolas de Guaratinguetá, lecionando Geografia. Por sorte pude participar do período carnavalesco na cidade frequentando os dois âmbitos escolares que a pesquisa abordava: a escola regular e a escola de samba. Em ambas eu assumia posições que permitam tanto a observação quanto a atuação: professor em uma e harmonia em outra.

Nas semanas que antecederam o feriado de carnaval, a escola iniciou os preparativos para o carnaval para os alunos. Claramente não perdi a oportunidade de conversar com os alunos sobre as escolas de samba da cidade e sobre carnaval. Durante essas conversas me surpreendi negativamente com a reação discriminatória reproduzida pelos alunos: eles diziam não gostar de carnaval ou afirmavam que os pais não os deixavam participar. Já outros eram mais desinibidos e diziam logo que carnaval era “coisa do diabo” e que por isso não devia existir. Aqueles que não revelavam a razão do desgosto ou do julgamento com o carnaval, quando questionados, diziam apenas que “a religião não deixa”.

Um caso me chamou a atenção entre os outros que foi de uma aluna que não hesitou em afirmar que “carnaval não presta, é coisa do diabo e minha religião não permite”. Quando eu rebatia tentando desconstruir essa ideia negativa sobre a festa eu escutava “eu nem venho no dia do carnaval da escola, se minha mãe souber ela nem me deixa vir”. Com ela eu cheguei a brincar e falar que se fosse assim, era melhor ela não ir mesmo, já que causaria tanto incômodo.

Curiosamente, no dia do carnaval ela estava lá, fantasiada, brincando entre as serpentinas que a escola usou para decorar a quadra, com o rosto decorado pela professora de artes que fazia pinturas faciais, e se divertindo ao som de marchinhas. Quando ela se aproximou eu questionei o que fazia ela estar ali, já que tinha tanta reação, sua resposta foi algo como “minha mãe não me deixou faltar”. Claramente não posso dar certezas sobre o que ela sentia ou as razões que realmente a fizeram estar ali, mas definitivamente posso supor que não parecia haver incômodos ou insatisfações com a brincadeira de carnaval promovida pela escola.

Figura 19 - Escola durante festa de carnaval e desfile de fantasias no carnaval de 2025



Fonte: Acervo pessoal

Nesta mesma manhã, em outra escola, não pude acompanhar o que os alunos pensavam sobre o carnaval nem ouvir a opinião deles. Entretanto, pude assistir algo que vai na contramão da reação da primeira escola, a bateria-mirim do Bonecos Cobiçados Foi se apresentar para os outros alunos. Alguns integrantes da bateria inclusive eram alunos daquela escola e faltaram na aula para poderem se apresentar.

Figura 20 - Bateria-mirim do Bonecos Cobiçados se apresentando na festa de carnaval da escola



Fonte: acervo pessoal

É comum que as escolas procurem as escolas de samba no período de carnaval para oferecer para os estudantes uma festa embalada pelo ritmo das baterias. Entretanto, neste ano a apresentação da bateria-mirim na escola foi a primeira do grupo, que ainda não tinha se apresentado fora da quadra do Bonecos Cobiçados.

Figura 19 - Festa de carnaval realizada na escola regular com a presença da bateria-mirim do Bonecos Cobiçados em 2025



Fonte: Acervo pessoal

Em outros momentos pude presenciar a reação negativa dos alunos em relação ao carnaval, uma vez que frequentemente utilizo sambas e enredos para trabalhar temas como formação territorial do Brasil, demografia, paisagens, entre outros. Em todos os casos que

presenciei, os argumentos apresentados pelos alunos estavam pautados na religião, sendo que a maioria se identificava como evangélica.

Em 2025, o IBGE anunciou que o número de evangélicos cresceu em relação ao Censo Demográfico de 2010, alcançando 26,9% da população. Em Guaratinguetá este número atinge 23,09%, de acordo com o IBGE (2025). Nessa esteira, a relação entre igrejas evangélicas, especialmente as neopentecostais, e escolas de samba no Brasil é marcada por conflitos culturais e religiosos, envolvendo disputas por fiéis, estigmatização de símbolos afro-brasileiros e tensões morais. As igrejas demonizam elementos das religiões de matriz africana – muitas vezes associados ao samba –, e promovem uma visão rígida que confronta a identidade carnavalesca. Isso afeta comunidades periféricas onde ambos os grupos atuam, criando dilemas para indivíduos que transitam entre fé evangélica e participação em escolas de samba.

Símbolos da herança africana no Brasil, mesmo que não sejam exatamente religiosos, mas de alguma forma aludem às religiões afro-brasileiras, também são estigmatizados e combatidos. No Rio de Janeiro, por influência das igrejas neopentecostais, houve um esvaziamento da bateria mirim da “Toca o Bonde – Usina de Gente”, uma organização não governamental que ensina música às crianças e jovens carentes moradores em algumas comunidades da região de Santa Teresa. Os pais evangélicos retiraram seus filhos da ONG alegando que o samba está vinculado ao “culto do demônio”. Nessa óptica, escola de samba é, portanto, “escola do capeta” (Silva, 2007, p. 15)

Mesmo no Bonecos Cobiçados é comum ouvir de pessoas que já não participam da rotina na escola por causa da igreja ou porque o pastor não deixa. Em muitos casos apenas o afastamento não é suficiente e muitas pessoas passam a reproduzir os discursos preconceituosos e discriminatórios contra o carnaval e as escolas de samba.

Não obstante, mesmo dentro das escolas de samba podemos observar resistências e problemáticas quando os enredos são desenvolvidos sobre temáticas que exaltam a cultura negra e as religiões de matriz africana. Em 2025, o Bonecos Cobiçados fez uma homenagem ao orixá Oxóssi, e foram vários os casos de pessoas que deixaram de desfilar ou de frequentar os eventos da escola em função do enredo proposto.

Como afirmei, essa discussão demandaria maior atenção e aprofundamento, algo que o tempo de pesquisa oferecido pelo programa de pós-graduação não oferece. Entretanto, essa discussão, ainda que breve, se fez necessária para explicar a causa do meu incômodo com a constância da religião no meu trabalho.

Compreendi, ao menos dentro do contexto deste trabalho, que aquilo que reúne as pessoas em torno de algo onde depositam sua fé é também aquilo que segrega e afasta de espaços e de convívios potencialmente enriquecedores, como os que são oferecidos nas escolas

de samba. Ao mesmo tempo que a religião se firma como um pilar na história de Guaratinguetá e na construção da sua identidade, ela se mostra como uma ameaça silenciosa para a perpetuação da maior festa cultural da cidade, que exalta suas periferias e seus saberes populares.

Cabe notar que a aproximação entre a igreja católica e as escolas de samba aparente ser mais amigável do que as igrejas neopentecostais, entretanto, essa afirmação demanda maior observação e reflexão para ser assertiva. Fazemos apenas com base nos enredos que já foram propostos que tinham a fé como enredo, como a Embaixada do Morro, em 1996, “A fé não costuma falhar”.

(Embaixada do Morro, 1999 – A fé não costuma falhar)

*Clareou, clareou!
A luz da esperança
Quem semear amor
Há de colher a bonança
Nesta terra de Frei Galvão
O samba é pura convicção
Mostra a travessia
Vem em romaria
Com fé no coração
O povo explode em devoção
(Oh Padroeira) Oh Padroeira,
Nossa gente vem a vós (vem a vós)
Abre o seu manto,
E proteja todos nós (todos nós)
Eu vou presenciar
Numa fusão as nações se encontrar
A paz na Terra irá reinar
O ser supremo vai nos guiar (para sempre)
Sempre a seguir em liberdade
A buscar fraternidade em um mundo ideal
O éden aqui será
Em harmonia a Embaixada vai passar
E quem viver verá
E só acreditar
Que a fé não costuma falhar
(Embaixada do Morro, 1999)*

Neste samba temos as alusões claras a fé católica, com exaltação a Frei Galvão e Nossa Senhora Aparecida. Curiosamente, o samba afirma que na terra de Frei Galvão, o samba é pura convicção, reforçando essa relação entre a igreja e o samba e as incongruências que essa aproximação pode causar. Outro exemplo é o samba de 2006, também da Embaixada do Morro, que teve como enredo “Santo de casa faz milagre”. Neste caso o enredo parte de uma perspectiva religiosa para exaltar os filhos ilustres da cidade, fazendo trocadilho com o ditado

“santo de casa não faz milagre”. Neste samba, personagens, mitos e lendas são destacados, assim como uma introdução que faz uma defesa da festa que estaria deixando de ser popular.

Santo de casa faz milagre - 2006
Guaratinguetá, abram alas iremos passar
O sonhador teve a coragem
Vamos poder sambar
Acenda a luz, empreste o palco
Nossa gente que brilhar
A comunidade estava com saudade
Dessa festa que foi festa popular
A velha guarda tem razão
Além de luxo deve haver mais emoção
Ecoa um grito do Morro
Ouçã a cuica roncar
Não aliene a cultura do povo
Ouçã a Embaixada cantar
Terra de doutores poetas artistas
Políticos, escritores grandes esportistas
Temos rei do violão,
Presidente da nação
O anjo negro o mundo viu brilhar
Estrelas num cenário de glórias
Mitos que marcaram a nossa história
No coração, convicção
É de frei Galvão, esta cidade
Quem acredita sempre vai à luta
Santo de casa faz milagre
 (Embaixada do Morro, 2006)

Por fim, encerrando as discussões propostas para esta dissertação, podemos fazer uma última reflexão que dá sequência e deixa questionamentos em aberto para o futuro. Ao discutir sobre sagrado e profano, Rosendahl afirma que o sagrado é o que se destaca do lugar-comum e da rotina, o lugar sagrado possui:

[...] em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção, como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional do devoto. [...] Espaços sagrados são espaços qualitativamente fortes, onde o sagrado se manifestou. E, para o homem religioso, essa manifestação pode estar contida num objeto, numa pessoa, em inúmeros lugares. Para o homem religioso, a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado. (Rosendahl, 2018, p. 36)

Já o profano seria o espaço desprovido de sacralidade (Rosendahl, 2018), mas diretamente associado ao sagrado. Nesse sentido, seria mesmo a escola de samba um espaço profano? Seria realmente um lugar onde não existe sacralidade? Dentro da definição proposta pela geógrafa, as escolas de samba não estariam mais enquadradas em espaços que exigem e

encorajam devoção dos foliões ao pavilhão da agremiação? As escolas de samba não esperam dos seus componentes o compromisso emocional? E, nesse sentido, o homem religioso não seria o componente que em transe atravessa a avenida com dores, incômodos, mas acreditando no que seria sagrado: o pavilhão, a bateria, os saberes, os lugares que são apresentados durante um desfile? Esse valor sagrado não seria a resposta para a pergunta que me fiz no TCC e que reapareceu nesta pesquisa: por que me submeto ano após ano ao sofrimento de ver minha escola ser derrotada? Naquele momento cheguei ao entendimento de que há "algo que ultrapassa uma percepção consciente e se renova ano após ano". Não seriam, então, as escolas de samba espaços sagrados? Espaços que por si carregam significados, símbolos, lendas e histórias que criam seus fiéis?

Essas perguntas e outras tantas que poderiam surgir a partir dessas reflexões ficaram para outro momento. Por enquanto cabe a conclusão de que os ensinamentos promovidos pelas escolas de samba encontram resistência e ameaças de sobrevivência no avanço do conservadorismo e das igrejas, especialmente do neopentecostalismo.

Os exemplos das escolas em que atuei são ilustrativos das resistências e das oportunidades que a educação formal oferece, tanto como perpetuadora quanto como contribuinte para as escolas de samba. Da mesma forma, evidenciam os enfrentamentos que esse saber, preservado nas escolas de samba, encontra ao se deparar com barreiras no ambiente familiar.

O caso da criança que não iria participar por causa da religião, mas no dia estava brincando e se divertindo é um reflexo do preconceito sem fundamento, da reprodução de falas sem o senso crítico. Nesse sentido, a conscientização e a constante batalha contra a intolerância e o racismo se faz primordial para a sobrevivência e fortalecimento da cultura das escolas de samba.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar uma dissertação como esta não é tarefa simples. Não se trata apenas de fechar um documento acadêmico, mas de colocar vírgulas onde talvez não haja ponto-final. Esta pesquisa, costurada com memórias, histórias, afetos e batuques, não cabe inteira nas margens deste texto. Ainda assim, é preciso escrever um fecho. Um fecho que não seja um adeus, mas um “até logo”. Um refrão que se repete no coração de quem canta, pesquisa, vive e samba.

Partimos, ao longo dessas páginas, de uma pergunta que, embora singela, carregava um mundo: *como as escolas de samba da cidade de Guaratinguetá, em especial a Escola de Samba Bonecos Cobiçados, atuam como espaços formativos e de produção de saberes?* A essa pergunta se somaram outras: que saberes são esses? Como circulam? Que memórias carregam? Que lugares constroem e são construídos? Como ensinam e o que resistem? Quem ensina? Quem aprende?

Nossa caminhada teórica e metodológica foi, desde o início, marcada por uma disposição: *escutar*. Escutar os tambores, as vozes, os silêncios. Escutar os rastros da história que não aparecem nos livros escolares. Escutar os griôs do samba, os costureiros de alegorias, os intérpretes dos enredos em forma de samba. Escutar, enfim, o que a cidade sussurra quando a gente passa devagar pelas ruas do Campinho. Em 2022, a Estação Primeira de Mangueira exaltou três personagens importantes da sua história: Jamelão, Delegado e Cartola. durante a escolha do samba que seria cantado na avenida, a escola teve um que não ganhou, mas entre seus versos dizia “Perto do Pindura Saia / Quem mora lá já contou / Que quando a noite desmaia / Ouvem a voz de Xango”¹¹. Quais são as vozes que sussurram pelas ruas do Campinho, da Pedreira, do Campo do Galvão, quando a noite desmaia? Foi nessa escuta que descobrimos muito mais do que esperávamos.

O que se revelou diante de nós foi uma pedagogia do cotidiano, do imprevisto, da resistência. A escola de samba – e aqui o termo “escola” é tão literal quanto simbólico – se mostrou como espaço onde se aprende a viver, a conviver, a construir junto, a cuidar, a lembrar e a sonhar. Uma universidade da vida, sem diploma, mas com currículo afetivo e saber reconhecido por quem importa: o povo que a sustenta.

O primeiro capítulo nos levou a caminhar pelas ruas de Guaratinguetá com um olhar atento à história e à geografia da cidade. Mais do que uma revisão histórica, foi uma tentativa

¹¹ Composição: Paulo Cesar Feital/ Lucas Bueno/ Nina Rosa/ George Di Cesar. Xangô, na letra deste samba, referencia um mestre-sala importante da história da agremiação.

de *ouvir a cidade* a partir de seus sambas de enredo, suas festas populares e seus silêncios. Descobrimos ali que Guará é palco de múltiplas narrativas: uma cidade oficialmente religiosa, mas atravessada por religiosidades populares que não cabem na moldura dos altares. Uma cidade que celebra Frei Galvão e São Benedito, mas que também desfila Ogum e Iansã em seus enredos. Uma cidade que nas aparentes incongruências e incoerências se faz autêntica e dotada de personalidade. Uma cidade de santos e de tambores.

No segundo capítulo, mergulhamos no universo da Escola de Samba Bonecos Cobiçados. Fomos ao barracão, à sede, aos ensaios, aos desfiles, às lembranças dos antigos, às expectativas dos mais jovens. E ali encontramos um lugar educativo pulsante, construído coletivamente a cada ano. Descobrimos que a escola ensina a partir da prática, da escuta, da memória. Ensina a respeitar o tempo do outro, a trabalhar em grupo, a superar dificuldades com criatividade e com fé. Ensina, sobretudo, a nunca desistir. Mais importante, ensina sobre ela mesmo, ensina sobre seus saberes, ensina os segredos que antecedem a festa na avenida, e o faz nas ruas, nos encontros, nas trocas com pessoas.

Já no terceiro capítulo, aprofundamos o vínculo entre as pessoas e o lugar, entre a identidade e o pertencimento. A ideia de “lugar geopsíquico” nos ajudou a compreender como o Bonecos Cobiçados é muito mais do que um espaço físico ou uma agremiação carnavalesca. É um lugar onde a subjetividade é forjada, onde a autoestima é fortalecida, onde o ser no mundo encontra sentido. Os relatos dos integrantes da escola nos mostram que “ser do Bonecos” é uma identidade, uma marca, um orgulho que acompanha para além do carnaval. Para isso revisitamos o Trabalho de Conclusão de Curso onde as relações entre lugar, escola de samba e folião é explorado de forma sensível, responsável e afetiva, e agora reapareceram com o propósito de investigar sobre os ensinamentos que essas relações possibilitam.

Ao longo dessa jornada, notamos a centralidade da escuta como metodologia desta dissertação. Percebemos que escutar não se encerra na escuta de pessoas, mas na escuta dos enredos, das vozes daqueles que já faleceram, mas que se manifestam a partir da letra dos sambas, estes que cantam por grupos inteiros, pelos bairros, pela cidade. Inspirados pelo trabalho de Juliana Dias, compreendemos que a educação se dá nos encontros, nas trocas, nas experiências de vida, e que podem ser percebidas por meio da escuta. A escola de samba é, assim, espaço privilegiado de formação humana, de exercício da cidadania, de reinvenção do mundo, de pertencimento na cidade, de aprendizado na vida.

A metodologia da escuta – conforme aprendemos com Dias (2019; 2024) – nos mostrou que não basta falar sobre o povo: é preciso falar com o povo, da mesma forma que não podemos dar voz ao povo, mas escutar as vozes que emergem pelas ruas do Campinho. Mais do que

sujeitos de pesquisa, os sambistas foram mestres. Ensinar com o olhar, com o gesto, com a emoção. Cada entrevista, cada ensaio, cada canto carregava consigo uma aula. Uma aula sobre o que significa resistir todos os dias em uma sociedade que nega sistematicamente a cultura popular e a população negra.

Mais do que dados, a pesquisa produziu vínculos. Em cada conversa, em cada ida à campo, em cada sistematização das lembranças, ideias e projetos, fomos atravessados por histórias de superação, de dor e de alegria. *O samba não é apenas ritmo: é linguagem, é memória, é luta.* Cada enredo carrega um pedaço de história que não se conta nos livros didáticos, até porque se trata da história da vida das pessoas que constroem a escola de samba. É por isso que precisamos continuar insistindo: *o samba educa.* E educa porque emociona, porque convoca, porque transforma. E faz tudo isso porque é feito por gente.

Se a escola de samba é, como dissemos, um território educativo, então é preciso perguntar: por que ela ainda não é reconhecida como tal? Ou ela é? A resposta, embora complexa, pode ser sintetizada em uma palavra que atravessa este trabalho do início ao fim: *marginalização.* A cultura popular, em especial a negra e periférica, sempre esteve à margem do que o Estado, a academia e os currículos escolares validaram como conhecimento legítimo. Ela surge nas margens e luta pela sobrevivência, e o que permeia pelas frestas são ruídos que disputam os espaços da cidade. O que vem das comunidades, o que nasce do chão, do morro, do barracão, quase nunca recebe o selo de “saber”.

Essa marginalização não é apenas simbólica – ela é material, estrutural, histórica e geográfica. As escolas de samba sobrevivem com recursos escassos, com apoio público instável, com olhares desconfiados. São vistas como festa, como barulho, como “desordem”. E, por isso, muitas vezes são relegadas ao campo do entretenimento, da distração, da “cultura do excesso”. Mas o que vimos ao longo desta pesquisa é o oposto: ali há ordem, há disciplina, há trabalho coletivo, há educação. Há método, ainda que não escolar; há currículo, ainda que não normatizado; há avaliação, ainda que sem nota. Há, acima de tudo, formação.

A invisibilização do saber popular dialoga com aquilo que autores pós-coloniais chamam de “epistemicídio”: o apagamento sistemático de formas outras de conhecimento, que não se enquadram nos parâmetros eurocentrados da ciência moderna (Carneiro, 2005). O que o samba faz – e o que as escolas de samba reafirmam a cada desfile – é resistir a esse apagamento. É afirmar que há muitos modos de conhecer, de ensinar e de aprender. É por isso que afirmamos que o samba é cátedra: porque é lugar de saber, é banco de memória, é livro cantado.

A escola de samba é, nesse sentido, espaço de reconstrução simbólica para sujeitos que, em muitos momentos da vida, foram destituídos de sua humanidade plena, que em momentos

deste trabalho reconhecemos como o exercício da cidadania. Jovens negros, moradores de periferia, mulheres liderando alas, idosos ensinando a história da comunidade – todos podem encontrar no samba um lugar onde podem afirmar sua existência de forma digna e criativa.

E aqui fazemos uma provocação: o que falta para a escola de samba ser valorizada como espaço educativo? Será que é a ausência de um CNPJ escolar? De um calendário letivo? De uma supervisão pedagógica? Ou será que falta, na verdade, à sociedade e ao poder público, a coragem de romper com os padrões coloniais do que se entende por educação? Como valorizar e destacar os saberes que são ensinados dentro de uma escola de samba?

Não se trata de transformar a escola de samba em uma escola convencional – longe disso. O que propomos é que os saberes que ali circulam sejam valorizados em sua especificidade. Que se reconheça a pedagogia da vivência, da coletividade, da oralidade, do corpo em movimento. Que se compreenda que ensinar a dançar, a confeccionar uma fantasia, a compor um samba de enredo, a coordenar uma bateria é, sim, educar. Que se entenda que o samba forma sujeitos críticos, criativos, conscientes de sua história e de seu lugar.

A perspectiva que chegamos ao fim deste trabalho, infelizmente, aponta que essa percepção ainda está distante. Em tempos de cortes de verbas para a cultura, de criminalização das manifestações populares e de avanço do discurso moralista e elitista, as escolas de samba seguem sendo trincheiras de resistência. Mas não basta resistir. É preciso avançar. É preciso que a universidade se aproxime desses territórios, que os cursos de licenciatura aprendam com o saber do samba, que as escolas públicas abram suas portas para as comunidades do entorno. É preciso construir pontes, e não muros, entre as escolas e os lugares de saber.

A universidade – espaço em que esta dissertação foi gestada – também precisa se rever. Quantas pesquisas olham para a escola de samba como objeto de estudo e quantas a escutam como sujeito? Quantas bibliografias incluem sambistas, costureiras, carnavalescos como produtores de conhecimento? Quantos professores e pesquisadores se permitiram ser alunos do povo? Quem são os personagens que já possuem espaço fora das escolas de samba? São os trabalhadores ou aqueles que detém o saber acadêmico dentro das escolas?

Este trabalho buscou, ainda que modestamente, romper com essa lógica. Escutamos. Escrevemos com os pés no chão do barracão. Dialogamos com quem costura e com quem canta. Trouxemos os versos dos sambas de enredo como fonte legítima, como texto de análise, como saber pulsante. Fizemos da escuta nosso método e do afeto nossa epistemologia. E aprendemos, como nos ensina a expressão que exalta a ancestralidade: nossos saberes vêm de longe, vêm de antes, vêm dos nossos.

Percebemos ainda, que é difícil falar de samba, especialmente em Guaratinguetá, sem reconhecer o entrelaçamento profundo entre a religiosidade popular e a construção simbólica das escolas de samba. A fé, como vimos ao longo do trabalho, não está confinada aos templos ou às regras institucionais. Ela atravessa a avenida, percorre os barracões, embala os ensaios e consagra os desfiles. A fé que se manifesta no samba é uma fé encarnada: está no gesto de quem reza antes de entrar na avenida, de quem agradece a São Benedito depois da procissão, de quem carrega no peito a imagem de Nossa Senhora e saúda a Rainha do Mar.

Essa religiosidade popular é híbrida, sincrética, livre – e por isso mesmo, muitas vezes desacreditada pelas instituições oficiais. Mas ela é viva. E é justamente essa fé viva que sustenta o cotidiano de quem faz o carnaval com pouco dinheiro, com recursos improvisados, mas com muito axé. Como pude ouvir de uma desfilante da Embaixada do Morro no carnaval de 2024: *“A Embaixada fica falando dessas coisas de macumba. Eu não gosto. Mas vamos lá né, é pela Embaixada.”*. Ao mesmo tempo, pessoas encontram nas escolas de samba o lugar seguro de manifestar sua fé publicamente, quando enredos que cantam sobre orixás inundam a avenida e as ruas da cidade com outras palavras que divergem do cristianismo.

No Bonecos Cobiçados, fé e samba andam juntos. O que se canta na avenida, muitas vezes, é promessa, é louvor, é reza disfarçada de verso. E talvez seja isso que mais incomode os discursos conservadores: o fato de que a espiritualidade do povo se expressa também no batuque, no brilho, na dança. O carnaval é, entre outras coisas, liturgia da rua, missa em movimento, celebração da vida. Ali se cruza a força dos ancestrais com a criatividade dos jovens, o passado com o presente, o corpo com o espírito.

Nesse sentido, reafirmamos: não há separação entre o educativo e o religioso, entre o cultural e o espiritual. Nas escolas de samba, tudo se mistura. E é justamente nessa mistura que reside sua potência. Potência de ensinar, de curar, de resistir, de criar. No carnaval de 2024, a Mocidade Alegre do Pedregulho fez um enredo sobre a cura ao longo da história, em seu samba havia o seguinte verso *“Laialaiá, nosso remédio é sambar / Laialaiá nosso remédio é sambar / o samba é alegria, terapia popular / Vem cá, vem ver o meu poder de curar”*. É por isso que este trabalho, embora abrigado sob o título de uma dissertação em Educação, é também um *ato de fé* – fé no povo, no território, no samba e em seus saberes.

O caminho trilhado por esta pesquisa não se encerra aqui. Pelo contrário: ele aponta para múltiplas possibilidades de continuidade que aparecem como sugestões, reflexões, apontamentos e dúvidas. Algumas delas são a construção de materiais pedagógicos baseados em enredos de escolas de samba, voltados para a educação básica. Notamos, ao longo do trabalho, que o mundo do samba encontra resistência dentro das escolas regulares, tanto por

desafiarem a lógica educacional vigente quanto por intolerância de diferentes tipos. Nesse sentido, o samba aponta como ferramenta de afirmação da cultura negra e dos saberes periféricos, podendo ser contribuinte de uma educação mais afirmativa. Nessa esteira a inserção do tema do samba e da cultura popular nos currículos dos cursos de licenciatura, especialmente em História, Geografia, Artes e Pedagogia pode ser providencial para a efetivação do samba enquanto instrumento de educação, e de valorização da cultura popular. Do mesmo modo que o fomento de parcerias entre escolas públicas e escolas de samba, para a realização de projetos interdisciplinares e de extensão surge como ação potencialmente forte para a integração entre os saberes acadêmicos e os populares, assim como o fortalecimento desses lugares de saber.

Além disso, seria de grande valor a construção de acervos digitais que documentem e disponibilizem os sambas de enredo, as histórias das escolas, os depoimentos de seus integrantes. Esses registros não apenas preservam a memória, mas também a colocam em diálogo com o presente e com futuras gerações de pesquisadores, educadores e artistas. O caso desta pesquisa que se volta para Guaratinguetá se mostrou um desafio para o levantamento de dados, documentos e fontes, considerando a dispersão e a desorganização dos acervos existentes.

Ao longo destas páginas, ouvimos a cidade de Guaratinguetá cantar. E mais do que isso: *a escutam os ensinar*. Cada verso, cada batida, cada passo de mestre-sala era também uma lição. Uma lição sobre coletividade, sobre superação, sobre ancestralidade. A escola de samba, como dissemos, não é apenas espaço de festa. É cátedra, é memória viva, é pedagogia em movimento.

Ao afirmarmos que *a escola do bairro que samba* é também uma escola no sentido mais profundo do termo, estamos desafiando os discursos hegemônicos sobre o que é “educar”. Estamos dizendo, com todas as letras, que há ensino na roda, no barracão, na avenida. Que há currículo nos enredos, que há avaliação nos aplausos, que há ética na coletividade, que há filosofia no compasso da bateria.

O Bonecos Cobiçados, com sua história de luta, seu verde e rosa, seus ensaios cansativos e seus campeonatos esperados, é símbolo de uma população que não se rendeu. É testemunho de que o povo ensina, mesmo quando não é ouvido. E é exatamente por isso que esta dissertação se faz necessária: para escutar, para registrar, para devolver à cidade o que é seu por direito – seu saber, sua história, seu samba.

E que assim seja. Porque o samba continua. Porque o povo resiste. Porque a educação acontece – mesmo quando o sistema não percebe.

REFERÊNCIAS

ACADEMICOS DO CAMPO DO GALVÃO. **Congada ao Rei Negro São Benedito... Uma História de Amor, Fé e Devoção.** 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=00P5YTkti_8&list=RD00P5YTkti_8&start_radio=1
Acesso em: 01/08/2025

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. **O ofício dos griôs na África Ocidental:** sobre mitificação, classificação e a dimensão da palavra. In: “Áfricas: política, sociedade e cultura.” NASCIMENTO, Washington Santos; FONSECA, Danilo Ferreira da; MORENO, Helena Wakim; FONSECA, Mariana Bracks (Orgs.). Rio de Janeiro: Edições Áfricas, 2016.

ARAÚJO, G. F.; BARBOSA, A. de S. Cultura e identidade nacional nos anos Vargas: tensões e contradições de uma cultura oficial. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 72–106, 2016. DOI: 10.35699/2525-8036.2016.5009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revce/article/view/e5009>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BANDA MOLE. **Hino original.** 1970. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MYRf_xWd9Zc&list=RDMYRf_xWd9Zc&start_radio=1
Acesso em: 01/08/2025.

BATISTA, José Alberto Filho. **"De verde e rosa eu vou":** lugar geopsíquico e a Escola de Samba Bonecos Cobiçados. 2022. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Geociências, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/geografia/trabalhos/monografias-digitais/>. Acesso em: 29 maio 2024

BATISTA, José Alberto Filho. **"De verde e rosa eu vou":** lugar geopsíquico e a Escola de Samba Bonecos Cobiçados. 2022. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Geociências, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/geografia/trabalhos/monografias-digitais/>. Acesso em: 29 maio 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003. 141pp

BERNARDO, G. V.; COSTA, L. A. OCUPAR AS RUAS: A festa como política descolonizante do direito à cidade. **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 8, n. 28, p. 286-305, 15 mar. 2024

BERNARDO, Gabriel Vargas; COSTA, Luis Artur. Ocupar as ruas: a festa como política descolonizante do direito à cidade. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 8, n. 28, verão 2024

BEZERRA, J. A.. Como definir o bairro? Uma breve revisão. **Revista Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/310>. Acesso em: 2 jan. 2023.
BOMENY, Helena. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no estado novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fgv, 1999. Cap. 8. p. 137-166.

BONECOS COBIÇADOS. Jubileu de Prata. 1982.

BONECOS COBIÇADOS. **Om Mani Padme Hum... A Joia Sagrada do Oriente.** 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BxXAFxhxrKE&list=RDBxXAFxhxrKE&start_radio=1. Acesso em: 01/08/2025.

BONECOS COBIÇADOS. **Sonho meu, sonho meu, Hoje o samba é só saudade, Sonho meu.** 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NCcXtE9A3Wc&list=RDNCcXtE9A3Wc&start_radio=1. Acesso em: 01/08/2025.

BONECOS COBIÇADOS. **Theatrum Imagulae Animate: Uma Viagem à Tradição Popular do Teatro de Fantoches, nos 50 Anos de Bonecos.** 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=29Dbbp6t61w&list=RD29Dbbp6t61w&start_radio=1&t=12s. Acesso em: 01/08/2025

BONECOS COBIÇADOS. **Universidade do Samba Bonecos Cobiçados: Uma Opção de Qualidade.** 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IbDW-B3nigQ&list=RDlBbDW-B3nigQ&start_radio=1&t=1147s Acesso. 01/08/2005.

BRASIL. Constituição (1932). Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Decreta o Código Eleitoral. Rio de Janeiro, DF: Presidência da República, 24 fev. 1932

BRASIL. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 20/12/2023.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro.** 1.ed. Rio de Janeiro, Lazuli Editora, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987 Cap. 18. p. 341-345

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário tupi (antigo)-português.** Salvador: [s. n.], 1987. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org>. Acesso em: 17 set. 2025.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Florianópolis: Ed. Florianópolis, 2007.

CLAVAL, PAUL. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.35-86.

COELHO, Miguel Alexandre Batista. **Religiosidade popular: tradições, práticas e mitos.** 2017. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia – 1.º grau canônico) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2017.

CORREIO PAULISTANO. **Guaratinguetá**, 5 fev. 1900.

COSTA, Flávia Ferreira Lopes da. **Construção identitária de escolas de sambas-exaltação: uma perspectiva dialógica**. 2018. 124f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. **AS IRMANDADES RELIGIOSAS DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES**. *PerCursos*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 03-17, jan./jun. 2007. CULTURA GUARATINGUETÁ. **CARNALIVE 2022 - Guaratinguetá (2º Dia)**. Youtube, 27 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H1bpugl1ibs>

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1979

DAMATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6º Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Geografia da escuta: a possibilidade de caminho com as palavras no fazer geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 14, n. 24, p. 05–25, 2024. DOI: 10.46789/edugeo.v14i24.1374. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1374>. Acesso em: 6 jul. 2025.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia**. 2019. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, 2019. 172f.

DOZENA, Alessandro. **As territorialidades do samba na cidade de São Paulo**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-17022011-092548/>. Acesso em: 15 set. 2025.

EMBAIXADA DO MORRO, **Santo de Casa faz Milagre**. 2006. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=HmTT3YMV5Dg&pp=ygUVZW1iYW14YWRhZG9tb3JybYyMDA2>

EMBAIXADA DO MORRO. **A FÉ NÃO COSTUMA FALHAR**. 1999. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pZ6KaemL660&list=RDpZ6KaemL660&start_radio=1. Acesso em: 01/08/2025.

EMBAIXADA DO MORRO. **Dos bons filhos da Pedreira à Bonfiglio de Oliveira**. 2002. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WbHdkttvjEM&list=RDWbHdkttvjEM&start_radio=1. Acesso em: 01/08/2025.

EMBAIXADA DO MORRO. **Guaratinguetá, desculpe a demora**. 1984. https://www.youtube.com/watch?v=dQ6Fi_rmCkg&list=RDdQ6Fi_rmCkg&start_radio=1. Acesso em: 01/08/2025

EMBAIXADA DO MORRO. **No princípio era o Morro**. 1994. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y0EWF5BKW_8&list=RDY0EWF5BKW_8&start_radio=1 Acesso em: 01/08/2025

EMBAIXADA DO MORRO. **Proposta de Carnaval**. 1984b.

EMBAIXADA DO MORRO. **Santo de casa faz milagre**. 2006; Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HmTT3YMV5Dg&list=OLAK5uy_niTabDBreH7-LSu7JcwqGKYYn_RiH19eE&index=6. Acesso em: 01/08/2025.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de samba, identidade nacional e o direito à cidade**. 2012. 5 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

FERREIRA, Guilherme Alvez. **Estudo comparativo do patrimônio arquitetônico e do crescimento da malha urbana de Guaratinguetá no período de 1930 a 2018**. Monografia (Engenharia Civil) UNESP, p.69. Guaratinguetá, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981, p.79

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à Psicanálise**. [1916-1917a]. (Edições Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GEORGE, P. **Geografia Urbana**. Tradução do Grupo de Estudos Franceses de Interpretação e Tradução. São Paulo: Difel, 1983.

GLOBO. Arquivo N. **Ismael fala sobre o samba** (1977). 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8_KKiSPzz9Y&ab_channel=calulinho. Acessado em: 20/12/2023

GODOY, Adriano Santos. **Aparecida: espaços, imagens e sentidos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p. 48.

GUARATINGUETÁ. Bruna de Castro Maia. **Câmara Municipal de Guaratinguetá. História de Guaratinguetá**. 2022. Disponível em: <https://camaraguaratingueta.sp.gov.br/historia-de-guaratingueta/>. Acesso em: 20 setembro 2023.

GUARATINGUETÁ. **Roteiro Religioso**. 2025. Disponível em: <https://camaraguaratingueta.sp.gov.br/roteiro-religioso/>. Acesso em: 01/08/2025.

IBGE. IBGE: cidades. **CIDADES**. 2024 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20/06/2024

INEP: **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Brasília: Inep, 2003. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/mapa-do-analfabetismo-no-brasil>. Acesso em: 06/06/2024.

IVONE LARA, CAETANO VELOSO. Força da imaginação. In: IVONE LARA, **Bodas de Ouro**, 1999.

JÚNIOR, Antônio Figueiredo. **Bomfiglio de Oliveira**. O piston mágico do Brasil. 2024 1ªed. Guaratinguetá, 2024.

JURKEVICS, Vera Irene. **OS SANTOS DA IGREJA E OS SANTOS DO POVO: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004

LIGASP. Covid-19 no Brasil. Por que insistem em culpar o carnaval?. 12 de maio de 2020. Disponível em: <https://ligasp.com.br/covid-19-no-brasil-por-que-insistem-em-culpar-o-carnaval/> Acessado em: 08/08/2024

LIRA NETO. **Uma história do samba: as origens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
LOPES, N SIMAS, Luiz Antônio. **Dicionário da História Social do Samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 335p

MAIA, Thereza Regina Camargo. **Carnaval em Guaratinguetá**. Jornal do Carnaval. 1984
MAIA, Tom. **Hino dos estudantes de Guaratinguetá**. Nº345. Museu Frei Galvão. Arquivo Memória de Guaratinguetá. 2021.

MANGUEIRA. **Só com a ajuda do santo**. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LDA7xD5CdqA&list=RDLDA7xD5CdqA&start_radio=1. Acesso em: 01/08/2025.

MARCHA DO ESTUDANTE. **Marcha estudantil de Guaratinguetá**. 1949. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_jn27npXxAQ&list=RD_jn27npXxAQ&start_radio=1 Acesso em: 01/08/2025.

MATOS, Marcelo Pereira. **O Rio de Janeiro das escolas de samba: lugar, identidade e imagem urbana**. 2005. x, 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2005.

MOCELLIM, A. D. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. **Plural**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 105-128, 2011. DOI: 10.11606/issn.2176 8099.pcs.2010.74542. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74542>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MONTALVÃO (BRASIL), S. de S. Gustavo Capanema e o ensino secundário no Brasil: a invenção de um legado. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 25, p. e108349, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/108349>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MOREIRA, Ruy. **A Formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da Geografia do Brasil**. 2ªed. Rio de Janeiro. Consequência, 2014.

MOTTA, José Flávio; MARCONDES, Renato Leite. **O Comércio de Escravos no Vale do Paraíba Paulista Guaratinguetá e Silveiras na Década de 1870**. EST. ECON., SÃO PAULO, V. 30, N. 2, P. 267-299, ABRIL-JUNHO 2000

NETO, Lira. **Uma história do Samba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NÓVOA, A. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente**. Cadernos de Pesquisa, v. 47, n. 166, p. 1106-1133. out./dez. 2017.

OLIVEIRA, Juracira Alves de Oliveira. **Blocos da cidade de Guaratinguetá**. Trabalho de Folclore. 1982

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 392-426.

PASIN, J. L. A participação política do Vale do Paraíba no processo da Independência. **Revista de História**, [S. l.], v. 45, n. 92, p. 501-506, 1972. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1972.131873. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131873>. Acesso em: 1 jun. 2022.

PORTELA. Teste ao samba. 1939. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4K8zXQ1EPdA&list=RD4K8zXQ1EPdA&start_radio=1. Acesso em: 01/08/2025.

RAMOS, Melissa Ferreira. **Re-existência e ressurgência indígena: diáspora e transformações do povo Puri**. 2017. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017.

RIBEIRO, B. O. L.; DA SILVA, E. F. Educação e domínio: escola como ilusão de inclusão social do "negro" no Brasil da década de 1930. **Cadernos de História da Educação**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/11451>. Acesso em: 10 jun. 2024.

RIBEIRO, Fábila Barbosa. Caminho da Piedade, caminhos de devoção: as irmandades de pretos no Vale do Paraíba Paulista – século XIX. São Paulo: **Alameda Editorial/FAPESP**, 2017

ROSA, Noel. **Feitio de Oração**. 1951. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mrcd1fOOeyw>. Acesso em: 01/08/2025.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. ISBN 978-85-7511-501-5. DOI: 10.7476/9788575115015. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>. Acesso em: 15/06/2025.

Ruzene, F. **Breve História de Guaratinguetá e Região**. 2023. 2ª Edição.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de São Paulo**. Itatiaia: Livraria Itatiaia, 1976. 229 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2007b), “Para além do Pensamento Abissal: das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes”, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 78, 3-46. Capítulo 1 deste volume.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões** / Milton Santos; organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SEABRA, O. C. de L.. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003.397 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, Mônica Cândida Correa da. Igreja e religiosidade na urbanização de cidades coloniais. **Revista Urutágua - acadêmica multidisciplinar - DCS/UEM**, Maringá, n. 21, p. 8-37, maio/ago. 2010. Disponível em:

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Prefácio ou Notícias de uma Guerra Nada Particular: Os Ataques Neopentecostais às Religiões Afro-brasileiras e aos Símbolos da Herança Africana no Brasil**. 2007. P.9-27.

SIMPATIA É QUASE AMOR. **Samba da adivinhação**. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Bvs_EJtdhNE&list=RDBvs_EJtdhNE&start_radio=1. Acesso em: 01/09/2025.

SOIHET, Rachel. Um debate sobre manifestações culturais populares no Brasil dos primeiros anos da República aos anos 1930. **Trajeto: Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da UFC**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2001.

SOUZA, M. de M. e. Reis do Congo no Brasil, séculos XVIII e XIX . **Revista de História**, [S. l.], n. 152, p. 79-98, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i152p79-98. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18998>. Acesso em: 1 jun. 2022.

TUAN, Y.-F. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista / Space, time, place: a humanistic frame. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15, 20 nov. 2011.

TUAN, Y.-F. Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 28 out. 2018.

UNIDOS DA VERDE E ROSA. **Tudo isso no Campinho tem**. 2004. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YUYMdr3A7Vs&list=RDYUYMdr3A7Vs&start_radio=1. Acesso em: 01/05/2025.

VEJA Rio. Artigo que culpa desfiles por casos de Covid em 2020 gera polêmica. 18 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/desfiles-sambodromo-covid-escolas-samba> Acessado em: 08/08/2024

VEJA. Escolas de samba protestam contra corte de recursos no Rio. 17 de junho de 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/escolas-de-samba-do-rio-protestam-contracorte-de-recursos> Acessado em: 08/08/2024

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 145-180

WAGNER, Philip L., MIKESELL, Marvin W. Temas da Geografia Cultural. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: Um Século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p.111-167.

BOSSÉ, Mathias Le. (2004). As Questões de Identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ.